

Manaus, Santarém, Rio Branco, Alzamira,  
Boa Vista, Macapá, Porto Velho - Cr\$ 900,00

cadernos do

# terceiro mundo

Cr\$ 700,00 - Ano VI - Nº 60

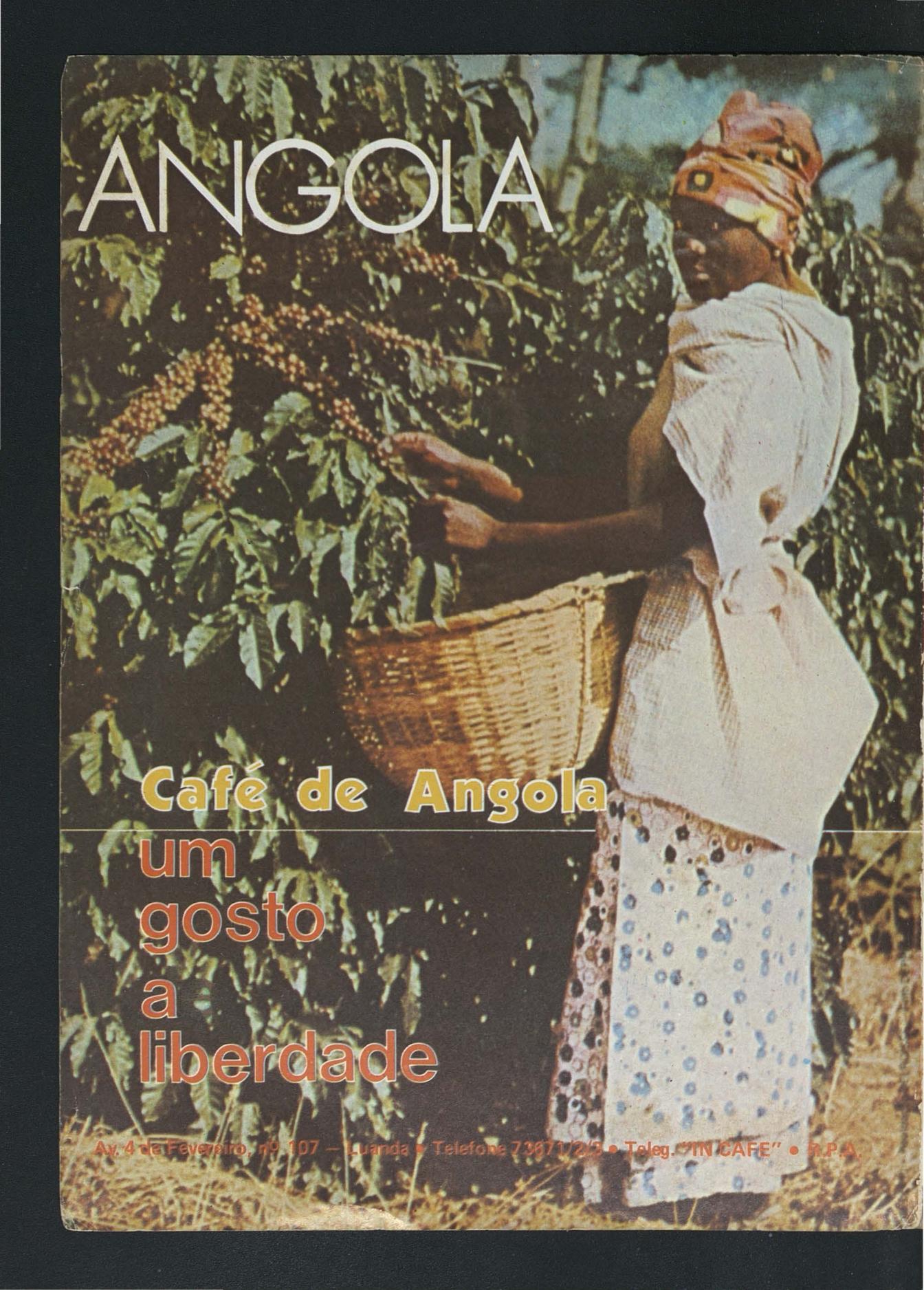
# AS CHAMAS DA GUERRA REAGAN NA OFENSIVA

MÍSSEIS  
GRANADA  
NICARÁGUA  
ANGOLA  
LÍBANO

## CULTURA E DEMOCRACIA

### A peça "Vargas" reacende a polêmica



A woman wearing a colorful headwrap and a white shawl is harvesting coffee beans in a plantation. She is holding a large woven basket. The background shows lush green coffee plants with ripe red cherries.

# ANGOLA

**Café de Angola**  
um  
gosto  
a  
liberdade

Av. 4 de Fevereiro, nº 107 — Luanda • Telefons 73671/2/3 • Teleg. "IN CAFE" • R.P.A.

The image features two large, faceted diamonds as the central focus. One is a triangular-cut diamond on the left, and the other is a larger, rectangular-cut diamond on the right. They are set against a dark, textured background that resembles a surface of smaller diamonds or mineral grains. The lighting highlights the facets and internal reflections of the diamonds.

*Os diamantes  
de Angola  
são mais  
brilhantes*

*Estão agora a serviço do povo  
e da reconstrução nacional*

**Companhia de Diamantes de Angola**



**TAAAG**

LINHAS AÉREAS DE ANGOLA  
★  
ANGOLA AIRLINES

aos leitores

## A invasão de Granada **Uma afronta à consciência mundial**

Os dramáticos acontecimentos em Granada fizeram com que alterássemos algumas páginas do presente número de *cadernos do terceiro mundo* para incluir uma matéria de Opinião, assinada pelo nosso diretor, Neiva Moreira, se posicionando perante a injustificável invasão dos *marines* norte-americanos e analisando as suas repercussões internacionais. Não poderíamos deixar de nos pronunciar diante de um fato que comove a opinião pública mundial, que quase unanimemente condena uma decisão do governo Reagan que não tem precedentes nem mesmo na longa história de intervenções norte-americanas em diferentes partes do mundo. No passado a Casa Branca pelo menos se preocupava

em manter a fachada de "legalidade", procurando o aval do Congresso e dos organismos internacionais, como a OEA, quando da invasão à República Dominicana, em 1965.

O nosso número já estava fechado, com matéria de capa sobre *Cultura e democracia*, uma incursão em problemas que são tão importantes para o desenvolvimento dos povos quanto as questões de soberania nacional ou as opções em matéria econômica. O debate surgido em torno de algumas iniciativas como a encenação da peça "Vargas" motivou um desejo de aprofundar mais a análise de um fato novo: o renascimento cultural no Brasil, a partir do avanço no processo de abertura política.

Publicações com informações e análises das realidades, aspirações e lutas dos países emergentes, destinadas a consolidar uma Nova Ordem Informativa Internacional.

**Editor Geral**  
Neiva Moreira

**Editores Associados**  
Pablo Piacentini e Beatriz Bissio

**Conselho Editorial Internacional**  
Darcy Ribeiro - Juan Somavía  
Henry Pease García  
Aquino de Bragança  
Wilfred Burchett

Revista Mensal nº 60  
Novembro - 1983  
Preço de Capa: Cr\$ 700,00  
Nºs atrasados: ao preço do  
último exemplar

• **Edições em português**

**BRASIL**

**Diretor e Editor**  
Neiva Moreira

**Diretor Administrativo**  
Antônio Neiva

**Secretário de Redação**  
José C. Gondim

**Arte**  
Samara (editor de arte)  
Sonia Freitas/Miguel Efe

**Revisão**  
Cláudia Guimarães

**Documentação e Arquivo**  
Lídia Freitas  
Eunice H. Senna

**Composição**  
Ronald Fonseca

**Distribuição e Assinaturas**  
Inácio D. Santos  
Maria José S. Santos

**Divulgação**  
Henrique Menezes

**Representantes**  
Clóvis Sena (Brasília)  
Paulo Cannabrava Filho (São Paulo)  
Caixa Postal 60086 - CEP 05033

**Josemar Pinheiro Silva**  
Rua Tamandaré, 1 - Sala 1  
65000 - São Luís (Maranhão)

**Beatriz Schiller (Estados Unidos)**  
18 East, 18th Street ap. 3E  
Nova York - NY 10003  
Tels.: (212) - 691-9142/929-5783

**Fotolito e Impressão**  
Ébano Gráfica e Editora Ltda.  
Rua Gal. Bruce, 799  
Tels.: 580-4476/580-4326

**Circulação em 70 países**  
editora terceiro mundo ltda.  
Rua da Glória, 122 - grupo 105/106  
Tel.: 242-1957/Telex: 2133054CTMB/BR  
CEP 20.241 - Rio de Janeiro - RJ  
Registrado na Junta Comercial do Estado  
do Rio de Janeiro nº 33.200.306.291  
C. G. C. (MF) nº 30.876.783/0001-32  
Inscrição Estadual nº 81.341.400  
Registro no SCDP/SR/DDF  
nº 2.195 - P. 209/73

**ANGOLA - CABO VERDE  
GUINÉ-BISSAU - MOÇAMBIQUE  
PORTUGAL E SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE**

**Editor**  
Artur Baptista

**Redação**  
Baptista da Silva  
Carlos Pinto Santos

**tricontinental editora ltda.**  
Calçada do Combro, 10/19  
telefone: 32 06 50 - Lisboa - 1200

**Birô Africano**

**Angola**  
Eduardo Segui - Luis Henrique  
Caixa Postal 3.593 - Luanda  
**Moçambique**  
Etevaldo Hipólito - João Escadinha  
Rua do Kongwa, 153 - Maputo

• **Edições em espanhol**  
**MÉXICO - AMÉRICA CENTRAL  
AMÉRICA DO NORTE E CARIBE**

**Editor**  
Roberto Remo

**Gerente Geral**  
Gerónimo Cardoso

**editora periodistas del tercer mundo a. c.**  
Calle California, 98A - Coyoacán  
México, 21 DF - telefone: 689-1740  
Correspondência: Apartado Postal, 20 572  
México, 20, DF

**BOLÍVIA - CHILE - COLÔMBIA  
EQADOR - PERU - VENEZUELA**

**(Edição Andina)**  
Publicada por DESCO: Centro de Estudios y  
Promoción del Desarrollo  
Avenida Salaverry, 1945  
Lima, 14 - Peru - Telefone: 724-712

• **Edições em inglês**  
**ESTADOS UNIDOS - CANADÁ  
EUROPA e PAÍSES DE LÍNGUA  
INGLESA NO TERCEIRO MUNDO**

**Editor**  
Fernando Molina

**Editor Consultivo**  
Cedric Belfrage

Apartado Postal, 20.572 - México, DF.

**DISTRIBUIDORES**

**ANGOLA:** EDIL - Empresa Distribuidora Livraria UEE, Avenida Luis de Camões, 111, Luanda. **BELIZE:** Cathedral Book Center, Belize City. **BOLÍVIA:** Tecnolibros S. R. L., Casilla de Correo 20288, La Paz. **CANADÁ:** Third World Books and Crafts, 748 Bay St. Ontario, Toronto - The Bob Miller Book Room, 180 Bloor St. West, Toronto. **COLÔMBIA:** Ediciones Suramérica Ltda., Carrera 30 No. 23-13, Bogotá. **COSTA RICA:** Seminario Nuevo Pueblo, Av. 8 Calles 11 y 13 No. 1157, San José. **CHILE:** Distribuidora Sur, Dardignac 306, Santiago. **EQADOR:** Ediciones Sociales, Córdova 601 y Manduburo, Guayaquil - RAYD de Publicaciones, Av. Colombia 248, of. 205, Quito Ed. Jaramillo Artaga, Tel. 517-590, Reg. Sendip Pex 1258. **EL SALVADOR:** Librería Tercer Mundo, Primera Calle Poniente 1030, San Salvador - El Quijote, Calle Arce 708, San Salvador. **ESTADOS UNIDOS:** Guild News Agency, 1118 W. Armitage Ave., Chicago, Illinois - New World Resource Center, 1478 W. Irving Pl., Chicago, Illinois - Librería Las Américas, 152 East 23rd Street, New York, N. Y. 10010 - Third World Books, 100 Worcester St., Boston, Mass 02118 - Librería del Pueblo, 2121 St., New Orleans, LA 70130 - Papyrus Booksellers, 2915 Broadway at 114th St., New York, N. Y. 10025 - Tom Mooney Bookstore, 2595 Folsom Street, San Francisco, CA 94110 - Book Center, 518 Valencia St., San Francisco, CA - Red and Black, 4736 University Way, Seattle - Groundwork Bookstore, U. C. S. D. Student Center B-023, La Jolla, CA. **FRANÇA:** Centre des Pays de Langue Espagnole et Portugaise, 16 Rue des Ecoles, 75005 Paris. **GRÁ BREITANHA:** Latin American Book Shop, 29 Islington Park Street, London. **GUINÉ-BISSAU:** Departamento de Edição-Difusão do Livro e Disco, Conselho Nacional da Cultura. **HOLANDA:** Athenaeum Bookhandel, Spui 14-16, Amsterdam. **HONDURAS:** Librería Universitaria "José Trinidad Reyes", Universidade Autónoma de Honduras, Tegucigalpa. **ITALIA:** Paesi Nuovi, Piazza di Montecitorio, 59/60, Roma - Feltrinelli, Via de Babuino, 41 Roma - Alma Roma, Piazza P. Paoli, 4-A, Roma - Spagnola, Via Monserrato, 35/6, Roma - Usita, Bianchi Vacchi, 45 Roma. **MÉXICO:** Unión de Expendedores y Vendedores de Periódico, Humboldt No. 47, México 1, D. F. - Distribuidora Seyrols de Publicaciones, S. A., Mier y Pesado No. 130, México 12, D. F. - Librerías México Cultural, Mier y Pesado No. 128, México 12, D. F. - Metropolitana de Publicaciones, Librería de Cristal e 100 livrarias em todo o país. **MOÇAMBIQUE:** Instituto do Livro e do Disco, Ave. Ho Chi Minh 103, Maputo. **NICARÁGUA:** IMELSA, A. P., nº 2705, Manágua, Nicarágua. **PANAMÁ:** Librería Cultural Paramaña, S. A., Ave España 16, Panamá. **PERU:** Distribuidora Runamarca, Camaná 878, Lima 1. **PORTUGUAL:** Dijornal, Rua Joaquim António de Aguiar 66, Lisboa. **PORTO RICO:** Librerías La Tertulia, Amalia Marín Esq. Ave González, Río Piedras - Pannamiento Crítico, P. O. Box 29915, 65th Inf. Station, Río Piedras, P. R. 00929. **REPÚBLICA DOMINICANA:** Centro de Estudios de la Educación, Juan Sánchez Ramíroz 41, Santo Domingo - DESVIGNE, S. A., Ave Bolívar 354, Santo Domingo. **REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMÁNHA:** Con. Medien und Vertriebs GMBH, Osterstr. 36, 2800 Bremen. **S. TOMÉ E PRÍNCIPE:** Ministério de Informação e Cultura Popular. **SUECIA:** Wenngrén-Williams AB, S-10425, Stockholm. **VENEZUELA:** Publicaciones Españolas, S. A., Ave México Lechosa a Pte. Brion, Caracas.

**BRASIL:** Fernando Chingliá Distribuidora S. A., Rua Teodoro da Silva, 907 - Rio de Janeiro.

cadernos do terceiro mundo utiliza os serviços das seguintes agências: ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), INA (Iraque), IPS (Inter Press Service), SHIHATA (Tanzânia), Wafa (Palestina), e do pool de agências dos Países Não-Alinhados. Mantém um intercâmbio editorial com as revistas APSI (Chile), África (Espanha), Nueva (Equador), Novembro (Angola), Tempo (Moçambique), Altercom (Ilet), Dialogo Nord/Sud (Itália), e com o jornal Daily News de Dar-es-Salaam (Tanzânia).

Capa: Mariano

*LEITOR: Você é indispensável na divulgação de nossa revista. Mostre CADERNOS aos amigos e participe desta promoção.*

**ARRANJE 3 ASSINANTES E GANHE UM BRINDE**

*Escolha entre: • uma assinatura grátis para você ou de presente a um amigo(a), ou • 2 (dois) livros da "Estante do Terceiro Mundo" constante desta edição*

Envie-nos preenchidos os 4 cupons abaixo. Junte a eles cheque nominal ou va le postal no valor correspondente a 3 assinaturas. Não deixe de escolher seu brinde no cupom próprio.

**CUPOM DO BRINDE**

Desejo receber uma assinatura anual de **cadernos do terceiro mundo** (Cr\$ 6.600,00). Remeto  **cheque nominal** à Editora Terceiro Mundo Ltda., ou  **vale postal** no valor acima. 60

Nome: .....  
 Profissão: ..... Idade: .....  
 Endereço: ..... Bairro: .....  
 CEP: ..... Estado: ..... Cidade: .....

Desejo receber uma assinatura anual de **cadernos do terceiro mundo** (Cr\$ 6.600,00). Remeto  **cheque nominal** à Editora Terceiro Mundo Ltda., ou  **vale postal** no valor acima. 60

Nome: .....  
 Profissão: ..... Idade: .....  
 Endereço: ..... Bairro: .....  
 CEP: ..... Estado: ..... Cidade: .....

Desejo receber uma assinatura anual de **cadernos do terceiro mundo** (Cr\$ 6.600,00). Remeto  **cheque nominal** à Editora Terceiro Mundo Ltda., ou  **vale postal** no valor acima. 60

Nome: .....  
 Profissão: ..... Idade: .....  
 Endereço: ..... Bairro: .....  
 CEP: ..... Estado: ..... Cidade: .....

Por conseguir mais três assinaturas de cadernos, pelas quais remeto Cr\$ 19.800,00 em  **cheque nominal** ou  **vale postal** à Editora Terceiro Mundo Ltda., tenho direito a receber: ( ) Uma assinatura anual de cadernos ou ( ) dois livros da Estante do Terceiro Mundo: códigos ( ) e ( ) . 60

Nome: .....  
 Profissão: ..... Idade: .....  
 Endereço: ..... Bairro: .....  
 CEP: ..... Estado: ..... Cidade: .....

# estante do terceiro mundo

O reembolso que leva sua leitura a sério e... com desconto!

Desejo receber pelo reembolso postal os livros assinalados com os descontos a que tiver direito segundo a tabela publicada no anúncio originário.

"Estante" da revista nº 59, válida exclusivamente, para pedidos no período de circulação da mesma.

Código	Quantidade

● Porte a cobrar sobre valor líquido, isto é, deduzido de desconto se houver.

● Comprador:  não-assinante  
 já assinante  
 assinante novo:  
 estou remetendo juntamente com este pedido o cupom de assinaturas preenchido e o cheque nominal ou vale postal referente à assinatura.

Nome: ..... Data ..... / ..... / .....

Profissão: ..... Idade: .....

Endereço: .....

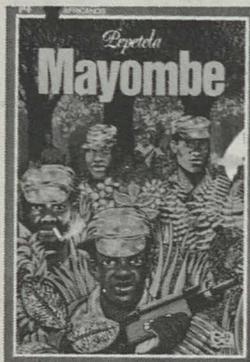
Cidade: ..... Estado: ..... CEP: ..... Ass. do Comprador

Editora Terceiro Mundo Ltda., Rua da Glória, 122 - grupo 105/106 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20241

## TABELA DE DESCONTOS

- 10% para "não-assinantes" em 3 livros ou mais.
- 15% para "assinantes" na compra de 2 livros.
- 25% para "assinantes" em 3 livros ou mais.

Assine **cadernos** pelo cupom próprio no interior da revista e passe a ter direito a desconto especial de assinante (até 25%) desta seção.



### MAYOMBE

de Pepetela

Misto de filosofia, realismo, poesia e história, MAYOMBE foi escrito durante um ano, à noite, em plena Floresta de Cabinda, onde o autor lutava. MAYOMBE gira, em essência, sobre a problemática dos valores e contradições da guerra de libertação, mais especificamente a realidade angolana.

E-19 Cr\$ 1.700,00



### O MASSACRE DE SABRA E CHATILA

de Amnon Kapeliouk

Depois do inquérito feito tanto em Israel quanto no Líbano, o autor - correspondente do "Le Monde" - expõe, com o apoio de numerosos documentos, o que realmente se passou em Beirute, hora a hora, entre o assassinato de Bechir Gemayel e a descoberta, quatro dias após, de centenas de corpos nas ruínas de Sabra e Chatila. Quais as responsabilidades de Israel? A resposta está neste livro.

E-20 Cr\$ 2.200,00



### TEORIAS DO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

de Theotonio dos Santos

O autor procura compreender e criticar a herança teórica construída sobre o capitalismo contemporâneo. Theotonio coloca com síntese e clareza desde a questão da acumulação do capital até o estado atual da discussão sobre o capitalismo de hoje.

E-22 Cr\$ 2.200,00

- 6 Cartas
- 9 Panorama Tricontinental
- 14 Editorial – As canhoneiras do FMI
- 18 Matéria de capa – Cultura e democracia
- 22 Darcy Ribeiro: Repensar a cultura, abrindo novos espaços,  
*Beatriz Bissio*
- 27 Dalal Achcar: “Pôr a cultura ao alcance de todos”
- 30 “Vargas”, o nacionalismo volta à cena
- 33 Hélio Silva: A lenda ensina história
- 35 Dias Gomes: Em busca de uma nova linguagem teatral
- 37 Arte e participação, *Melina Mercouri*

Opinião

- 40 Granada: As chamas da guerra, *Neiva Moreira*

Caribe

- 42 Granada: A volta do “big stick”
- 44 A nota do PC cubano

América Latina

- 46 Uruguai: O poder das panelas, *Micaela Ramada*
- 50 Os estudantes na luta popular, *Severina Lautaro*
- 53 Panamá: Conservadores perdem força, *Paulo Cannabrava Filho*

África

- 56 África do Sul: A crise no “apartheid”, *Carlos Castilho*

Ásia

- 60 Paquistão: Momentos decisivos, *M. Venugopala Rao*
- 63 Timor Leste: A guerra divide os militares indonésios,  
*Etevaldo Hipólito*
- 67 Filipinas: A guerrilha por dentro, *Toshio Murayama*

Norte/Sul

- 73 Futuro sombrio para o Terceiro Mundo
- 75 A crise africana em números
- 76 A armadilha do petróleo

Cultura

- 77 Martinica: “A rua dos barracos negros”, *Julia Constenla*
- 80 Moçambique: Muralistas descem às minas de carvão
- 83 Notas

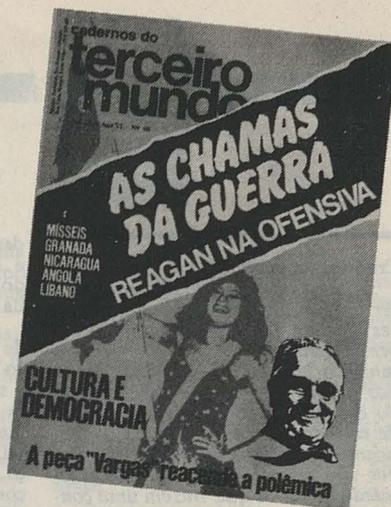
Comunicação

- 85 Notas

Especial/Documento

- 87 Israel e o nazismo, *Israel Shahak*

- 96 Humor: Mariano



*Maurice Bishop: mártir*



*Dissidências no “apartheid”*

## CARTAS



### Critérios de publicação das cartas

*A seção de cartas tem procurado ser um canal, através do qual os leitores possam levantar questões e expressar seus pontos de vista. No entanto, o crescente número de cartas nos coloca o problema da limitação do espaço e impõe o estabelecimento de critérios para a sua publicação. Basicamente dois: de conteúdo e de forma. Em primeiro lugar, damos prioridade às cartas que trazem uma contribuição nova para a análise e aprofundamento das questões relativas ao Terceiro Mundo. E, segundo, aos leitores que o fazem de maneira suscinta, se limitando a um tamanho máximo de uma lauda datilografada.*

*De agora em diante, atendendo a inúmeros pedidos nesse sentido, entre as cartas que satisfaçam esses critérios, uma será escolhida para publicação na íntegra. As cartas devem ser assinadas com nome completo, indicando endereço, estado e país.*

### Comitê de solidariedade à Nicarágua

Temos a satisfação de comunicar a criação do Comitê de Apoio ao Povo da Nicarágua na cidade de Ijuí - Rio Grande do Sul. O Comitê visa divulgar a luta do povo nicaraguense na conquista e construção de sua pátria e de sua história; aprender e exercer o ato político da solidariedade, e saber o que nos espera e o que é preciso fazer para conquistar nossa própria história (...) É propósito do Comitê manter contatos com comitês similares a nível internacional. Para isso, solicitaríamos que nos fornecessem o endereço desses grupos. Desde já, nossos agradecimentos. Dinarte Belafo, coordenador do Comitê (rua Bernardo Gressler, 221, Bairro das Palmeiras), Ijuí, RS, Brasil.

### Costa Rica I

Para nós, costarriquenses, é agradável conhecer os pontos de vista mais variados sobre nossos problemas. Li com muita atenção o artigo, na edição de agosto da sua prestigiada revista, "Costa Rica: Sinal verde para os 'contras'." Respeito a opinião dos senhores Jauberth e Salas, ambos ci-

dadãos costarriquenses, pertencentes à coalizão minoritária "Pueblo Unido" que representa a extrema-esquerda da Costa Rica.

Costa Rica possui uma neutralidade ativa que exige dos vizinhos respeito e que não permite que seja violada a sua integridade territorial. Para Costa Rica, garantir sua integridade e manter sua neutralidade é fundamental, por não ter forças armadas como os países do Grupo de Contadora, com as quais defendem sua institucionalidade. Entretanto, Costa Rica sempre manteve a tradição de asilo territorial sem se importar com a ideologia. Hoje em dia, a organização Arde tem um escritório na Costa Rica, assim como a FDR-FMLN e outras organizações. Na Costa Rica não temos o pluralismo ideológico. A Guarda Civil, composta de uns cinco mil homens responsáveis por manter a segurança em todo o território nacional, realiza esforços cotidianos para assegurar que o território nacional não seja utilizado para agressões aos seus vizinhos. Também realiza esforços para que os seus vizinhos respeitem nossa integridade territorial.

Foram capturadas pessoas por delitos, claramente tipificados nas legislações dos países civilizados. Como declarou Arnoldo Ferreto (chefe da facção parlamentar do "Pueblo Unido"): "Na Costa Rica não temos presos políticos".

Lamento que em outro artigo da mesma edição, o distinto jornalista Neiva Moreira considere o governo de Costa Rica nos termos que o faz. Afortunadamente, o povo de Costa Rica poderá julgar o governo em eleições livres e regulares. Até hoje, Costa Rica se distingue por ser um país no qual os comunistas são obsoletos. As reformas sociais da Costa Rica fizeram dela, o que me manifestou um colega de um país socialista que esteve destacado em Costa Rica, "um país privilegiado pelo Senhor".

Atenciosamente,

Rodrigo X. Carreras, embaixador da Costa Rica no Brasil, Brasília, DF, Brasil.

### Costa Rica II

(...) O país democrático que o compositor brasileiro Milton Nascimento canta como coração civil, sem

polícia nem milícia, não existe mais. O governo, num ato da mais alta traição a nossas tradições, vem às escondidas preparando a polícia com a ajuda de especialistas israelenses nos já preocupantes Comando Norte e Comando Sul - quando não se consegue dar instrução ao povo, nada melhor do que instruir a polícia (...) Nós, costarriquenses, não temos medo do governo popular da Nicarágua, que vem erradicando o analfabetismo e continua trabalhando religiosamente para tirar o povo do atraso endêmico no qual o mantinha a ditadura somozista, hoje quase toda residente na Costa Rica. Mas a imprensa, sim, é utilizada para inculcar nos costarriquenses o ódio aos irmãos nicaraguenses. Através da distorção das notícias, uma tímida estagnação da inflação e um dólar dois colones mais barato - pão e circo para o povo, para desviá-lo de suas verdadeiras aspirações - teremos uma nação inteira revoltada contra um povo que pagou muito caro pela liberdade e sofre pressões internacionais que o devolvem aos tempos da Santa Inquisição (...) Não são balas que os povos oprimidos querem, é comida. O que está explodindo aqui não é comunismo importado, é fome nacional (...) Se os Estados Unidos pretendem conservar nossa amizade, precisam se imbuir de sinceridade e realismo, pois agora não são mais donos e senhores do outorão "feudo norte-americano". É necessário amadurecer. Paul Agustín Soto Lizano, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

### Apartheid

(...) Pois afirmo mais uma vez que muitos elementos de todas as raças e origens, sul-africanas ou não, estão a compreender de fato sobre o escárnio, e a tortura que os sanguessugas do apartheid têm feito. Portanto, isso prova mais uma vez que são vários os que hão de seguir o exemplo do tenente sul-africano, o médico Gerald Eckert, que ao desertar, afirmou: "Gostaria de dizer aos oficiais das forças sul-africanas e aos oficiais brancos em geral, que me consideram um exemplo: 'Esta é uma forma de lutar contra o apartheid. A causa do apartheid não tem sentido.'" Domingos A. Rodrigues, Luanda, República Popular de Angola.

## CARTAS



### CARTA DO MÊS

#### Regime político escraviza e mata camponeses

A situação dos camponeses brasileiros que, o regime político-militar traçou desde a quartelada de 64 tem hoje um saldo muito alto: 79 assassinatos (somente os que foram descobertos), 30 milhões de hectares do território nacional estão em mãos de grandes fazendeiros, cerca de 400 mil posseiros trabalham em áreas inferiores a 20 hectares, 14 milhões de lavradores não têm terra, 8 milhões de bóias-frias, 9 milhões de famílias não possuem um palmo de terra para plantar e temos ainda muitos milhões de pessoas doentes por causa da fome.

Não dá mais para contar os despejos, assassinatos e tipos de escravidão que diariamente são cometidos contra os camponeses. Nesses conflitos estão envolvidos desde juizes, oficiais de justiça, policiais, e pistoleiros profissionais, que acobertados pelos fazendeiros e grileiros fizeram do campo um lugar de verdadeira concentração. Os corpos dos homens estão sempre tombando na luta pela posse da terra. Para se ter uma idéia, colocaremos aqui apenas alguns exemplos do que está acontecendo nos estados de Goiás e Mato Grosso: na fazenda Vale do Rio Cristalino-PA, com 141 mil hectares de terra, de propriedade da Volkswagen, 600 trabalhadores são escravizados nos mais duros trabalhos de desmatamento, para a implantação de 106 mil cabeças de gado; eles são espancados, presos em cárceres, as mulheres são violentadas sexualmente.

Há também venda de escravos, como por exemplo: sete trabalhadores foram contratados em Canabrava, município de Mato Grosso, para trabalharem na fazenda Vale do Rio Cristalino, por um empreiteiro conhecido por Batista. Logo ao chegar, dia 23 de janeiro, foram vendidos a outro empreiteiro por nome de Abilão. Neste mesmo dia, um trabalhador foi espancado, deixado nu e amarrado a uma árvore no meio da mata, e outro morreu de malária. Os "gatos", com ajuda dos pistoleiros armados, perseguem os que tentam fugir, espancam até matar e jogam no rio. Em fevereiro último, um lavrador era espancado

enquanto sua mulher era violentada pelos pistoleiros, ao mesmo tempo que um outro que ficou louco dormia amarrado a uma árvore até morrer.

Os lavradores não podem sair dali porque nunca saldaram suas dívidas, já que os preços das coisas são exorbitantes.

Tirar a orelha e levar ao patrão: esta é uma forma dos pistoleiros provarem que mataram. Nestes últimos dias foi morto com 4 tiros de revólveres 32 e 22, o lavrador Lourenço Cardoso da Silva. O seu corpo foi encontrado entre duas cercas de arame farpado pelos próprios filhos que iam para a escola.

A questão mais complexa que se coloca é a causa principal de toda essa situação. Onde é que está a raiz do problema? A raiz principal é o modelo econômico, o sistema político capitalista que mantém no Brasil a opressão, a ditadura, o feudalismo e o carrancismo; está voltando o tempo dos coronéis. Tudo isto se manifesta nas mais diversas formas de escravidão, onde tanto o legislativo, executivo como o judiciário são diretamente responsáveis por esses conflitos e mortes dos camponeses. Uma outra questão bem mais profunda é o problema da ligação do sistema político com os fazendeiros. É preciso atacar e combater os dois lados, pois o problema é bem mais profundo, de uma vez que os fazendeiros são intermediários do sistema e o sistema apóia os fazendeiros. Francisca Santos, Itapuranga, GO, Brasil.

#### Alcool

(...) Cabe ressaltar a excelente matéria sobre o álcool como alternativa energética, não só pela abordagem técnica, mas pela abordagem política e econômica, através de uma ótica do Terceiro Mundo. Solicito que publiquem matéria sobre o líder do M-19, morto em acidente aéreo, conforme foi noticiado por cadernos, nº 57. Luiz Antônio Borges, São Paulo, SP, Brasil.

Estendo os parabéns para o belíssimo documento sobre o álcool, do nº 57. Impressiona o tratamento dado pelos poderes públicos para o Proálcool, quando percebe-se claramente estarmos com uma bomba retardatária nas mãos que, além de não conhecermos o momento de sua explosão, desconhecemos o antídoto de seus efeitos (...) É viável a intensificação da procura de energia alternativa, porém não sacrificando a produção de alimentos (...), prova-se que ainda não aprendemos a lição colonial da monocultura. É preciso produzir álcool, mas sem envenenar a terra e matar mais gente de fome. Juvenal T. da Silva, Jacobina, BA, Brasil.

#### História da esquerda brasileira

(...) Venho pedir-lhes para realizarem uma reportagem sobre a história da esquerda brasileira, abordando todas as suas fases, e também como se encontra atualmente. Gostaria ainda que abordassem as perspectivas do socialismo no Brasil. Rogério Ferrari de Souza, Ipiáú, BA, Brasil.



Casa de um lavrador destruída por grileiros, no Maranhão

## CARTAS



### Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe

(...) Gostaria de me comunicar, para troca de publicações e idéias, com pessoas residentes na República de Cabo Verde e na de São Tomé e Príncipe (...) Agradeceria que me informassem a respeito dos exemplares de cadernos nos quais saíram reportagens sobre estes países e como adquiri-los. Geraldo J. Volpão, Paranaquá, PR, Brasil.

*cadernos publicou matérias sobre Cabo Verde nos números 25 e 47 e, sobre São Tomé e Príncipe, 25 e 44.*

### Civilizações antigas

Sou leitora desta revista e a admiro muito. Como gosto muito de história, aproveito para sugerir uma reportagem sobre os vestígios de civilizações que existiram na América Latina, África e Ásia (...) A gente vê que até na cultura o Terceiro Mundo é lesado, pois a maioria dos objetos que nos foram legados por esses povos estão em museus europeus. Maria Eunice Schuch, Tapes, RS, Brasil.

### Números atrasados

Pela primeira vez, tive oportunidade de ver os cadernos numa banca de revistas. (...) Estou desejando iniciar a coleção adquirindo todos os exemplares, do 1º ao 56. Peço que me enviem correspondência indicando como devo proceder para obtê-los, o mais depressa possível. Welliton Cardoso Nunes, Jaguaribe, CE, Brasil.

*Exemplares atrasados podem ser adquiridos aqui na Editora. As outras informações a respeito de preços, envios etc, serão dadas diretamente ao leitor.*

### Espaço para estreates

(...) Sugeriria a criação de uma página para estreates que tenham já concluído ou que estejam fazendo ainda o curso de Comunicação, e outros interessados, pois tal iniciativa muito viria motivá-los no campo da comunicação alternativa. Daniel Miranda, Santa Cruz do Timbó - SC - Brasil.

### Terceira guerra mundial

Venho por meio desta prestar minha solidariedade a todos os povos e movimentos revolucionários do Terceiro Mundo em defesa da sua liberdade e do socialismo, pois este é o único caminho para alcançarmos nossa independência e superarmos nossas dificuldades. Estou solidário com todos os povos da América Latina e África, enquanto esses países tiverem a sua soberania ultrajada por ditadores e fascistas sustentados pelo impe-

rialismo norte-americano. (...) Se algum dia houver uma terceira guerra mundial, o único culpado será este belicista degenerado chamado Reagan. Não adianta ele querer ficar culpando a União Soviética e o bloco socialista: simplesmente os povos estão cansados de serem pisados por botas militares corruptas, que em nome de uma ordem social, torturam, matam e mandam para o exílio os verdadeiros patriotas! Luiz Henrique M., Aracajú, SE, Brasil.

### Intercâmbio

**Esmael Jamú Mussá**  
Rua Comandante Gaivão, nº 327  
R/C - Ponta-Gêa - Beira - Rep.  
Pop. de Moçambique

**Tiago Garcia Fernando**  
Rua Principal do Xapuleiro  
C. P. 6, Kunge, Kuito, Bié  
Rep. Pop. de Angola

**Gilson de Castro Vidal**  
Rua Rodrigues de Albuquerque, 247  
Irajá - Rio de Janeiro - RJ -  
CEP 21.230 - Brasil

**João Baptista Lukombo Nzatzuzola**  
C. P. 668, Namibe,  
Rep. Pop. de Angola

**Emílio Carlos Asbahr**  
Rua Miguel Aliberti, nº 58 - Jardim  
Vila Nova - Limeira - CEP.: 13480  
São Paulo - SP - Brasil

**Quintino Lopes Fragoso**  
Mártires de Kifangondo, Rua 19,  
Casa 61 - Luanda - Rep.  
Popular de Angola

**Rogério Freitas Simão**  
C. P. 16368, Luanda, Rep. Pop.  
de Angola

**Leila Freire**  
Rua Euclides dos Santos, 126  
Araraquara - CEP.: 14800 - São  
Paulo - SP - Brasil

**Marcos Antonio Silvestre**  
C. P. 904 - Recife - PE -  
CEP.: 50.000 - Brasil

**Félix António Lumbo**  
C. P. 231, Uíge - Rep. Pop. de Angola

**Ernesto Amilai Ambrózio**  
C. P. 979, Zona C, Armazém G  
Porto Internacional da Beira,  
República Popular de Moçambique

**Estela Marino Alves**  
Rua João Corazzari, nº 745  
Centro - Vinhedo - CEP.: 13280  
São Paulo - SP - Brasil

**Reinaldo Manuel L. D. Ferreira**  
Rua do Bonjardim, 382, 2º  
4.000 - Porto - Portugal

**Adriana Cattani**  
Av. Padre F. Salles Culturato,  
nº 3489 - C. P. 299 - Araraquara  
São Paulo - SP - CEP.: 14800  
Brasil

**Andrea F. dos Santos**  
Rua São Borja, 201 - C. Vargas  
Jabaquara - CEP.: 04320 - Brasil

**Luiz Freitas**  
C. P. 1462 - São Paulo - SP  
CEP.: 01051 - Brasil

**Valdemir A. Pires**  
C. P. 329 - Araras - CEP.: 13600  
SP - Brasil

**Gloria C. M. Araújo**  
Rua Joaquim de Souza Pacheco Fº,  
371 - V. Medeiros - São Paulo - SP  
CEP.: 02217 - Brasil

**Sebastião Vera Cruz**  
C. P. 7072 - Centro - São Paulo  
SP - CEP.: 01051 - Brasil

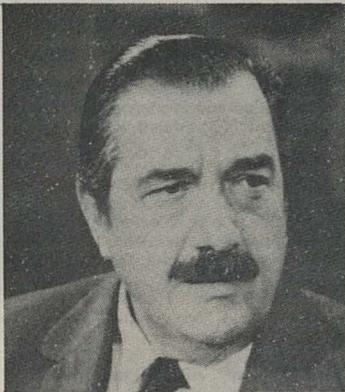
## Argentina: a vitória de Alfonsín

□ Foi a primeira derrota eleitoral dos peronistas desde 1943, quando o general Juan Domingo Perón chegou ao poder na Argentina. Ao longo dos últimos 40 anos, o justicialismo venceu todas as votações em que seus candidatos puderam concorrer livremente. Mas no dia 30 de outubro essa sucessão de vitórias chegou ao fim com a derrota de Italo Luder para o candidato da União Cívica Radical, Raúl Alfonsín.

O novo presidente civil da Argentina ganhou a eleição com uma plataforma política de reformismo moderado, que conseguiu reerguer o prestígio dos radicais, um partido que desde a ascensão de Perón, se vinculou às velhas elites oligárquicas que dominaram o país entre 1916 e 1928. Durante toda a campanha eleitoral, Alfonsín procurou se apoiar numa imagem social-democrata, não comprometida com a corrupção e com o reacionarismo da velha cúpula da UCR. Mas a sua vitória não teria sido possível se não houvesse um enfraquecimento da base política peronista.

E para isso contribuiu decisivamente a personalidade de Italo Luder, um representante do velho aparelho partidário do justicialismo. Luder, que foi re-

Villalobos/Gamma



Alfonsín, vitorioso

presentante pessoal da ex-presidente María Estela Perón, em Buenos Aires, não conseguiu despertar o entusiasmo da juventude peronista. Nas eleições do dia 30 de outubro passado, quase 30% dos eleitores eram formados por jovens com menos de 30 anos, muitos dos quais já se mostravam descontentes com a cúpula do justicialismo desde a morte de Juan Domingo Perón em 1974.

A prova de que Italo Luder não chegou a sensibilizar as bases do peronismo, está no fato de que apesar de perder a eleição presidencial, o justicialismo conseguiu eleger um bom número de governadores em províncias importantes da Argentina. O mito de que o peronismo

era imbatível em eleições livres acabou, mas o movimento ainda tem um peso político importantíssimo na Argentina, principalmente pelo controle que exerce no meio sindical.

Os grandes perdedores da eleição foram os militares, que pela segunda vez em dez anos são obrigados a sair pela porta dos fundos da política argentina. Desmoralizados porque levaram o país à pior crise econômica de sua história; humilhados porque foram derrotados na guerra das Malvinas, eles acabaram tendo que devolver o poder aos eleitores, para não serem expulsos sumariamente. A redemocratização argentina ocorre em circunstâncias traumáticas. Além de uma inflação de 500% e dois milhões de desempregados, o país foi colocado pelos militares nas mãos do FMI que hoje controla integralmente a política econômica da Argentina. Ainda não foi dada nenhuma explicação sobre os milhares de desaparecidos, capturados pelas forças armadas durante a repressão de 77/79. A tarefa de Raúl Alfonsín não será fácil nem tranquila, mas a sua eleição seguramente terá repercussões imediatas em todo o Cone Sul da América Latina. O regime militar uruguaio será o mais afetado, pois fica isolado, mas a redemocratização deve enfraquecer a ditadura de Pinochet e mostrar também aos governantes brasileiros que o povo está preparado para eleições presidenciais diretas.

## Bangladesh: partidos desafiam militares

Os 32 partidos de Bangladesh preparam-se para um confronto decisivo com o governo militar do general H. M. Ershad por causa da data das próximas eleições. Os políticos exigem que as eleições parlamentares sejam realizadas em março, antes da votação para municípios e prefeituras. O projeto do governo prevê a realização das eleições municipais entre dezembro e março, seguidas depois pela votação para o Parlamento.

Os partidos que exigem a mudança do calendário eleitoral são a aliança de 15 grupos políticos liderados pela Liga Awami, a aliança de sete partidos liderada pelo Partido Nacionalista e a coalizão de dez partidos liderada pela Liga Democrática. A disputa em torno de datas está ligada a interesses estratégicos dos partidos e do

governo. Os primeiros querem que a eleição parlamentar se realize antes para poderem se beneficiar com a tendência da maioria dos eleitores em votar na oposição. Já o governo tem o apoio de chefes políticos regionais que muito provavelmente usarão favores oficiais para se elegerem prefeitos.

Os partidos querem também que o governo suspenda a lei marcial durante o período eleitoral, para que o general Ershad não possa usar os poderes especiais para desvirtuar o resultado do pleito. O ditador de Bangladesh alega que a extinção da lei marcial deixará vulnerável o cenário político. Os dirigentes civis denunciaram perseguições e intimidações por funcionários do governo e prometeram intensificar a campanha de mobilização popular até o final do ano.

### Venetos versus Itália

Os movimentos autonomistas são fortes em várias partes do mundo, ligados em geral a minorias marginalizadas. Mas também na desenvolvida Itália há quem postule a autonomia administrativa: Veneza. Segundo Moreno Sagramora, representante no Brasil da "Liga Veneto", organização política dos autonomistas da região, "os 4,5 milhões de venetos constituem-se como povo com características históricas, políticas e culturais distintas do restante dos italianos".

Nas últimas eleições nacionais italianas, a Liga obteve 10% dos votos na região, elegendo dois senadores. "Foi um bom índice para uma primeira apresentação, já que não contávamos com nenhuma máquina

publicitária", disse Sagramora.

O movimento tem raízes históricas e econômicas. Até a unificação da Itália os venetos tinham uma economia sólida e nunca tiveram que se preocupar em emigrar. Porém, as coisas mudaram depois. Segundo Moreno, a emigração em massa, inclusive para o Rio Grande do Sul, no Brasil, "não foi de italianos e sim de venetos."

A valorização do idioma veneto (tanto no espaço público como a nível educacional) bem como a obrigatoriedade de aplicação local de 90% de tudo que é arrecadado em impostos na região são algumas das principais propostas da "Liga". Os votos que ela obteve nas últimas eleições lhe permitiram fazer parte da reunião do Parlamento Europeu, em Strasbourg.

## MEXICO: extrema-direita se vincula à Democracia Cristã

A direção do Partido Ação Nacional (PAN) do México, considerado de extrema-direita, decidiu vincular-se "institucionalmente" à União Mundial Democrata Cristã. O acordo foi aprovado pelo Conselho Nacional do PAN.

Um documento que se refere a essa planejada vinculação ressalta que no PAN existe "plena identidade quanto a princípios de doutrina com os correspondentes da Democracia Cristã". Esclarece contudo que o PAN estabelecerá essa relação "com prudência" para evitar no México a interpretação de uma suposta "dependência estrangeira", proibida legalmente aos partidos políticos mexicanos.

### A aliança dos sul-africanos com Pinochet

Em meados de setembro passado, o comandante-em-chefe do exército da República da África do Sul, tenente-general Johannes J. Geldenhuys, visitou o Chile convidado oficialmente a participar dos atos comemorativos de um novo aniversário da independência nacional. A presença do graduado militar coincide com denúncias formuladas em Caracas, Venezuela, que afirmam que o regime da África do Sul "está ajudando com armas" o governo chileno encabeçado pelo general Augusto Pinochet.

O diário venezuelano *El Nacional* atribuiu a denúncia a diplomatas africanos que assistiam em Caracas a Conferência Regional das Nações Unidas contra o *apartheid*, os quais teriam afirmado que a África do Sul "contribuiu para a construção de fortificações britânicas nas ilhas Malvinas, ao mesmo tempo em que apoia o regime do Chile".

## Líbano: um duro golpe para a França e EUA



Um soldado observa o prédio dos pára-quedistas franceses destruído

□ "Não é possível usar os *marines* para reunificar o Líbano. O pior que poderá acontecer aos fuzileiros é estarem lá sem um mandato claro enquanto a autoridade do próprio governo está caindo aos pedaços". Essa recente opinião do *expert* em assuntos do Oriente Médio, Harold H. Saunders, consultor de várias administrações norte-americanas, foi citada pela revista *Time* da última semana de outubro passado, numa reportagem intitulada "Carnificina no Líbano".

Saunders confirmou ser um bom conhecedor da região e acertou em cheio. A administração Reagan não estava dando uma justificativa aceitável da presença maciça de *marines* em Beirute, que acabaram evoluindo de uma força de paz que

visava fiscalizar a retirada dos palestinos — o motivo que inicialmente os levou para lá — para um contingente que forçaria os sírios e israelenses a se retirarem — o que não aconteceu — e, finalmente, a uma readequação de suas funções para se converterem, de fato, em tropas de apoio ao governo falangista de Amin Gemayel.

Era evidente que essa sutil mudança nas funções reais dos fuzileiros norte-americanos poderia passar despercebida para a opinião pública dos Estados Unidos, sempre tão mal informada e bem manipulada. Porém nunca deixaria de ficar clara para as facções rivais libanesas, particularmente para os muitos adversários do cada dia mais fraco governo das falanges.

O raciocínio é válido também para o caso dos pára-que-

distas franceses, com a diferença de que o fato de responderem a um governo que se diz socialista, fez com que houvesse um maior diálogo entre libaneses e franceses, particularmente no que diz respeito aos libaneses progressistas. Casualmente o líder druso, Walid Jumblatt, estava em Paris em visita oficial — após ter deixado a Itália, outro país que faz parte das Forças de Paz — no dia do atentado contra os pára-quedistas e fuzileiros. Ele condenou veementemente o atentado, porém não poupou críticas à administração Reagan: "O que aconteceu poderá tornar a se repetir se os Estados Unidos continuarem com a sua política hostil ao mundo árabe e islâmico, e apoiando o regime falangista de Amin Gemayel", afirmou ele.

Mesmo um Estado como o Kuwait, que está entre os regimes árabes moderados, teve uma reação enérgica, de condenação ao morticínio, mas de advertência a Washington: "O apoio dos Estados Unidos à agressiva política israelense está na base dos atentados de Beirute", assinalou o vice-ministro das Relações Exteriores kuaitiano, Al Rashed.

Nos Estados Unidos, houve reações diferentes, nos diversos níveis de poder, porém algumas intervenções no Congresso mostraram que muitos dirigentes estão cientes do perigo de manter a política em relação ao Líbano sem fazer revisões. O senador Ernest Hollins, da Carolina do Sul, um dos possíveis candidatos presidenciais do Partido Democrata, instou para que a administração Reagan traçasse um plano de evacuação dos *marines* em 60 dias. E justificou assim o seu pedido: "Se os fuzileiros estão lá para combater, então são muito poucos. Se foram enviados lá para morrer, então são demasiados".

## Equador: Oswaldo Hurtado inicia seu último ano de governo

□ O presidente Oswaldo Hurtado Larrea iniciou seu último ano como chefe de estado constitucional do Equador. Em 10 de agosto de 1984, (data comemorativa da independência desse país) deverá entregar o cargo ao candidato vencedor nas próximas eleições. Na qualidade de vice-presidente, Hurtado assumiu a presidência em 24 de maio de 1981, depois do acidente aéreo no qual perdeu a vida o então presidente Jaime Roldós.

Ao longo desses dois anos e três meses, o presidente — que é militante da Democracia Popular—União Democrata-Cristã (DP—UDC) — teve que enfrentar o problema econômico “que é o principal de meu go-

verno”, como declarou recentemente. Desvalorizou duas vezes a moeda nacional, o *sucre*. Da primeira vez, aumentou a paridade de 25 para 33 sucres em relação ao dólar, e em 19 de março passado estabeleceu o câmbio oficial em 44 sucres por dólar, com um sistema de minidesvalorizações diárias.

As desvalorizações e outras medidas econômicas adotadas estavam contidas num plano de estabilização, acertado para fazer frente às exigências do Fundo Monetário Internacional (FMI). O FMI devia dar o aval para os bancos internacionais credores a quem o Equador deve seis bilhões e 300 milhões de dólares e com os quais se pretendia renegociar a dívida.

### CHILE: perdendo de 10 a 0

Quase 250 mil pequenos comerciantes chilenos estão em pé de guerra contra o governo do general Augusto Pinochet. Eles já criaram uma frente contra a política econômica e ameaçam uma greve geral no dia 27 de novembro caso não sejam atendidos em suas exigências de redução de impostos e baixa dos juros cobrados pelos bancos.

Os pequenos comerciantes acusam o governo de adotar uma política econômica contrária aos interesses dos produtores privados. Estes mesmos pequenos produtores apoiaram o golpe militar de 1973 e deflagraram na época uma greve geral que durou um mês, pouco antes da derrubada do presidente Salvador Allende. O líder dos protestos contra Pinochet é Rafael Cumsille, presidente da Confederação de Comércio Atacadista do Chile, a

mesma organização que promoveu o boicote contra Salvador Allende, em 1973.

Rafael Cumsille, culpou a política econômica liberal e disse que o governo Pinochet pode ser comparado a “um time de futebol que jogou sozinho durante dez anos e que apesar disso está perdendo de dez a zero”.

### NICARÁGUA: guerras mutilaram 14 da população

A Nicarágua tem mais do dobro da média mundial de deficientes físicos por habitantes. Segundo a Organização Mundial de Saúde, no resto do mundo a média é de quatro pessoas deficientes para cada grupo de dez, enquanto que na Nicarágua a proporção é de um para cada quatro.

A elevada incidência de deficientes é uma consequência direta do terremoto de 1972, da guerra contra a ditadura de Somoza e dos combates atuais

Diferentes tipos de câmbio em relação ao dólar foram estabelecidos para algumas importações. Assim, as classificadas como “suntuosas” foram incluídas na chamada “lista 2”, para a qual se aplicou um tipo de câmbio de 87,50 sucres por dólar. Para a “lista 1”, que compreende os artigos considerados como “necessários”, o tipo de câmbio foi estabelecido em 45,90 sucres por dólar.

Atitudes como essas valeram a Hurtado duras críticas por parte dos setores empresariais, que chegaram a classificar seu governo de “estatizante” em matéria paga na imprensa. Por outro lado, a desvalorização contribuiu para um forte aumento dos preços dos artigos de primeira necessidade. Isso, somado à insatisfação generalizada pelos aumentos salariais que não atingiram o nível reivindicado pelos trabalhadores, desencadearam duas greves nacionais.

contra grupos contra-revolucionários que pretendem derrubar o governo sandinista da Nicarágua. O problema se tornou tão grave que o governo criou a Organização de Revolucionários Mutilados para tentar melhorar as condições de vida de quase 620 mil nicaraguenses.

Em sua maioria, são feridos de guerra ou pessoas soterradas em 1972. Eles enfrentam uma série de problemas porque as cidades nicaraguenses não são adaptadas para oferecer facilidades de deslocamento para quem, por exemplo, é obrigado a usar cadeiras de rodas. A Organização de Revolucionários Mutilados está estudando a introdução de portas especiais em ônibus de transporte coletivo, rampas de acesso nas calçadas, banheiros públicos adaptados e melhores condições de trabalho para utilizar a capacidade produtiva das pessoas deficientes.

## Zimbábue: Mugabe ameaça fazendeiros brancos

□ O primeiro-ministro de Zimbábue, Robert Mugabe, ameaçou assumir o controle das propriedades de quase cinco mil fazendeiros brancos do país se a Inglaterra suspender o pagamento da ajuda financeira destinada à aquisição de áreas agrícolas para trabalhadores rurais sem terra. A ajuda financeira foi incluída nos chamados acordos de *Lancaster House*, assinados em 1980 e que acabaram com a dominação colonial britânica na antiga Rodésia.

O dinheiro liberado nos últimos três anos permitiu beneficiar apenas 25 mil das 162 mil famílias negras que perderam as suas terras para fazendeiros brancos durante o período colonial. Antes da independência, os seis mil fazendeiros brancos ocupavam 59% das terras férteis do país, enquanto que os restantes 41% — as áreas mais pobres ou incultiváveis — eram



Robert Mugabe

distribuídos entre 850 mil famílias negras. Ao assumir o governo em abril de 1980, Mugabe herdou uma situação crítica onde existem quase um milhão e meio de pessoas sem terra, fazendo com que um em cada 12

zimbabueanos ocupe ilegalmente terras agrícolas.

Agora, o governo inglês ameaça suspender a liberação da ajuda econômica em represália à prisão de três oficiais da força aérea, acusados de cumplicidade num atentado terrorista que destruiu há mais de um ano, cerca de um-terço dos aviões militares de Zimbábue. As intimidações da primeira-ministra inglesa Margaret Thatcher levaram o governo de Zimbábue a ameaçar expropriações sem indenização. Os brancos ainda dominam a agricultura deste país africano, mas um levantamento recente feito pela Universidade de Zimbábue mostrou que em 1980, 20% das terras em mãos dos brancos não eram utilizadas e que outros 40% não apresentavam um rendimento compatível com a fertilidade dos respectivos solos. O mesmo estudo revelou também que 70% dos fazendeiros brancos usam subsídios do governo, que por seu lado não tem recursos suficientes para ajudar os agricultores pobres que não podem sobreviver sem ajuda oficial.

## Guiné-Bissau: mudanças no governo

□ Uma série de mudanças políticas foram formalizadas na Guiné-Bissau após uma importante reunião de cúpula do Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC), em outubro. Foi confirmada a demissão dos ministros Samba Lamine Mané, Flavio Proença, Manuel Saturnino da Costa e do chefe do estado-maior do exército, João da Silva. Os três ministros e o chefe militar já haviam sido afastados de seus

postos em agosto e agora foram também suspensos por um ano como membros do PAIGC.

Todos eles foram acusados de malversação de verbas do governo, mas aparentemente a principal causa das punições foi política. Também foram afastados do partido o ex-embaixador em Moscou, Honorio Fonseca, e o antigo governador da região de Cacheu, Leopoldo Alfama. Ambos estão sob prisão domiciliar. Entre os novos dirigentes destacam-se o ministro

do Exterior, Fidelis Cabral Almada, e o novo ministro da Defesa, Iafai Camara.

As mudanças na cúpula do governo da Guiné-Bissau ocorreram simultaneamente à criação de um Conselho Nacional de Segurança. O comandante Iafai Camara foi o responsável direto pela derrubada de Luis Cabral, no golpe de estado de novembro de 1980. Iafai comandava na época o regimento de blindados que cercou o palácio presidencial. Depois das alterações no governo, o presidente João Bernardino Vieira, o comandante Nino, passou a adotar posições mais próximas do seu colega Sekou Touré, da República da Guiné.

## As canhoneiras do FMI

Quando um país dependente se encontra em graves dificuldades econômicas, corresponde ao Fundo Monetário Internacional (FMI) a função de fazê-lo aplicar as regras draconianas que o ordenamento capitalista impõe aos países subdesenvolvidos. Quando a crise é mundial, os países à beira da falência são numerosos e muito altos os seus déficits e suas dívidas, e os sacrifícios que o FMI exige superam o nível de tolerância social das nações mais afetadas. E, no entanto, o Fundo aperta o torniquete, implacavelmente. Estão em jogo a sagrada estabilidade do sistema financeiro internacional e os intocáveis mecanismos de dominação econômica dos centros capitalistas mundiais.

Esse é o quadro que se apresenta atualmente. Suas causas mediatas derivam das desiguais relações entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos e dos mecanismos citados. E suas causas imediatas, de uma recessão profunda e prolongada, gerada na área capitalista central e encarada pelos Estados Unidos em função dos seus próprios interesses, sem levar em conta que seus efeitos golpeiam o mundo todo e repercutem com particular intensidade sobre os países mais fracos. O Terceiro Mundo se defronta com graves problemas que se acentuaram no curso desta década, durante a mais profunda recessão do pós-guerra. Mortalidade infantil e sérias deficiências sanitárias e nutricionais, além de falta de recursos para empregar nos planos de desenvolvimento, são alguns dos problemas do amplo e dramático leque de carências do Terceiro Mundo, que o sistema financeiro mundial ignora.

Só um de todos esses problemas o preocupa, porque pode afetá-lo: a montanha de dívidas acumuladas, cujo não pagamento pode dar origem a falências em cadeia nos bancos internacionais. O tema da dívida externa foi abordado no editorial do número anterior de cadernos, o que nos libera de ter de considerá-lo aqui. Lembremos somente que os métodos antiinflacionários utilizados pelo governo norte-americano, em particular as altas taxas de juros bancários, engrossaram rapidamente o montante da dívida e o custo de seu serviço, colocando muitos países diante da impossibilidade de enfrentar os pagamentos.

Nos últimos meses, justamente para evitar o perigo de uma moratória da dívida, as maiores potências industrializadas têm se dedicado a articular um mecanismo de salvamento daqueles países que, em razão do volume de seu endividamento, poderiam ameaçar o sistema.

Vejamos primeiramente a política adotada. Em fins de setembro, traçou-se no seio do FMI o seguinte programa:

— O aumento das cotas que os países dão ao Fundo, de 62 a 90 bilhões em direitos especiais de saque, uma unidade que corresponde a 1,05 dólares. Essa medida já havia sido acertada em fevereiro passado.

— No mesmo sentido, o Grupo dos Dez, composto pelas maiores nações capitalistas, resolveu triplicar os empréstimos que o Fundo poderia empregar em casos de emergência, que representam uns 17 bilhões de dólares adicionais. Há, além disso, uma quantia de seis bilhões de dólares, da qual a metade seria concedida pela Arábia Saudita, se um grupo de países europeus e o Japão derem a outra metade.

— O total daquelas somas estaria à disposição do FMI. O nó das discussões de setembro passado foi a respeito de como os países em dificuldades poderiam retirar esses fundos. Venceu a fórmula proposta pelos Estados Unidos, segundo a qual cada país poderá retirar o equivalente a 102% de sua própria cota, durante três anos, ou seja, um total de 306%. Mas aquelas nações que enfrentem os mais pesados déficits de seus balanços de pagamento (segundo uma seleção que o FMI fará) poderão receber até 125% de suas cotas durante três anos, com um total de 375%. Até então, os países podiam retirar até 450% de sua cota. Como os créditos que o FMI disporia agora haviam sido aumentados em 47,5%, os países que retirassem 306%, teriam agora a mesma quantia que antes, mas aqueles que pudessem chegar até 375% teriam uma quantidade bastante superior.

Os representantes do Terceiro Mundo no FMI se opuseram com singular energia ao programa aprovado, mas como os votos são proporcionais às contribuições, o controle do organismo está inteiramente nas mãos das grandes potências e essas objeções não foram levadas em consideração. O grupo do Terceiro Mundo tinha pedido, em fevereiro passado, a duplicação das cotas do Fundo e, em setembro, que as retiradas fossem de 150% durante três anos. Com isso, pretendiam obter um fluxo de liquidez que aliviasse transitoriamente os pesados déficits nos balanços de pagamento que a crise do sistema está lhes causando. Não se tratava, é bom destacar, de uma solução dirigida às causas do problema, mas só uma forma de enfrentar a conjuntura.

A resistência à fórmula adotada se explica pelo fato de ela estar orientada no sentido de manejar

os casos dos países mais endividados excluindo ou levando em pouca consideração os demais países, e porque será um instrumento para utilizar o torniquete com maior severidade. De fato, os países que chegarem a ter que retirar 375% de suas cotas, deverão sujeitar suas economias a regras ainda mais duras dos programas de "saneamento" que o FMI lhes exigirá.

Antes de passar a esse aspecto, vejamos o desenvolvimento das decisões de setembro. O FMI tem pela frente graves problemas de liquidez devido à longa fila de pedintes e às operações de salvamento já acertadas. Embora todos os fundos que mencionamos lhe tenham sido finalmente concedidos, poderiam se esgotar em um prazo relativamente curto, e obrigá-lo a procurar novas e improváveis fontes de crédito. Nesse ponto, o governo norte-americano já estabeleceu uma clara postura, manifestando que o FMI não deverá ter funções assistenciais. Mas ainda a curto prazo, todo o edifício poderia desmoronar, pois a confirmação de que os Estados Unidos ampliarão a sua cota, dependerá da aprovação do Congresso norte-americano, em fins de novembro. Os demais países desenvolvidos aguardam esse passo para confirmar ou não suas respectivas cotas-partes, como são chamadas na gíria do FMI. De maneira que uma negativa do Congresso dos Estados Unidos, seguida pela de seus sócios, deixaria o FMI sem uma fatia importante de seus recursos e desenharia um grande sinal de interrogação sobre a estabilidade do sistema financeiro.

O presidente Ronald Reagan se comprometeu a jogar toda a sua influência para que o Congresso aprove a cota norte-americana. O mais provável, segundo analistas de Washington, é mesmo que no

final das contas Reagan consiga o seu objetivo, porém, há numerosos congressistas hesitantes em dar sua aprovação. A razão dessa resistência provém do mal-estar em relação ao próprio sistema bancário comercial, que fez todo o possível para injetar créditos nos países subdesenvolvidos, lucrando com as altas taxas de juros, e contribuindo para criar a presente situação. Os parlamentares que se opõem a financiar o aumento da cota temem que, por intermédio do FMI, se premie e se volte a alimentar esses mecanismos com fundos do erário público.

Já que é possível que as dificuldades sejam superadas, vejamos agora os métodos que o FMI utilizará sobre as infelizes nações que se vejam forçadas a admitir seus programas. As providências habituais de seu receituário consistem em desvalorizações monetárias, em cortes drásticos dos orçamentos estatais para reduzir o déficit, na retração das importações, na extinção dos subsídios aos produtos de consumo básico da população e na contenção da inflação.

No entanto a grande maioria dos países do Terceiro Mundo teve que reduzir drasticamente suas importações, não pelas imposições do Fundo e sim pelo aprofundamento da crise. Isso coloca problemas ligados ao funcionamento de suas economias e em muitos casos, também ao seu consumo de alimentos e de energia. O aprofundamento dessa orientação é, em mais de um caso, difícil de imaginar.

Por sua vez, o corte dos orçamentos afeta tanto os planos de desenvolvimento, que serão duramente diminuídos, como o já minguado consumo popular. São numerosos os países nos quais os subsídios são o único meio para permitir uma dieta

mínima para a maioria da população. A falta de emprego, acentuada pela crise, e os cortes de subsídios foram algumas das principais causas das "explosões de fome" que nos últimos meses sacudiram as grandes cidades do Brasil e vêm ocorrendo desde há algum tempo no nordeste, para tomar o exemplo do país mais endividado. O aprofundamento dessa receita pode desembocar em crises sociais de magnitude e consequências imprevisíveis, junto a uma silenciosa agonia social. Como se isso fosse pouco, o FMI se instala no coração dos centros decisórios dos Estados, com humilhante diminuição de suas soberanias. Ora, nas operações de salvamento, os créditos que o FMI concede não são mais do que "a ponta do iceberg". A maior parte provém dos bancos privados, que estabelecem um programa de pagamentos e uma linha de créditos ao país encurralado por seu endividamento, só depois que este tenha aceito o plano de "saneamento" do FMI. Portanto o Fundo Monetário dá a sua aprovação, as garantias de que o país se submeterá ao sistema e condicionará sua economia ao pagamento da dívida, e os credores bancários ditam suas exigências acerca do refinanciamento. Nesse sentido, talvez o exemplo mais escandaloso seja o registrado em setembro passado na Argentina, quando o governo aceitou as condições bancárias para refinarçar os 7,5 bilhões de dólares tomados emprestados pelas empresas estatais. Entre as cláusulas mais humilhantes para a soberania nacional figuram as seguintes:

- O Estado argentino renuncia ao amparo de sua própria legislação e se submete à legislação do estado de Nova Iorque, Estados Unidos.
- O Estado argentino garante irrestritamente com

seu próprio patrimônio, o total das dívidas das empresas públicas.

— Os credores deverão receber informações sobre a situação do Tesouro Nacional, os preços internos dos combustíveis, as tarifas do setor público, os salários dos trabalhadores estatais, as taxas de juros e de câmbio, o balanço de pagamentos e a balança comercial etc.

— As empresas públicas compreendidas no acordo não poderão ser privatizadas pelo governo argentino antes de 1990, data em que se terminaria de pagar a dívida, sem a aprovação dos bancos credores.

No passado, e até começo deste século, as potências coloniais enviavam suas frotas de guerra aos países subdesenvolvidos para obrigá-los a pagar os empréstimos contraídos em suas praças financeiras. Era a chamada "diplomacia das canhoneiras".

Os métodos mudam, mas a política pouco variou. A ostentação da força militar já não é necessária para dominar uma nação. O sistema capitalista transnacional se enraizou nas vastas áreas sob seu controle, anulando na medida de seu avanço a soberania dos países dependentes. Em situações de crise como a atual, essa realidade se põe a nu e descortina a impotência dos centros de decisão nacionais. Nesse quadro, o FMI é só o instrumento do sistema capitalista transnacional. Portanto, não faz muito sentido centralizar o problema em torno do Fundo. Perder de vista a globalidade do sistema e não perceber que a luta de libertação é a única via de salvação das nações do Terceiro Mundo, equivale a confundir o efeito com a causa e continuar girando em um círculo vicioso cada vez mais vertiginoso e desgastante. ●



# Cultura e democracia

O resgate da identidade cultural é hoje um movimento forte nos países do Terceiro Mundo. Neles, a cultura está ligada à resistência, à luta pela libertação. No Brasil, a redemocratização promove um renascimento cultural através de um debate que aponta no sentido da mudança...

**A** história nos mostra que as grandes civilizações se perpetuam através dos séculos devido à sua cultura mais do que a outros aspectos, embora as grandes batalhas e conquistas sejam cantadas e imortalizadas através da arte, se estudem as contribuições à organização social ou as descobertas na área da ciência mereçam menções em livros especializados.

O que é, afinal, a cultura senão o conjunto das formas de expressão de cada sociedade ou grupo humano, através das quais retratam a si mesmos e ao próximo segundo valores e parâmetros de cada época, os estilos e as “modas” de cada século? Cultura também é a arte da culinária, a forma de interpretar o sentido da vida e de encarar a morte; cultura é a dança que o povo cria para refletir — animados pelos seus instrumentos musicais e com acordes que sensibilizam as maiorias — aspectos da sua vida cotidiana.

Cultura é a forma de amar e de comer, de se vestir e de andar, de ensinar os filhos e de se perpetuar através dos costumes.

Se por cultura entendemos essa definição, ela é alheia ao contexto político, já que em liberdade ou sob o jugo opressor, o homem se alimenta e dorme, cresce e se desenvolve, procria e morre. Mas é impossível querer abstrair a produção cultural entendendo a cultura em um sentido mais estrito

— do contexto político, social e econômico no qual o Homem produz sua obra.

Quando um contexto político muda no sentido da redemocratização, a cultura passa a ser um dos elementos chaves na transformação, embora na maioria das vezes seja o menos estudado e pouco discutido. Isso começou a acontecer em vários estados brasileiros, especialmente no Rio de Janeiro, depois da eleição de governadores oposicionistas pelo voto direto. O renascimento da atividade cultural, segundo moldes totalmente diferentes dos que vigoraram desde 1964, teve como consequência imediata o ressurgimento da polêmica.

Depois do musical “Evita”, uma visão inglesa do peronismo argentino, entrou em cartaz no Rio a peça “Vargas” que, além dos aplausos, gerou uma apaixonada discussão. No teatro Municipal, o balé da Ópera de Stuttgart cedeu lugar ao “Gabriela”, baseado na obra de Jorge Amado. No mesmo Municipal, as cortinas se abriram para Clementina de Jesus, depois de funcionarem durante anos como *décor* para as “divas” do “bel canto”. A Orquestra Sinfônica deixou o fraque e o palco com ar condicionado para se instalar nas escadarias do teatro, de manga de camisa e debaixo do sol, e o “Corredor Cultural” do Rio de Janeiro conserva a imagem da cidade antiga. Novamente, a polêmica foi a consequência imediata.

Uma polêmica em que pela primeira vez a diver-



Na Somália, os velhos nômades (foto) deram um testemunho vivo da cultura daquele país, transmitida oralmente

Beatriz Bissio

gência esteve diretamente associada à democracia. "Vargas" foi produzido e financiado por um órgão do governo estadual, e o governador Leonel Brizola foi o primeiro a levantar críticas, "como um cidadão comum", à obra quando de sua estréia.

O renascimento cultural herda as tradições da resistência artística da época do autoritarismo e aponta no sentido da mudança. A grande incógnita passa agora a ser o rumo futuro dessa mudança. Em que consiste esse renascimento? Qual a natureza das relações entre cultura e democracia? Qual a participação dos intelectuais e artistas? E que novo papel pode desempenhar o espectador comum, nessa área em que suas tendências e opiniões nunca eram levadas em conta?

As matérias que incluímos nessa edição não respondem todas as inquietações, simplesmente comecem uma análise, que o leitor poderá completar por si mesmo.

Mas era importante registrar o fato, inclusive porque uma publicação política como a nossa, tem a obrigação de contribuir para a discussão de temas culturais e divulgar o que se está fazendo nesse campo no Terceiro Mundo. Dedicamos há alguns meses uma capa ao perigo que ameaça a sobrevivência da cultura palestina (ver cadernos, nº 52). Nesse caso, a cultura estava mais associada à *resistência* do que à *democracia*. Para o povo palestino, preservar sua cultura significa manter viva a chama da esperança de reconquistar a Pátria perdida. Mergulhar em suas próprias origens culturais é uma forma de resistir às pressões do regime israelense para *aculturá-los*, enfraquecê-los, destruí-los enquanto povo.

Em outras ocasiões, analisamos a importância da produção cultural no processo de luta de libertação e de construção de uma sociedade igualitária e justa. Os povos de Angola e da Nicarágua, de Moçambique e do Peru, da Etiópia e do Saara (para citar só alguns exemplos sobre os quais **cadernos do terceiro mundo** tem escrito várias reportagens incluindo os aspectos culturais), durante a luta de libertação ou no processo de reconquista das liberdades democráticas, e depois já no poder (quando este foi conquistado), incentivaram a criação cultural.

Angola se volta hoje para o estudo das línguas nacionais com tanta paixão quanto enfrenta os sul-africanos no campo de batalha. Porque os 500 anos de colonialismo português lhe impuseram uma fachada cultural ocidentalizada que, embora constitua hoje uma das vertentes da nova nação angolana, está longe de representar a riqueza e variedade de culturas que resistiram às investidas colonizadoras e se perpetuaram através da tradição oral e da criação anônima, semi-clandestina.

Os intelectuais angolanos discutem, por exemplo, se já existe uma literatura angolana. Discussão surpreendente, já que Angola é um dos países africanos que tem maior número de romancistas, poetas, escritores e até teatrólogos, no continente africano. Porém, a polémica é válida. Porque, até agora, toda a produção angolana foi em idioma português. E embora o idioma possa ser um veículo de dominação ou libertação, dependendo de *como* e por *quem* seja usado, a verdade é que os escritores e poetas angolanos em potencial, que têm por língua nativa os idiomas nacionais (que só agora pas-

sarão a ter um alfabeto) se viram privados durante todos esses séculos do instrumento da palavra escrita para poder perpetuar sua produção literária, restrita atualmente à transmissão oral de lendas, cantigas e estórias do povo do campo.

Foi durante o auge do processo de mudanças desencadeado na Somália pelo presidente Siad Barre — depois traído pelo próprio Barre, que enquadrou a Somália na estratégia norte-americana para a região do Chifre da África — que ocorreu naquele país uma excepcional experiência de alfabetização que mereceu na ocasião o prêmio da Unesco. Curiosamente, depois de completada a campanha — levada a cabo basicamente por estudantes das zonas urbanas que durante meses foram

conviver com a população nômade —, o balanço das vitórias alcançadas não se limitava a uma elevadíssima porcentagem de recém-alfabetizados. Mais importantes ainda foram considerados os resultados no campo do resgate do acervo cultural do povo somali, guardado na memória dos velhos nômades. “Cada velho que morre é um pedaço de nossa cultura que perdemos”, comentava em Mogadíscio um dos jovens ao voltar da campanha.

Durante as noites, os jovens da cidade e os velhos do deserto se juntavam em volta de fogueiras para falar da história daquele povo, descendente dos núbios. Os nômades contavam lendas e cantavam os heróis e mártires da longa história de resistência às invasões e ao colonialismo. Os jovens des-

### Antônio Callado: “Toda cultura é popular”

“Toda cultura, entendida cultura no sentido mais amplo de cultivo do espírito humano, é popular. Desde que o cidadão, através da Educação, tenha acesso às obras, às criações que expressem essas culturas.

“Nessa concepção, o papel do Estado no incentivo à cultura consiste tão-somente em propiciar a todo cidadão a educação necessária, o ensino público e gratuito do primeiro ao terceiro grau, para que ele tenha meios de pensar, produzir e usufruir cultura. Isso e o apoio financeiro às produções e manifestações culturais. Jamais se pôr a produzir cultura porque uma cultura estatal é muito suspeita.

“Cultura é vocação. Quantas pessoas, grupos sociais, têm todas as oportunidades de aprender a ler e escrever, aprendem, educam-se e, no entanto, não se interessam pela cultura? Em contrapartida, quantas pessoas — como no Brasil — não têm essa oportunidade e pelos mais diversos meios, até numa fugaz declaração à TV sobre a seca no Nordeste, revelam-se capazes de fazer leitura crítica, original da vida? Se essas pessoas tivessem recebido educação... Quanto desperdício!

“O caso do Brasil é gritante. Somos 120 milhões oficialmente. Na prática, 20 milhões pensam, decidem em certa medida, e os 100 milhões restantes produzem. Se esses 100 milhões soubessem ler, escrever e pensassem, a primeira consequência seria não termos um governo como esse que temos tido nos últimos 20 anos.

“Há na verdade dois brasis. O da elite, em que poderíamos incluir os 20 milhões pensantes, se tanto, e o dos 100 milhões marginalizados. Ao

longo da história, a elite vem se revezando no poder, entre liberais e conservadores, como no tempo do Marquês do Paraná, que primeiro lançou a tese da conciliação nacional.

“Todo movimento de autêntica origem popular havido no Brasil, gerado pelo país dos marginalizados, foi sempre tachado de fanatismo pela elite e brutalmente reprimido. Canudos, do “fanático” Antônio Conselheiro, é o maior exemplo. Depois, houve a honesta tentativa de mobilização popular com a Coluna Prestes do ‘Cavaleiro da Esperança’ e o governo de Miguel Arraes em Pernambuco. Prestes foi preso, torturado; Arraes preso e exilado. Agora, em 1983, vive-se outra crise: os conservadores querem passar parte do poder e os liberais o tomarão, se souberem tomar.

“Nessa farsa entre conservadores e liberais, os intelectuais e artistas brasileiros temos sido coadjuvantes. Coonestamos. Por mais que nós pensemos e nos mantenhamos na oposição, sejamos presos, apanhemos, saíamos do país, acabamos voltando, nos rearrumamos, recompomos.

“Voltando à cultura, cultura popular. Toda boa obra é inteligível. A flexibilidade, ambiguidade desse conceito de cultura popular, fica bem clara tomando Brecht e Machado de Assis. O teatrólogo, na paixão de criar um teatro de massa, acabou fazendo um teatro sofisticado só compreendido em sua profundidade por quem dispõe de informações que as massas ainda não tiveram o privilégio de conhecer.

“Já o Machado, em seu tempo, era muito menos lido que o naturalista Aluísio Azevedo. Hoje, enquanto se lê o autor do ‘Cortiço’ com um quase espírito de estudo, Machado de Assis, homem de muitas leituras, estilista requintado, é cada vez mais devorado. O Machado que, sem se preocupar em fazer arte popular, escreveu a comédia da tragédia social que as elites brasileiras sempre representaram como farsa.” (*Depoimento a Octavio Tostes*)

cobriam uma pátria que desconheciam e gravavam tudo o que ali era conversado. Com a publicação daqueles testemunhos, nasceram os primeiros livros sobre a cultura e a história somalis.

O mesmo aconteceu na Nicarágua, onde também a campanha de alfabetização acabou por se converter num encontro de gerações e culturas — a urbana e a rural — que enriqueceu muito mais os jovens professores que aos velhos alunos que brigavam com os lápis para tardiamente se familiarizarem com o alfabeto.

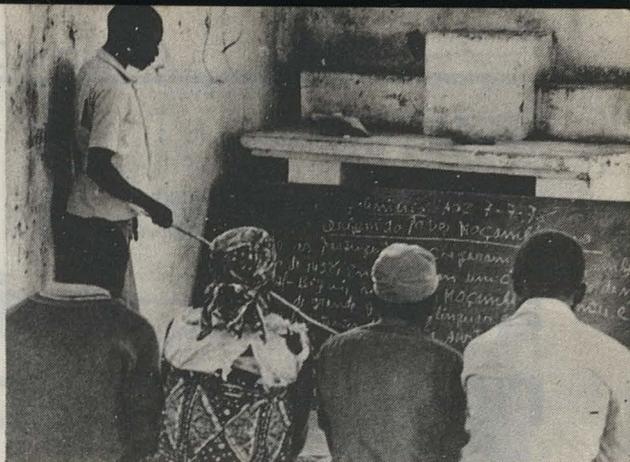
Nesses casos, *alfabetização e cultura*, ou melhor, *resgate cultural* caminhavam de mãos dadas.

Vale a pena mencionar também a busca das *raízes culturais* como um ato de *resistência* à postura das elites dominantes de nossos países que raciocinam em termos de cultura com os mesmos parâmetros estrangeirizantes com que o fazem no plano da economia ou da política. Assim, a *cultura nacional*, as raízes profundas, estariam acompanhadas de uma concepção *nacionalista*. No Peru foi necessário que emergisse um governo revolucionário com definições nacionalistas, para que o idioma quêchua — língua materna de mais da metade da população do país — fosse elevado à categoria de idioma oficial, junto ao espanhol trazido pelos colonizadores. E na Bolívia, foi a Revolução nacionalista de 52 que deu um grande impulso ao quêchua e aimará, inclusive com a entrega de várias rádios aos mineiros da “Século 20”, que difundem seus programas nas línguas nacionais.

Outro exemplo digno de menção, é o da revolução cubana. Quando o movimento liderado por Fidel triunfou, a ilha era um exemplo da penetração cultural norte-americana, promovida e estimulada pela elite dominante. A partir de um paciente trabalho de reversão dos parâmetros culturais, os cubanos resgataram sua música e danças, incentivaram a criação artística com padrões nacionais, promoveram e dignificaram a herança negra e criaram com a “Casa das Américas” um exemplo do que é possível realizar no plano cultural, quando o Estado assume a responsabilidade de alimentar a alma e o espírito com a mesma dedicação e compromisso com que promove a elevação da quantidade de calorias e proteínas na dieta popular.

Não podemos deixar de mencionar a resistência cultural de Porto Rico, colonizada pelos Estados Unidos desde 1898 e vítima de todo tipo de pressões para se incorporar ao *american way of life*, embora só no que este tem de “exportável”, já que nunca os porto-riquenhos foram tratados nos Estados Unidos de outra forma que não como “gente de segunda categoria”, da mesma maneira que as outras comunidades de língua espanhola.

E para citar outro caso, mencionemos o México, que como diz o conhecido ditado “está tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos”, e,



A campanha de alfabetização em Moçambique



A biblioteca da Casa das Américas, Cuba: um exemplo

no entanto, mantém com força e orgulho suas tradições culturais indígenas e mestiças.

A resistência cultural também está viva no povo maubere, que luta contra a invasão indonésia (ver *cadernos*, nº 54) ou na minoria dos *bangsa-moros*, nas Filipinas, que levantam a bandeira nacionalista baseando-se fundamentalmente em sua identidade cultural e suas raízes étnicas, diferentes das do povo que recebeu suas terras como herança do colonialismo.

Mas voltemos ao cenário mais limitado do estado do Rio de Janeiro, que motivou nossa reflexão. É basicamente sobre essa experiência que concentraremos nossa análise nesse tema de capa. Sobre a proposta renovadora do vice-governador e secretário de Cultura, Darcy Ribeiro, e sobre algumas das produções artísticas que já ganharam as manchetes da imprensa e a atenção do público.

O leitor dirá se com as matérias que publicamos, contribuimos com um grãozinho de areia para uma questão tão polêmica... ●

Darcy Ribeiro

# Repensar a cultura, abrindo novos espaços

“Avenida do carnaval”, “Domingo na escadaria”, galerias de arte e gafeira: uma nova forma de conceber a produção cultural e orientá-la para as maiorias.

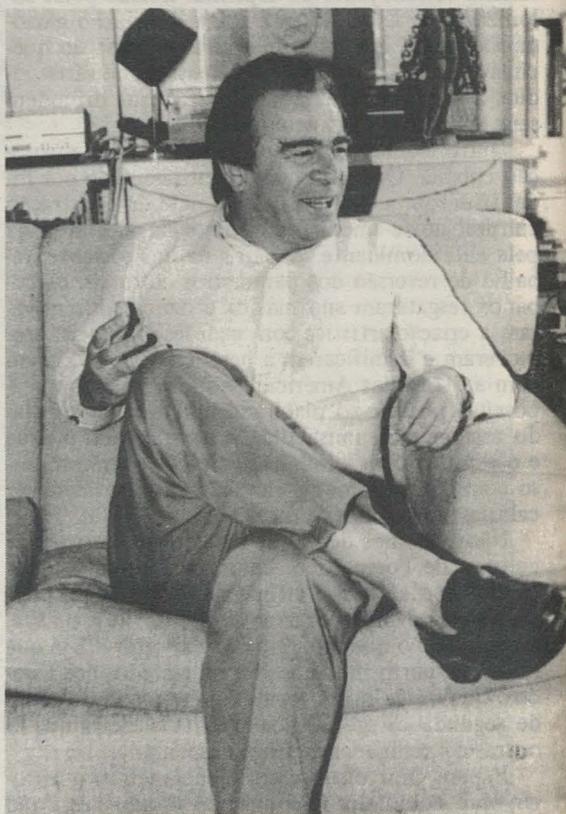
Beatriz Bissio

**O** vice-governador e secretário de Ciência e Cultura do estado do Rio de Janeiro, Darcy Ribeiro, é o responsável por algumas das audaciosas iniciativas que o governador Leonel Brizola tem impulsionado no campo da cultura, como o “Domingo na Escadaria”, a apresentação no Municipal da cantora negra Clementina de Jesus e a “Passarela do Samba”, ou Avenida do Carnaval, que está sendo levantada na Marquês de Sapucaí, com o desafio de ficar pronta antes do mês de fevereiro, para o carnaval de 1984.

cadernos do terceiro mundo conversou com Darcy sobre aspectos gerais do renascimento cultural do estado do Rio de Janeiro, sobre a cultura brasileira e também, concretamente, sobre o projeto cultural que a partir da secretaria que encabeça, ele está desenvolvendo.

Estas foram as suas principais colocações:

“O problema da nossa democracia e cultura é reconhecer a nossa gente como o nosso povo. O máximo que nós conseguimos como ideal de democracia brasileira é o modelo greco-romano, uma democracia para os senhores em que o povo não contava. Aqui no Brasil sempre houve uma democracia boa para os senhores. Durante o império escravista, a democracia dos senhores era formidável, com Parlamento funcionando e vigorando amplas liberdades. Porém os escravos, o povo, sempre foram considerados um carvão, uma força energética, um pedaço de lasca que se queima. Caça o ‘bicho’



Darcy Ribeiro: “Nosso povo foi sempre um carvão”...

índio e queima-o na produção. E o que resultou do 'bicho' índio e do 'bicho' negro, o nosso mestiço, não chega a ser gente.

"O maior problema hoje é construir uma consciência brasileira, a partir da destruição dentro de cada pessoa da consciência alienada que as classes dominantes nos impuseram.

"Eu conheci um alemão que custou muito a entender que aqui no Brasil ele não podia dizer que os pretos eram pretos, porque eles ficavam muito ofendidos. Porque o preto estava convencido de que estava sendo punido por Deus por algum pecado de algum ancestral dele. O 'pretume' é uma vergonha, um defeito. No fundo, ele quer ser 'um preto de alma branca'.

"Eu costumo citar o exemplo daquele vaqueiro que descobre que o touro do patrão está doente. Ele fica preocupado e vai buscar o veterinário; se não tiver veterinário, vai buscar o médico ou arromba a porta da farmácia. Agora, se a doente for a mulher dele, ele dá um chá e reza. Ele acha que a mulher dele é uma coisa tão reles que só vale um chazinho. Enquanto que ele sabe que o touro, sim, vale. Quando o povo mete na cabeça a idéia de que ele é uma coisa tão pouco importante que só vale um chazinho, quando o povo tem uma consciência resignada, ruim de si mesmo, quando o povo considera essa ordem social uma coisa sagrada, então só é capaz de fazer uma rebelião mítica, como aconteceu com os jagunços de Antonio Conselheiro, no episódio de Canudos. Tudo se faz em nome de Deus e da Santidade."

### Cultura do campo e cultura da cidade

"Essa gente, apesar de tudo, construiu uma cultura rústica, e tem um certo orgulho dela. O homem sabe cultivar mandioca e fazer uma boa farinha. Ele dança o 'bumba-meu-boi' muito bem. Tem orgulho do seu pai que é um bom torrador de mandioca. Orgulha-se daquele que toca flauta feita de taquara.

"Essa cultura rústica faz com que o homem se adapte à natureza, lhe ensina o nome das coisas, lhe ensina a cultivar a terra, a cuidar dos animais, a se relacionar com os outros e a ser compadre; lhe ensina a se colocar diante do patrão e lhe dá uma visão do mundo, a partir da qual esse homem vai elaborar os seus mitos, as suas canções e danças. Trata-se de uma cultura rústica que funciona em um certo meio.

"Mas, o que aconteceu nos últimos 30 anos? Essa cultura rústica foi expulsa do seu meio, foi expulsa do campo. E se acumulou nas cidades. Setenta por cento da população do campo emigrou para as cidades. E aí veio o choque, o desequilíbrio.

"Essa cultura rústica não podia funcionar numa



cidade toda sinalizada, cheia de palavras escritas, onde os ônibus indicam o seu destino com letras e as casas e ruas são de cimento e não de palha...

"Na cidade, obviamente, a cultura é urbana, e para aquela população emigrada do campo, todo esse novo universo a deixa perplexa. A cidade é para eles um mistério, não sabem viver nela. E passam a ser os marginais da cultura letrada.

"Porém, o mais terrível é que os marginais são a imensa maioria. Quando se fala de alguém que está à margem é de alguém que está em minoria. Mas no Brasil, não. A imensa maioria é marginal na sociedade. Então, de fato, os marginais são os eruditos, a cultura marginal é a cultura erudita.

"Os grupinhos de marginais são os que compõem a classe dominante. Os que sempre organizaram o país a partir da Europa, os que importavam os escravos. São esses mesmos marginais que continuam mandando no país."

### Evasão escolar e desculturalização

"O que se deveria fazer, para integrar esse povo à cultura urbana, seria dar-lhe acesso pelo menos à escola primária. Fazer a escola primária não é mistério para ninguém. Preparar uma professora primária não é algo inalcançável. Construir um quadro negro não é difícil. Levantar uma escola é até

mais fácil que levantar enormes prédios suntuosos. Então, por que nunca se fez? Porque nunca houve respeito pelo povo.

“Porque o menino pobre é considerado um leitãozinho, isso não quer dizer que não tenha condição de aprender a ler e escrever. Essa filosofia é que explica que mesmo países mais atrasados que o Brasil em outras áreas, como o Paraguai e a Bolívia, tenham uma escola primária muito melhor que a nossa. O número de crianças que chegam à quarta série nesses dois países é muito mais elevado do que no Brasil.



“E o fracasso em dar emprego? Na economia brasileira não há nenhuma preocupação com o povo. Em determinado momento, se decidiu que havia que terminar com os cafezais. Havia café demais. Os cafezais foram erradicados e dois milhões de pessoas perderam o emprego. O patrão pôs o dinheiro no bolso e foi para a especulação. Naquele ato, ninguém pensou no trabalhador.

“Quando, hoje, o ministro Delfim Neto declara que ‘é necessário exportar’, ele está repetindo uma frase de 1550. Nesse ano, começavam a se construir os grandes engenhos açucareiros. E começavam a se importar negros, negros para se gastar na fabricação do açúcar. Para exportar, se es-

magava o povo. E hoje continua sendo assim.

“Quando esses economistas idiotas, sem nenhuma visão política, falam que é preciso deixar crescer o bolo para depois dividi-lo, não percebem que o pobre que não come hoje, não vai comer nunca mais. Aquele que morre de fome hoje, morreu definitivamente. Então como é que se vai adiar a divisão do bolo?

“E essa questão do per cápita: o povo nunca viu a renda per capita. A mais alta do mundo foi a do escravo produtor de açúcar do nordeste, e daí?

“Nós temos que ter consciência de que estamos num país em que a metade da população recebe só o salário-mínimo, estabelecido em menos de 50 dólares por mês. Isso é um absurdo, algo tão brutal que quase nem dá para perceber em toda sua dimensão quais são as consequências, por exemplo, no campo da política cultural.

“No dia em que nós ofereçamos a toda a criança as quatro séries do curso primário, ensinando toda a nossa população a ler, escrever e contar, só isso, estaríamos provocando um imenso florescimento cultural no país. Qual é a possibilidade de alguém se expressar, mesmo através da música popular, com um nível cultural tão baixo? Como é que vamos produzir um Villa Lobos, como é que vamos criar os nossos gênios, se essa massa imensa não compreende a cultura erudita?

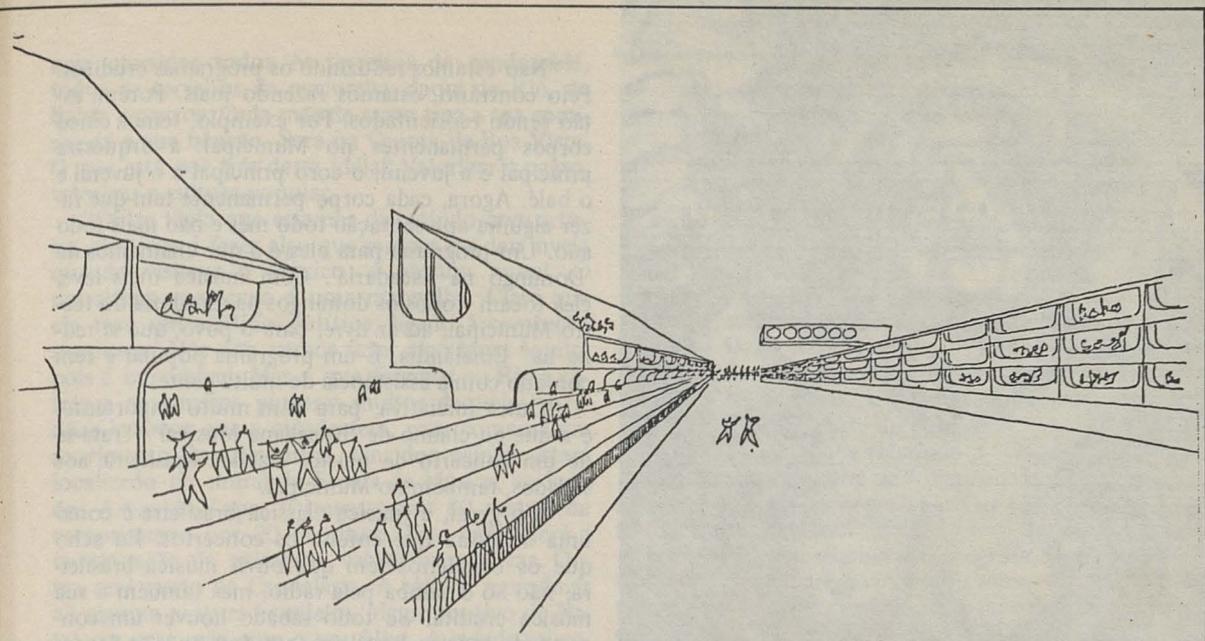
“Então a primeira tarefa cultural é dar a toda criança uma escola onde aprender a ler e contar. Fazer isso durante 20 anos seguidos, sem parar, e daí em diante. Aí sim, acabaríamos com o analfabetismo. Porque não é necessário o método Paulo Freire para acabar com o analfabetismo adulto. Em 20 anos, a morte acaba com ele. Mas isso, se fizermos já, a partir de hoje, uma escola primária que abrangesse todas as crianças. Se não estivermos produzindo hoje os analfabetos de amanhã. Se concentrarmos todos os nossos esforços nas crianças de hoje.”

#### A criatividade do povo

“A segunda questão básica é valorizar a criatividade do povo. Apesar de analfabeto, o nosso povo tem uma produtividade cultural prodigiosa, que inclusive inspira os meios eruditos. Esse país foi capaz de inventar e reinventar a mais bela festa de alegria da terra, que é o nosso carnaval. É de espantar que gente tão sofrida, com séculos de opressão, tenha sido capaz dessa explosão de alegria, beleza e criatividade.

“Já vi muitos imbecis dizendo: ‘Como é que esse povo não tem o que comer mas há televisores nas favelas?’... Não entendem que para o homem o mais importante é a sua alma, a sua criatividade, sobretudo no nosso estado do Rio de Janeiro.

“Apesar do analfabetismo, naquilo em que ele



A passarela do Samba: audacioso e brilhante projeto do arquiteto Oscar Niemeyer para o carnaval carioca

não precisa escrever — como no futebol, no violão ou no carnaval — o povo brasileiro faz isso melhor que qualquer outro. No dia em que ele souber ler e escrever vai fazer muito mais coisas com igual eficiência.

“O ato cultural mais importante da história do mundo dos últimos anos é a invenção do culto de Iemanjá. Iemanjá é uma festa do mês de fevereiro na Bahia. De repente o povo do Rio de Janeiro deslocou a festa para o 1º de janeiro, dando um outro sentido ao fim do ano; ninguém sabia que doidice era essa de festejar um ano que acaba e outro que começa. Pois bem, o povo carioca lhe deu um sentido. Desde a Grécia antiga não existia uma santa — Iemanjá — que namora, que ama. Uma ‘santa’ formidável, uma ‘nossa senhora’ a quem as mulheres e os homens vão levar pó de arroz, batom, perfume, vão pedir um namorado bonito, toda a gente dentro d’água. Ela é a Nereida, a grande deusa do Oceano; é a sereia grega que atraía os marinheiros cantando. Ela é também a mãe de Deus, namorando. Usa espelho e passa batom. Um povo precisa ter muita criatividade para conceber um culto desses. Eu sou fiel a esse culto, todo ano começo o ano com Iemanjá, no mar, em Copacabana...”

#### O “edifício do carnaval”

“O governador Brizola encarregou o secretário de Cultura do estado, que sou eu, da construção do edifício do carnaval. Por que? Porque é uma forma de valorizar a nossa cultura popular. Poderíamos ter feito aquela coisa de metal horrível que

antes se fazia. Mas quando você dispõe de um Oscar Niemeyer — a quem eu considero o maior arquiteto do mundo —, se não é um louco, aproveita o Oscar. E o governador teve a sabedoria de fazer uma coisa que vai marcar o Rio de Janeiro, a ponto de passar a ser uma referência da cidade como o Corcovado ou o Pão de Açúcar. Entregou a Niemeyer o projeto do carnaval. E temos a certeza de que vai ser uma beleza. O grande ato cultural do nosso governo será esse. Duzentas mil pessoas vão ver o carnaval, além de estarmos construindo aí a maior escola primária que já se fez no mundo: uma escola para 20 mil crianças, em três turnos (manhã, tarde e noite). E não só vão fazer o curso primário completo: vão comer e tomar banho lá. Os pais vão poder deixar as crianças enquanto trabalham. Vamos ter de um lado da Avenida (Marquês de Sapucaí) a escola, e de outro, uma escola de música, de artes plásticas. As arquibancadas terão uma função permanente, além de servirem aos dias do carnaval.

“A ‘Avenida do Carnaval’ será o lugar mais movimentado da cidade, o maior centro cultural. Vamos levar para lá os artesãos. Quem trabalha com uma máquina ou à mão, pode aspirar a ter uma sala lá, vão poder fazer e vender o seu artesanato lá mesmo, vão ter uma galeria. O pintor que quiser pintar terá um lugar na ‘avenida’ desde que aceite um aluno para pintar com ele. Vamos dar a essa ‘Avenida do Carnaval’ uma vida cultural muito grande.

“E temos outras idéias: por exemplo, o circo. Será um circo bonito, de matéria plástica, que vai andar pela cidade e pelo interior do Estado, para



“Nova Democracia”, detalhe do mural do mexicano David Alfaro Siqueiros (1896-1974) simbolizando a derrota do fascismo

valorizar a cultura popular. Temos que dar alegria à população. Os poetas vão recitar os versos deles; o tocador de violão de cada cidade vai também tocar no circo. E assim por diante.”

### Cultura não é só ópera

“Tínhamos o programa musical das ‘Seis e Meia’ na Funarj, que era só para a cidade do Rio de Janeiro. Agora vamos passar essa experiência para o interior.

“Simultaneamente vamos dar a atenção devida à cultura ‘erudita’, ao teatro Municipal, com o seu balé e sua orquestra. Só que não o fazemos numa atitude boquiaberta, de colonizados culturais. Sabemos que a ópera, que foi o gênero que surgiu no fim do século passado, está um pouco decadente mas é uma manifestação interessante. Mas não achamos que ‘cultura é ópera’. Não pensamos que uma pessoa seja culta porque vai à ópera (e muitas vezes não entende nada e vai lá por exibicionismo).

“Tivemos que cortar, por exemplo, uma ópera que iria comemorar o centenário de Wagner, ‘O Navio Fantasma’. Só de cachê gastaríamos 106 mil dólares (cerca de 100 milhões de cruzeiros). Eu falei com o embaixador alemão e lhe disse que acho muito bom a ópera mas que nós não podemos pagar esse cachê; que gostaríamos muito que para o ano que vem eles pudessem nos mandar bons cantores para cantar para nós, sem esse investimento tão alto.

26 - terceiro mundo

“Não estamos reduzindo os programas eruditos. Pelo contrário, estamos fazendo mais. Porém, estão sendo reorientados. Por exemplo, temos cinco corpos permanentes no Municipal: a orquestra principal e a juvenil, o coro principal e o juvenil e o balé. Agora, cada corpo permanente tem que fazer alguma apresentação todo mês e não mais todo ano. Um programa para eles é o que chamamos de ‘Domingo na Escadaria’. Com música mais leve, eles tocam todos os domingos na escadaria do teatro Municipal, ao ar livre, para o povo, que se reúne na Cinelândia. É um programa popular e tem contado com a assistência de muita gente.

“Outra iniciativa, para mim muito importante, é a que eu chamo de ‘Brasileira Musical’. Trata-se de um concerto de música clássica brasileira, aos sábados, também no Municipal.

“Em geral, a música clássica brasileira é como uma azeitona que enfeita os concertos. Eu acho que os brasileiros têm que ouvir música brasileira, não só o samba pela rádio, mas também a sua música erudita. Se todo sábado houver um concerto de música brasileira, em dois anos, o jovem poderá ter ouvido as principais obras de Villa Lobos e dos grandes compositores do país.”

### O povo no Municipal e a arte nos murais

“Outra iniciativa nossa foi abrir o Municipal à música popular. A festa da Clementina de Jesus foi a minha glória. O dia em que eu coloquei a Clementina no Municipal (e mandei convidar as baianas – toda mulher vestida de baiana podia entrar de graça), me senti realizado. E fiz aquilo porque a Clementina é a grande voz do nosso povo, o gozo supremo de ser brasileiro, a dor do Brasil. Quando ela chegou dizendo ‘gente, eu estou viva’, com aquele sentimento pela homenagem, com todos aqueles artistas cantando para ela, foi um dos melhores momentos da minha vida. Como secretário de Cultura quero fazer muitas outras coisas bonitas como essa.

“Uma delas é o Festival Mundial da Juventude, na Barra da Tijuca. Quero ver 10 mil jovens acampando em barracas, com uma grande plataforma na qual durante uma semana será tocada música brasileira e onde haverá debates, sobre qualquer tema: se é bom o feminismo, como será o Brasil do século 21 etc. Meninas e meninos de todo o Brasil e do exterior se encontrarão lá, numa grande confraternização.

“Também teremos o Festival Mundial de Música Negra, que está sendo organizado por Gilberto Gil. Utilizaremos o Maracanã e a ‘Avenida do Carnaval’. Vamos trazer artistas negros dos Estados Unidos, do Caribe e da África. Será um festival para o nosso povo negro se encher de orgulho. Va-

no. 60 – novembro – 1983

Dalal Achcar

## “Pôr a cultura ao alcance do povo”

mos convidar todos os terreiros de candomblé, todos os terreiros de macumba, daqui do Rio, da Bahia e outros. Cada mãe-de-santo traz a sua comida, dá a sua bênção. Será na Quinta da Boa Vista. O que está por trás dessa idéia? Valorizar o negro, valorizar a cultura popular.

“Outra idéia que estamos discutindo com artistas plásticos é fazer algo que sempre me deu inveja quando visitava o México: a pintura mural. O muralismo mexicano é uma maravilha. Claro que ele teve um sentido político, ligado à revolução mexicana. Nós não vamos fazer algo igual àquilo, pois é impossível. Mas o que faremos no Rio é entregar aos nossos pintores muitos daqueles painéis brancos que a cidade tem, para começar um movimento de arte mural. Um dos painéis estará localizado no mural da Escola de Música, ao lado dos Arcos da Lapa. É imenso, uns 80 metros de comprimento por 20 de altura. Esse painel será a continuação da paisagem, vai ser uma beleza. Outro será perto da Candelária. A idéia é reproduzir ali alguma pintura brasileira, algum motivo de Natal, ou uma mãe com o seu filho. A cidade vai começar a se enriquecer.”

### O “corredor cultural”

“Também já consegui um prédio imenso, da Fundação Progresso, de grande valor imobiliário. Consegui que o governador Brizola o tombasse para criar ali um núcleo cultural que vai dar ao Rio antigo o seu valor original. As gerações futuras vão poder curtir a cidade, como era no passado. No centro, estão alguns dos melhores restaurantes do Rio, porém permanecem fechados aos domingos. Vamos reabri-los. Vamos fazer com que o centro volte a viver nos fins de semana. E nesse sentido é que a Fundação Progresso vai contribuir, convertida em um centro cultural. Oscar Niemeyer fez o estudo para mim. Vamos ter lá três grandes galerias, onde haverá exposições, as melhores no gênero. Uma será de escultura africana. Vamos trazer as peças originais da arte negra. Se essa escultura foi que provocou uma tal impressão em Picasso, quando a viu em Paris, que o levou a criar o *cu-bismo*, o que ocorrerá quando o nosso negro brasileiro ver a sua beleza!...”

“Teremos também uma exposição permanente de arte indígena. E haverá um salão sem cadeiras, destinado aos jovens, no qual cabem 1.200 pessoas sentadas no chão. Todo jovem que cair no centro da cidade, das 6 às 9 horas da noite, terá ali um lugar para sentar e um programa, que poderá ser um flautista ou alguém que toque violão ou que recite poesia ou cante. Isso até as 9 horas da noite. Depois, começa uma ‘gafieira’. Vai ser uma coisa bonita. O pessoal do Circo Voador vai nos ajudar.”

**O** secretário de Cultura, Darcy Ribeiro e Dalal Achcar foram os impulsores de um espetáculo de balé “cem por cento” nacional, que teve uma calorosa acolhida de parte do público. Estamos nos referindo a “Gabriela”, baseada na obra de Jorge Amado, com música de Edu Lobo, cenografia de Caribé e coreografia de Gilberto Motta.

Dalal Achcar, bailarina e coreógrafa, conversou com cadernos do terceiro mundo sobre a nova etapa do balé brasileiro inaugurada pela *mise-en-scène* de “Gabriela”:

Beatriz Bissio



Dalal Achcar: “educar o espírito é um hábito”

“‘Gabriela’ é só o começo. Vamos fazer um ciclo com os balés que chamo de ‘clássicos brasileiros’. A iniciativa não somente está destinada ao público do país; também pensamos levar esses espetáculos ao exterior, como uma espécie de cartão-de-visita do Brasil. Mostrar o melhor que temos, partindo de uma técnica universal de dança”, afirma a diretora da Divisão de Dança da Funarj.

“Quando assumi o cargo me impus a tarefa de recuperar nossa dança”, acrescenta Dalal. “Na época não havia público nem perspectivas para os bailarinos. Era necessário criar as condições técnicas e artísticas a nível dos padrões internacionais. E



Chico Nelson

“O balé ‘Gabriela’ foi uma experiência maravilhosa”

foi o que fizemos. Trouxemos para o país os melhores professores do mundo e apresentamos os grandes clássicos da dança em suas melhores versões e produções, com nossos próprios bailarinos, convidando só o artista principal para vir dançar o papel em que mais se destacou. Por que? Porque assim o artista brasileiro poderia ver até que ponto é possível chegar no domínio da técnica da dança. Trouxemos os melhores do mundo em cada papel como uma forma de conscientizar o artista brasileiro de seu próprio potencial. E, ao mesmo tempo, para que tomasse consciência do nível em que se encontra atualmente, para que não incorresse na idéia de que ‘em terra de cegos quem tem um olho é rei’, conformando-se com um nível medíocre.”

### Cenas brasileiras

“Em dois anos de trabalho, conseguimos passar de 12 para 68 espetáculos por ano, em 1981, e para praticamente 80 em 1982; e de três mil espectadores para 97 mil. Isso deu a nossos bailarinos muita confiança, ampliando o mercado de trabalho. Uma segunda etapa será montar um repertório brasileiro. ‘Gabriela’ foi o primeiro passo. Eu já havia pensado nesse tema antes de assumir a direção do Municipal, porém não tinha as possibilidades que o apoio do Estado proporciona.

“Agora pretendo montar ‘A Selva Amazônica’, com música de Villa Lobos e cenário de José Varona, um argentino radicado nos Estados Unidos que é um dos maiores cenógrafos do mundo. A coreografia é minha, feita em 1975 para Margot Fonteyn.

“No próximo ano, também pretendo montar ‘Cenas brasileiras’, um balé que permite uma estilização do nosso folclore, uma das formas que

temos de mostrar o Brasil no exterior — o cartão-de visitas de que falávamos. Estilizar os movimentos do folclore é uma técnica da dança, como sucede com os passos do reisado, do norte do Brasil, no balé ‘Gabriela’, cuja coreografia é de Gilberto Motta, um grande artista brasileiro.

“A experiência de ‘Gabriela’ é maravilhosa: fizemos 24 sessões em vez das 20 programadas, com mais de 34 mil espectadores. México e Portugal se interessaram em apresentar o balé, embora ainda não saibamos se será possível, dadas as dificuldades de custear um empreendimento desse tipo.

“Lamentavelmente não se faz arte sem dinheiro. Isso é assim há séculos. Antes tínhamos os mecenas, os reis, os ricos, que sustentavam os gênios como Miguelângelo ou Leonardo, por respeito à produção artística. Hoje em dia, esse tipo de iniciativa tem que partir do Estado e, eventualmente, das empresas privadas, que têm obrigação de ajudar o Estado no campo da cultura.

“Agora estou empenhada em montar espetáculos populares e didáticos. Os didáticos serão apresentações às 17 ou 18 horas, para os melhores alunos das escolas do município. Assim eles terão a ocasião de assistir um espetáculo cultural de bom nível, introduzindo essas crianças e esses jovens nesse tipo de atividade.

### Educar o espírito

“O Brasil tem a matéria-prima, que é o homem. Através da cultura vamos recuperar a defasagem que existe entre o desenvolvimento da infra-estrutura do país e o desenvolvimento das artes. Os hábitos se adquirem na infância. Alguém que não adquiriu o hábito da leitura quando pequeno, dificilmente o adquirirá quando adulto. Educar o espírito é a mesma coisa, uma questão de hábito. Temos que fazer com que, para nossos jovens, assistir um espetáculo artístico seja um programa semanal, como ir à praia ou ao futebol, que se habituem a ir ao teatro, ao balé, a exposições de pintura ou a sessões de música.

“Quando uma família puder fazer um piquenique na Quinta da Boa Vista — qualquer família — e assistir a um espetáculo de balé ou a uma ópera, ou a um concerto, se terá alcançado aquela integração que eu chamo de *cultura-lazer*. Nesse dia, poderemos descobrir novos talentos e isso é muito necessário para um país como o nosso.

“A cultura é a saúde do espírito. Em um país com 75% de jovens como o Brasil, introduzir a juventude na atividade cultural é um dever e um desafio. O Brasil só vai impressionar no exterior no dia em que oferecer o que os outros não têm. E já mostrou o que é possível conseguir com o futebol ou a música popular. Muito brevemente poderá fazê-lo também com a dança. ●

## O projeto da Funarj

□ A Fundação de Artes do Rio de Janeiro (Funarj), nasceu da fusão das extintas Funterj (Fundação dos Teatros do Rio de Janeiro) e Femurj (Fundação dos Museus do Rio de Janeiro), ainda no governo anterior. Segundo Adriano de Aquino, assessor do atual vice-presidente da Fundação, Hugo Carvana, essa fusão pode agilizar a atuação da entidade porque “tem-se um programa integrado capaz de ter uma ação contínua e muito eficaz”. Isso, porque “o que nos interessa é poder mostrar às nossas populações o que nós produzimos em comparação com o que de melhor se produz em outros países”.



João Carlos Horita

Além dos projetos já em andamento – por exemplo, o “Domingo na escadaria” (foto acima) – a Funarj está planejando dois outros de maior envergadura: o Festival de Cinema do Rio de Janeiro (cujas primeiras mostras se realizarão no próximo ano) e sobre o cinema latino-americano e do Caribe) e a Trienal Internacional de Artes Plásticas do Rio de Janeiro.

Sobre o festival, Aquino acha-o “da maior importância, já que este não terá a mesma natureza dos festivais convencionais, que apenas procuram mercado para as obras apresentadas. O nosso tem uma perspectiva eminentemente política, não terá esse caráter mercadológico. Três seminários correrão paralelos à mostra dos filmes: 1) sobre a legislação cinematográfica na América Latina; 2) sobre a dramaturgia, no plano estético, ou seja, sobre a linguagem do cinema; e 3) sobre o ponto de vista dessas produções face à produção das transnacionais da imagem”, que visam particularmente a penetração no mercado brasileiro das transnacionais dos vídeo-cassetes.

A presença dos mais diversos realizadores latino-americanos, no Rio, permitirá constatar até que ponto eles “vivem os mesmos problemas que nós enfrentamos, principalmente em termos de encontrar mercado para seus produtos”.

“Interessa-nos que o cinema brasileiro não fique isolado do seu contexto latino-americano. E não se trata de queremos inventar nada. Só estamos dispostos a conferir as identidades existentes, de fato, com esses países”, acrescenta Aquino. “Interessa-nos mostrar que nossa cultura existe em razão de uma série de situações históricas. Nossa pretensão (e aí não falo só do festival em si, mas da programação global da Funarj), é dar ao público a possibilidade de ele alcançar um conceito fundamental, que é o de cidadania. Ele vai saber que é um cidadão e que tem direito à sua produção cultural”.

Quanto à Trienal Internacional de Artes Plásticas, Aquino assinala que essa mostra, programada para breve, não pode ter como base uma política “geográfica, a nível de ministérios de Relações Exteriores, que determinam qual o tipo e porque tal produção deve ser mostrada”. Para ele, o brasileiro já tem um perfil cultural bastante definido que lhe permite “saber selecionar aquilo que lhe interessa ver”. E afirma: “Nossa produção de bens culturais é de muito bom nível e não só tem condições como deve ser mostrada em qualquer lugar do mundo”.

E sobre a questão da administração dos museus do estado? “Eu acho que ela tem sido autoritária e erra numa série de aspectos. Os museus se esquecem que a obra de arte necessita de uma estreita ligação com o público”, diz Aquino. “Um administrador tem que ter uma ideologia bastante clara, senão ele pode cair no ‘direitismo’ de feiticizar a obra, santificando-a a ponto de aliená-la do seu público em potencial, que antes de tudo é o próprio povo. Acaba isolando a obra numa redoma, pensando que a está protegendo. Aí, ela perde a sua finalidade, que é ser objeto e reflexo de um patrimônio cultural, pois ela existe e é do povo, e faz parte da história desse povo”.

Segundo o assessor da Funarj, “já existe algo de concreto, de palpável no sentido de mudar toda essa estrutura” existente no estado do Rio de Janeiro, pois “quando se administra é necessário ter um alto espírito de autocritica capaz de determinar que não se vai eleger algo segundo o seu próprio gosto, mas sim de acordo com determinados parâmetros que são bem mais amplos, mais populares, menos eruditos.” E finaliza: “O gosto é uma coisa que se adquire, se conquista; o gosto pela arte e pela cultura é algo que se pode e deve organizar”.

“Vargas”

# O nacionalismo volta à cena

Quinze anos depois, uma peça sobre Getúlio Vargas volta ao palco. Em cena, poucas mudanças, mas na platéia uma enorme diferença



**Q**uase 30 anos após o seu suicídio, Getúlio Vargas continua sendo a personagem mais polêmica da história recente do Brasil. Por isso, quando o musical “Vargas” estreou no teatro João Caetano, do Rio de Janeiro, no começo de outubro, a discussão surgida em torno da peça não chegou a surpreender. O inédito seria o con-

Getúlio Vargas, sempre polêmico e atual

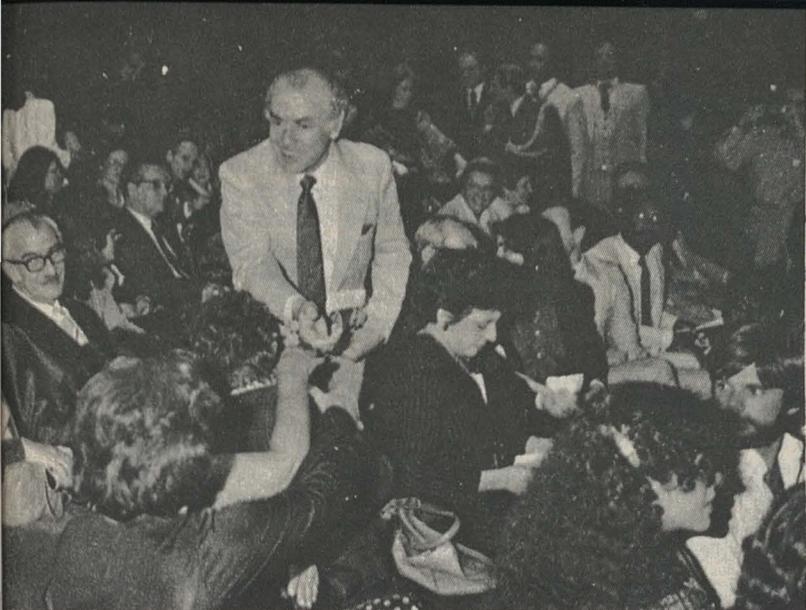


trário, porque nunca houve unanimidade sobre a complexa personalidade do político gaúcho.

Se os próprios historiadores até hoje não conseguiram chegar a um acordo sobre Getúlio, à exceção do papel nacionalista que ele desempenhou, quando o tema “Vargas” foi transposto para um texto teatral, a polêmica se tornou ainda maior, passando a envolver desde o questionamento da fidelidade histórica até os limites da liberdade de criação artística. O texto original foi redigido no final da década de 60 e apresentado pela primeira vez com o título “Dr. Getúlio, sua vida, sua glória”, no teatro Opinião, no Rio de Janeiro.

Os autores, o poeta Ferreira Gullar e o teatrólogo Dias Gomes, ambientaram a história no período mais crítico da vida de Getúlio, os meses anteriores ao suicídio, e desenvolveram a narrativa usando dois planos: o histórico, baseado na figura de Vargas, e o simbólico, centralizado no personagem “Simpatia”, presidente de uma escola de samba. Os dramas de Getúlio e “Simpatia” se entrelaçam em duas linguagens diferentes: a musical, quando se trata de “Simpatia”, e a narrativa, quando é Getúlio. Tanto uma personagem como a outra são vividas pelo mesmo ator (Paulo Gracindo).

Na primeira versão, em 68, o texto era nostálgico e sofrido, porque tanto no palco como na platéia estava onipresente o trauma do golpe de 64. Na época, trabalhismo, varguismo e nacionalismo eram palavras quase proibidas. Muito mais ainda uma referência imparcial ao papel de Jango. Não havia a menor possibilidade de uma polêmica aberta e as apresentações no teatro Opinião eram mais um ato de resistência muda. As características políticas daquela época, com o pesado espectro da censura pairando sobre todos os artistas, não permitiam a polêmica.



O governador do Rio, Leonel Brizola, na estréia de "Vargas"



O elenco da peça

### De Getúlio a "Vargas"

Quinze anos depois, a peça voltou ao palco numa realidade totalmente distinta e com outro nome — "Vargas". Os autores atualizaram partes do texto, introduzindo piadas sobre o FMI e Delfim Neto, suprimiram referências a particularidades como a "República do Galeão", já que a grande maioria do público atual tinha menos de 15 anos quando Getúlio se matou. O enredo deixou de ser nostálgico para ser apoteótico. A montagem discreta do Opinião foi substituída pelas cores da coreografia televisiva. Mas a mudança mais importante aconteceu na platéia.

No dia da estréia, foi o próprio governador Leonel Brizola quem iniciou uma apaixonada polêmica que deve continuar até março no teatro João Caetano e que talvez se prolongue por alguns estados, caso aconteça uma ainda incerta *tournee* nacional. Depois de aplaudir o desempenho dos atores, Brizola foi aos bastidores onde, segundo ele próprio admitiu, despiu-se do cargo e fez reparos ao texto, como "todo bom trabalhista".

O governador eleito do Rio de Janeiro manifestou a sua estranheza pela ausência de referências à figura do ex-presidente João Goulart, criticou a interpretação dos autores sobre o projeto que criou a Petrobrás e também disse que o assassinato de "Simpatia" lançou dúvidas sobre o objetivo que Getúlio tinha em mente quando decidiu acabar com sua própria história. Outros trabalhistas, como o líder do PDT na Assembléia do Rio de Janeiro, José Gomes Talarico, foram mais duros. Segundo Talarico, a peça parece udenista e poderia ter como "título, Lacerda, e autoria de Amaral Neto".

No dia seguinte à estréia da peça produzida pela Funarj (Fundação de Artes do Rio de Janeiro), Brizola deu a seguinte declaração: "Agora, historicamente, eu que vivi essa época, acho que é preciso examinar um pouco para ver que intenções estão por trás do texto da peça. Há uma descontinuidade histórica, que não é real e há certos detalhes que não podiam faltar, particularmente a figura de Jango. Essa descontinuidade corta a história e ela não pode ser cortada".

A filha de Getúlio, Alzira Vargas, entrou na polêmica defendendo os autores e justificando a ausência de Jango da última reunião presidencial antes do suicídio, baseada no fato de que Goulart não era mais ministro na época. Alzira disse que Jango tinha uma das três cópias da carta-testamento, entregue pelo próprio Getúlio, mas que isso não significa que ele tenha sido nomeado herdeiro político de Vargas. A filha de Getúlio, hoje com 69 anos, defende o direito de Gullar e Dias Gomes criarem em cima da história e cita como exemplo o fato de que o atual governador de Minas, Tancredo Neves, aparece na peça como uma figura chave na última reunião, quando segundo Alzira, na verdade quem mais se destacou foi o então ministro da Fazenda, Osvaldo Aranha.

Ao abrir o debate, o governador do Rio de Janeiro rompeu com uma prolongada passividade dos meios intelectuais na discussão dos temas históricos e culturais. E a polêmica passou dos bastidores para a platéia, páginas de jornais e foi até a Assembléia Legislativa estadual, onde a peça provocou um simpósio sobre Vargas. As testemunhas dos fatos mencionados no texto teatral se dividiram. Os que hoje têm 40 anos e que na época eram crianças, retomaram contato com o nacionalismo, um

tema que ficou soterrado pela censura desde 1964. E só hoje, quando o consumismo do milagre econômico entrou em crise, é que o público começou a descobrir as virtudes da soberania e do nacionalismo, temas que estão muito ligados à figura de Getúlio.

O autor do substitutivo ao projeto de criação da Petrobrás, o ex-deputado Euzébio Rocha, viu a peça no aniversário de 30 anos de fundação dessa empresa estatal e não pôde conter as lágrimas. Ele achou que o texto não fez justiça ao esforço dos nacionalistas da década de 50 que lutaram pelo monopólio estatal do petróleo, ao apresentar o projeto final da Petrobrás como de inspiração udenista. Já o governador de Minas Gerais, Tancredo Neves, e a filha de Getúlio, Alzira Vargas, concordam com a versão de Ferreira Gullar e Dias Gomes.

Ferreira Gullar não concordou com as colocações de Brizola: "De fato, chegamos a discutir a conveniência de situar João Goulart no contexto da peça, mas depois verificamos, eu e o Dias Gomes, que Jango não representou naquele período uma personalidade política significativa. Não vejo nisso nenhum desmerecimento pela figura de Goulart, principalmente porque tenho dele uma opinião muito favorável". Segundo Ferreira Gullar, o brigadeiro Eduardo Gomes e o general Juarez Távora foram figuras chaves na época e também deveriam ter aparecido na peça, mas ficaram contidos na personagem de "Carlos Lacerda" para, segundo os autores, não congestionar o número de atores e dispersar a narrativa.

Já o diretor de "Vargas", Flávio Rangel, qualificou a peça como uma das "melhores coisas que aconteceu nos últimos anos no meio teatral". Ele acha que a polêmica em torno da obra é boa: "Para mim, Brizola recolocou no palco a discussão política, e isso é extremamente saudável para um país que, mais do que nunca, precisa debater, discutir. Talvez Brizola tenha até razão ao reclamar a presença de Goulart, pois ele acabou sendo o herdeiro de Vargas. Mas acho que o grande herdeiro da carta-testamento foi o povo brasileiro".

A polêmica se estendeu também aos empresários teatrais que condenaram o que foi classificado como "competição desigual entre o Estado e a iniciativa privada". A essas críticas, os responsáveis pela Funarj respondem afirmando que não é ilegal a produção de peças teatrais por organismos do governo e que não foi o Estado que financiou a encenação de Vargas. Segundo Antônio Pedro, representante do setor de teatros da Funarj, o governo do estado apenas adiantou o dinheiro para a montagem e deve receber tudo de volta já no final do primeiro mês de apresentações".

Para o público jovem, "Vargas" causou perplexidade. O hiato político dos últimos 19 anos impediu que a era de Getúlio fosse conhecida pela geração com menos de 40 anos. Alguns acham a peça superada em termos de polêmica sobre as questões do presente. Outros se mostraram curiosos em relação ao nacionalismo, uma expressão que desde 64 foi vinculada mais à paixão futebolística e menos à defesa dos interesses nacionais, na política e na economia.

### O depoimento de Darcy Ribeiro

#### "Vargas", uma tragédia brasileira

□ "Vargas" vai marcar "o momento da retomada do teatro brasileiro, que pela primeira vez chega ao nível do teatro musical. A peça é de uma beleza incrível. Eu a escolhi porque ela tem uma força tremenda: o drama shakespeariano mais terrível da história do mundo ocorreu aqui no Brasil e o povo não sabe disso. O presidente 'mais amado pelo seu povo' — segundo diz a letra da música-tema da peça — acuado pelo imperialismo e pelos inimigos internos porque tinha uma política popular, estoura o coração com um tiro. Você precisa ir ver Shakespeare, lá na Inglaterra, com 'Ricardo Coração-de-Leão', para ter um drama a esse nível, mas lá a gente mandava matar os outros. Ninguém mata a si mesmo. Não há coisa

mais terrível que o drama de Getúlio. Mas as gerações jovens nada sabem, ninguém lhes fala nisso. Mas Getúlio não é só o presidente que estoura o coração, é o presidente que escreve a carta-testamento. Um grande manifesto político, de denúncia de quem nos explora. E durante 20 anos não se falou nela.

"A peça dá uma contribuição à dramaturgia brasileira, com a genialidade que é pegar a tradição do teatro popular brasileiro — o enredo de escola de samba — e mostrar nele o drama de Getúlio. Não há uma peça mais pedagógica, mais dramática e mais bonita do que essa. E fiquei tanto mais contente porque a partir da peça ocorreu uma coisa que me deixou boquiaberto. Eu tinha visto o texto da peça em 1968, com o Jango, no exílio. Em 68, era impossível incluir Jango, pois então a peça não poderia sair. E incluir Jango hoje seria artificial. Mas o Brizola não aceitou isso. E em vez de não aceitar e fazer como um Médico faria, mandando censurar a peça, não, foi para o camarim discutir com os autores e abraçar os artistas..."

Hélio Silva

## A lenda ensina história

O historiador Hélio Silva assistiu à estréia do musical "Vargas", no Rio de Janeiro, em situação semelhante à que tem vivido ao registrar os fatos recentes da história do país — perto das principais personagens. No teatro João Caetano, ele esteve com Luterio Vargas, Neuza e Leonel Brizola, Darcy Ribeiro, Barbosa Lima Sobrinho, Alzira e Ernane do Amaral Peixoto, Celina e Wellington Moreira Franco, Oswaldo Gudolle Aranha, José Gomes Talarico, Yara Vargas — todos de alguma forma ligados ao período do ex-presidente Getúlio Dornelles Vargas.

*Que impressão o musical "Vargas" despertou no senhor, como espectador e historiador?*

— É um dos melhores espetáculos a que assisti. Não é e nem pretende ser documentário histórico, mas resulta numa criação feliz ao reunir dois temas populares: Vargas e escola de samba. A felicidade está em conjugar em dois planos a ação política que culmina em tragédia com o assassinato do major Rubens Tolentino Vaz e o fim trágico de Getúlio, enquanto no plano carnavalesco o drama se desenvolve na competição entre o bicheiro "Tucão" e o presidente da escola, "Simpatia". O

Hélio Silva

fundo histórico alimenta o entrecho, mas não o obriga porque é uma obra de arte e, como tal, livre.

*Como o senhor, como historiador, analisa a crítica do governador Leonel Brizola de que "Vargas" falta com a verdade histórica?*

— O governador Leonel Brizola tem todo o direito de opinar e assegurou esse direito por toda uma vida de coragem e independência e seu temperamento sincero e impulsivo. Agora, quanto à participação de João Goulart nos dias finais de Getúlio, quem comete engano histórico é o próprio Brizola.

*Que engano?*

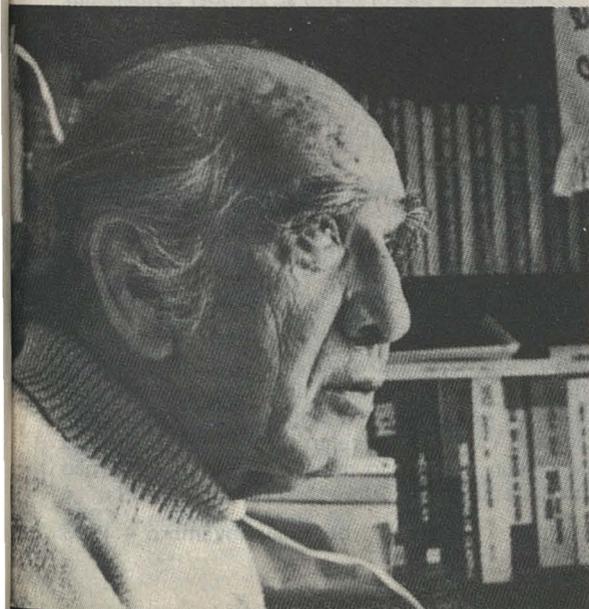
— O de que João Goulart teria participado da última reunião do ministério com o presidente, na noite de 23 de agosto de 1954, véspera do suicídio. Jango (João Goulart) foi o terceiro mas não o último ministro do Trabalho de Getúlio e teve sua gestão entre 1953 e fevereiro de 1954, quando se demitiu em consequência do "Manifesto dos Coronéis" para aliviar a pressão dos militares sobre Vargas. Assim, ele não tomou parte da última reunião, nem tinha condições funcionais para tanto. Após deixar o ministério do Trabalho, Jango manteve-se numa penumbra voluntária e participou acidentalmente dos momentos finais de Getúlio.

*Acidentalmente?*

— É. Por acaso, ele estava no Rio de Janeiro naqueles dias agitados de agosto de 1954. Quando ia partir para o Rio Grande do Sul, Vargas chamou-o ao Catete e lhe entregou um envelope fechado — cujo conteúdo Jango ignorava — com a determinação de que só fosse aberto no sul, se algo de grave ocorresse com ele, Getúlio. Era a cartatamento, esboçada por Vargas e com texto definitivo do jornalista José Maciel Júnior. Getúlio temia que a carta não fosse publicada no Rio ou no Brasil e tentou através de Jango sua divulgação no Rio Grande do Sul ou na Argentina, onde João Goulart tinha acesso ao próprio Perón.

*E quando Jango abriu a carta?*

— Ele acabou adiando a viagem e foi surpreendido ainda no Rio pelo suicídio do presidente, com quem não teve mais contato depois de receber o envelope. Esta é a participação de Jango no episódio, a mim confirmada por ele, em uma das entrevistas feitas entre 1954 e 1978 para o livro "1954 — Um tiro no coração", um dos meus 27 livros sobre Getúlio. Quanto ao musical "Vargas", incluir a personagem Jango — apenas para fazê-lo participar da maneira descrita — seria apresentar, em proporções muito reduzidas, alguém que marcou um grande lugar na História.





Após a sua eleição, Getúlio Vargas volta ao Catete, em 1951 (ao alto). Getúlio, na campanha da Petrobrás (foto do meio). Lacerda, ferido (ao lado)

*Que contribuição um musical como "Vargas" traz para o aprendizado da história do Brasil?*

— Uma contribuição importantíssima. O povo, as crianças e os velhos ignorantes não sabem História. Daí a sequência de mentiras de bronze de que é feita a nossa história: desde a controvertida data do descobrimento do Brasil, passando pelo grito — que não houve — do Ipiranga, até a proclamação da República que Deodoro não proclamou, mas sim alguns poucos republicanos, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, e no dia seguinte à data comemorada oficialmente — 16 e não 15 de novembro de 1889. Em nosso país, só através de musicais e do cinema é que se trava conhecimento dos fatos históricos. Para o povo, a lenda vale mais que a história. E a lenda, se não for mentirosa mas apenas criativa, ainda é a melhor forma de educar o povo, familiarizá-lo com nossa vida.

*O fato de a alegoria não se prender à fidelidade histórica não deformaria a compreensão dos fatos passados? Em "Vargas", por exemplo, a personagem "Simpatia" — Getúlio é assassinada quando todo mundo sabe que o ex-presidente se suicidou.*

— Desde que a criação artística não deforme a verdade histórica, ela não é prejudicial à educação do povo. Em "Vargas", a única liberdade criativa tomada é o fato de Getúlio não se suicidar mas ser morto pelo rival na escola de samba. Isso tem o sentido de apontar Carlos Lacerda como o autor intelectual do suicídio de Getúlio. É claro que eu não estou fazendo essa acusação a Carlos Lacerda, que, embora tenha atacado violentamente Getúlio, jamais supôs que provocaria seu suicídio. Na peça, inclusive, Carlos Lacerda nem aparece no plano histórico na condição de responsável pela morte de Getúlio Vargas. É no reino da fantasia, na quadra da escola, que Tucão mata o "Simpatia" que não queria renunciar. (Entrevista a Octavio Tostes) ●

Dias Gomes

## Em busca de uma nova linguagem teatral

O autor da peça "Vargas" defende o seu direito de criar arte com base na história e diz que os intelectuais têm agora o dever de procurar uma nova linguagem para chegar ao povo. Eis seu depoimento: "O artista tem todo o direito de recriar a realidade; aliás, se ele não recriasse a realidade, se ele apenas a copiasse, não seria arte, pois a cópia da realidade não é arte. Uma peça de teatro não é um manual de história, é uma recriação da realidade. Na arte, o artista tem inteira liberdade. Este é um ponto fundamental: a liberdade de criação artística. Se não fosse assim, Picasso não poderia pintar pessoas com um olho no meio da testa.

"Apesar disso, não existe nenhuma distorção da realidade histórica na peça 'Vargas'. No caso do projeto da Petrobrás, nós nos referimos às emendas que a UDN apresentou. O projeto é do presidente Vargas e a UDN apresentou emendas ao projeto. E na peça nós colocamos isso como uma coisa astuciosa do próprio Getúlio. Ele deliberadamente fez um projeto para a UDN emendar, para que a UDN colocasse umas emendas nacionalistas imaginando que ele não iria sancionar o projeto-lei. Na verdade, eram realmente aquelas emendas que ele queria que a UDN apresentasse. Em vez de ele apresentar um projeto declaradamente antiimperialista, que levantaria toda a oposição contra ele, Vargas enviou ao Congresso um projeto meio 'morno' abrindo a possibilidade de serem apresentadas emendas, e justamente as que ele queria que fossem apresentadas.

"Não há nenhuma imprecisão histórica. Poderia até haver, seria nosso direito, mas não houve necessidade. O que a peça tem é omissão de uma personagem, de um fato. Mas é evidente que se você vai focalizar um momento da história do Brasil ou do mundo, você tem que selecionar cenas e personagens. Por exemplo, numa peça sobre a Revolução Francesa, você vai colocar quantas pessoas em cena? Como colocar todas as que participaram? É necessário selecionar as personagens fundamentais para aquilo que se quer expor.

"Aí está a liberdade do autor. Eu escolhi, por

exemplo, um dos filhos de Getúlio Vargas, Alzira, mas ele tinha outros. Lutero, Maneco e Jandira não entram. A própria esposa do Getúlio, a primeira-dama também não entra na estória. Por que? Porque não me interessava. Para o desenvolvimento da trama da peça não havia necessidade dessas personagens, que só iriam atulhar a cena, sem nenhuma participação determinante. Esse é um direito do autor, selecionar personagens e cenas. Isso não é inverdade histórica.



Dias  
Gomes



Ferreira  
Gullar

"O que a peça propõe é uma reflexão sobre o seguinte tema: por que na América Latina, toda vez que um presidente resolve assumir uma posição nacionalista, de defesa dos interesses nacionais e estabelecer um modelo de crescimento independente dos modelos do imperialismo norte-americano, esse presidente é fatalmente deposto ou morto? E por que essa conspiração contra esse presidente, seja ele, Getúlio, Jango, Allende — ou agora em relação ao governo da Nicarágua — sempre se desenvolve da mesma maneira, no mesmo esquema, desde Getúlio, a Guatemala, ou a invasão da



Ricardo Chaves

Flávio Rangel coloca em cena uma peça vibrante

República Dominicana? Este é o tema da peça. Isso é que devia ser discutido pelos jovens de hoje, pois é uma reflexão sobre o seu tempo.”

### Linguagem nova

“Na época da primeira montagem (1968), os teatros estavam sendo invadidos pelos CCC (Comando de Caça aos Comunistas), que espancavam os artistas. Afunilava-se a liberdade, o resto de liberdade. Hoje é o oposto: estamos abrindo, reconquistando a liberdade. O que se coloca em primeiro lugar para o artista é a necessidade de uma linguagem *nova*. E este é sempre o grande problema das redemocratizações, da volta à liberdade.

“Nós ficamos 16 anos obrigados a falar por metáforas, porque havia uma censura rígida que não permitia questionar a realidade brasileira, contestar o regime. Isso levou o teatro a um tipo de peça metafórica. O regime impôs um tipo de teatro permitido, o intimista, de discussão dos problemas existenciais, que não passam dos limites do corpo, que não afetam os pilares da nação, da sociedade ou do sistema. Ou então, um teatro alienatório, de expressão corporal, de agressão, e outras ‘doenças’ que atacaram o teatro nesse período.

“Mas aquele teatro que se vinha fazendo a partir dos anos 50 e que a dramaturgia brasileira vinha pesquisando, esse foi violentamente cortado a partir de 1964. O teatro de questionamento da realidade, que brotasse da própria terra, do povo, das suas tradições e da discussão dos problemas nacionais, esse foi completamente varrido dos palcos. Os

autores que ainda continuaram a escrever nesse período, sem querer ceder ou conceder ao regime, tiveram que enveredar por uma linha metafórica. Eu mesmo escrevi ‘O santo inquerito’, que se passava no século 18, mas que era uma maneira de contestar, de criticar a violência do regime através de uma fábula.

“Com a abertura, não tem mais sentido falar por metáforas. E isso exige uma nova linguagem: qual? Como falar agora, dentro das novas condições? Isso não acontece só no Brasil. Aconteceu em Portugal depois da queda do salazarismo e também em outros países. Eu procurei logo uma nova linguagem, com ‘Campeões do Mundo’, montada em 1980, que colocava diretamente o problema da luta armada, das diversas linhas de contestação.

“No terreno do musical, considero ‘Vargas’ o caminho. Um caminho que foi aberto em 68, com uma proposta formal inovadora no sentido de levar o musical por um caminho brasileiro, numa forma de contar história brasileira, que é a forma do enredo da escola de samba. E eu acho que esse caminho continua válido, e toda a crítica concorda com isso.”

### Levar a arte ao povo

“Esse é um problema da minha geração. Nós sempre propusemos um teatro *político e popular*. Ele chegou a ser político, porém nunca chegou a ser popular. E isso porque nunca alcançou uma platéia popular, devido a problemas econômicos. Quem é que pode pagar quatro mil cruzeiros para ver ‘Vargas’? Só classe média-alta ou talvez a classe média-média – com muito esforço – abrindo mão de alguns litros de leite a menos.

“Esse foi sempre o grande problema do teatro popular: ele precisa chegar ao povo e para isso tem que ser acessível, financeiramente acessível.

“Um empresário particular não pode colocar uma peça a um preço acessível para o grande público, porque senão a peça não se paga e ele vai à falência. Só é possível se o Estado se dispuser a isso, perdendo dinheiro, sem retorno, investindo na cultura do povo. Ora, dentro de um Estado capitalista isso é uma incoerência. Isso só é possível num Estado socialista. E, por isso, esse tipo de teatro popular, com o qual sonhamos, só existe em países socialistas.

“É preciso que o Estado gaste com a cultura, é preciso que o Estado gaste mesmo com espetáculos que não tenham retorno (o que não está sendo o nosso caso). Os espetáculos de ópera, por exemplo, nunca têm retorno e ninguém reclama. Mas se o Estado não montar óperas, quem vai montar?

“Eu acho que para resolver esse problema do teatro popular, antes vamos ter que fazer a revolução popular.” (Depoimento a Cláudia Neiva) ●

# Arte e participação

A cultura clássica grega surgiu graças à participação de todos. E quando essa participação deixou de existir, cessou também toda criação

Melina Mercouri\*

**N**a história grega do século 5 antes de Cristo, encontramos um exemplo extraordinário e até mesmo extravagante da democracia em ação. Na época, Atenas estava sendo ameaçada pelos conquistadores persas. Dario havia criado o maior exército e a maior frota que o mundo já conheceria, e estava pronto para atacar. Como reagiram os generais diante do perigo iminente? Reunindo conselhos de guerra, formados com a presença de sábios, de heróis ou estrategistas? Não. Enviaram uma delegação a Delfos para ouvir o conselho do oráculo — conselho este, diga-se de passagem, que era sempre transmitido em forma de parábola enigmática aos que recorriam à divindade. Como explicar que aquele povo, que deixou para a posteridade o legado da lógica e da razão, tenha reagido diante de perigo tão grave buscando a salvação em algumas palavras misteriosas e divinas?

A delegação retornou a Atenas com a mensagem do oráculo: "Protegei-vos com uma parede de madeira". E, numa expressão da mais alta forma de democracia, essa mensagem secreta deveria ser interpretada com a participação de todo o povo.

Referia-se o oráculo a uma grande fortaleza de madeira a ser construída em torno da cidade de Atenas e do porto de Pireu? Ou tratava-se, como queria Temístocles, de construir uma barreira de navios de madeira? O povo votou unanimemente pela interpretação de Temístocles, e a Grécia foi salva na batalha naval e no triunfo de Salamina.

\* "cadernos" foi autorizado por Melina Mercouri, ministra da Educação da Grécia, a publicar este texto que faz parte de uma conferência pronunciada por ela, em março, no ICA (Instituto de Cinema e Artes), em Londres.



Melina Mercouri, exaltando a antiga Grécia

Examinemos mais de perto essa noção de cultura e de sua projeção na democracia e vice-versa, uma vez que as duas noções nem sempre são paralelas ou sincrônicas.

## Cultura de participação e cultura de elite

A cultura se forma e se desenvolve como uma imensa espiral, semelhante àquela da dupla curva-

tura do ADN<sup>1</sup> que abriu para nós o segredo da vida, dando-nos o imenso e assustador potencial de manipular as estruturas da herança genética. Esse potencial ou esse perigo será realizado pelo homem — o único árbitro — dependendo da forma como ele venha a interpretar o seu segredo. As condições da interpretação, porém, são diferentes. O biólogo permanece mais ou menos isolado dos outros homens; as ciências não se inserem nos processos democráticos e, mesmo quando controladas por lei, são muitas vezes mal administradas e, outras vezes, violentamente contestadas. A bomba atômica, por exemplo, jamais foi submetida ao voto popular.

Antes dos gregos do século 5 a. C., não havia tragédia. Não havia filosofia. Não havia democracia. Mas a partir desse século, o cidadão grego sempre participava de tudo o que acontecia em seu país. O vasto programa cultural do povo grego, inclusive a construção do Partenon e toda a sua escultura, não foi decidido por burocratas invisíveis, por comitês de intelectuais ou por algum inspirado ministro da cultura. O cidadão votava sim ou não. Decidia o que deveria ou não ser pago com o seu dinheiro. A cultura era assunto de todos; a democracia era assunto de todos. Era impossível evitar certos erros, mas esses eram erros de todos, e qualquer fracasso era o fracasso de todos.

Somente quando a democracia grega foi derrubada pelos militares é que a cultura de participação foi substituída pela cultura da elite.

Quando os macedônios e, mais tarde, os romanos se apossaram do mundo grego, foram buscar seus colaboradores entre os ricos. Em retribuição, ofereceram aos ricos proteção contra as reivindicações sociais e políticas dos cidadãos mais pobres e menos privilegiados. E, com o domínio estrangeiro, vieram os casos clássicos de alienação. Os epicuristas abandonaram suas responsabilidades sociais para viver uma vida de refinado hedonismo, pelo qual eram bem pagos. Os estóicos adotaram a passividade que tolerava injustiças e desigualdades. Os cétricos buscaram refúgio no agnosticismo metafísico e moral.

O que deve nos preocupar hoje, porém, é como preservar nossas culturas e identidades nacionais ante a investida das modernas tecnologias — dos filmes, da televisão, dos satélites, e de toda a mídia, cujo tremendo poder de produção é enfeixado nas mãos de uns poucos monopólios. Se não permanecermos abertos a todas as culturas, correremos o risco de nos esclerosarmos e fecharmos em torno de nós mesmos. Isso é tão óbvio que não seria preciso dizê-lo — mas hoje há motivo para

preocupação. Esclarecerei o que quero dizer com um exemplo.

### Os Davis e os Golias da produção cultural

Mostramo-nos sensíveis e recebemos de bom grado a esplêndida explosão da música jovem dos anos 60, o fenômeno dos *Beatles*, aquela expressão coletiva onde havia, ao mesmo tempo, uma dose de adesão e de subversão, cujas vozes românticas contrastavam com instrumentações anti-românticas, onde a reverência se mesclava à impertinência e ao protesto — tudo impregnado de entusiasmo jovem e maravilhoso. Achemos absolutamente justo que suas canções fossem ouvidas e cantadas no mundo inteiro. Mas, quando a nossa juventude dança ao som do *rock'n'roll* e os garotos saem em bandos para estacionar suas motocicletas diante do cinema que está exibindo *Tootsie*, e bebem suas *pepsi-colas* enquanto aguardam que os amigos terminem de comer seus *Big-Macs*, eu me pergunto que vínculos podem existir entre a nossa juventude e a identidade grega. Como competir com esses Golias da produção, quando os nossos recursos são tão limitados? Milhares de filmes norte-americanos foram distribuídos por toda a Grécia — mas quantos filmes gregos já foram distribuídos até hoje em cadeias de cinemas nos Estados Unidos? Eu sei a resposta e vou dá-la aqui: somente dois.

Devemos procurar estabelecer um equilíbrio mais justo — em tudo, na poesia, na música, nas artes plásticas. O que fez a riqueza do mundo foi a diversidade e a multiplicidade de suas culturas. E essa riqueza não deve ser sufocada em país algum pelo peso monopolista de algum produto — e sim encontrar o eco a que tem direito. Não há como usar meias palavras: nosso problema decorre dos monopólios que criaram indústrias culturais. É uma batalha que devemos enfrentar. Devemos medi-la, estudá-la e elaborar uma estratégia para vencê-la.

Em nosso mundo de hoje, o meio transforma-se cada vez mais na mensagem. Certas pessoas gostam da série "Dallas" apresentada pela TV. Nada tenho contra isso: o programa dá aos pobres uma oportunidade de sentirem compaixão pelos ricos. Mas diria que existem programas bem melhores que não contam com um público tão grande. A força de "Dallas" reside no poderio dos recursos utilizados para produzi-lo, transmiti-lo e distribuí-lo. É preciso democratizar e descentralizar a mídia.

E, naturalmente, esse problema de descentralização, de administração, de indústria de cultura deve ser enfrentado dentro de nossas próprias fronteiras — pois só muito tarde viemos a reconhecer a que custo havíamos concentrado um acervo muito grande em nossos centros culturais. Se isso se apli-

<sup>1</sup>ADN — Ácido desoxi-ribonucléico, base dos gens e da vida.



O Partenon: um símbolo

ca à indústria e à administração, aplica-se ainda mais a programas culturais. Concentramos em nossas grandes cidades a maioria de nossos teatros, de nossos museus e orquestras. E fora desses centros ficaram os destituídos e excluídos. E, ao destituí-los, nós somos destituídos. Recebendo pouco estímulo para criar, as forças da cultura permanecem inativas e não se desenvolvem. Recebendo apenas as migalhas da expressão cultural, sua voz é apagada ou silenciada.

### Descentralização e democracia

Uma das prioridades de nosso programa de governo é a descentralização. Estamos dedicando ao governo local, à autogestão, uma boa parcela de nosso orçamento. Para nós a descentralização tem um objetivo duplo. O primeiro é fazer justiça às regiões e às províncias, permitir que recuperem o tempo e os benefícios que perderam.

O segundo objetivo — e talvez o mais importante — é promover as comunicações. O espaço urbano é um espaço fechado, clausurado, segregado. Quase sempre as cidades falam para si mesmas, e mesmo assim nem todos os seus habitantes conseguem ouvi-las. Que são hoje as grandes cidades senão um agrupamento de minorias que vão sendo cada vez mais levadas a abandonar suas culturas originais? Desenvolver o interior é devolver ao vigoroso gênio popular a oportunidade para criação e renovação, estabelecer contatos que sejam ativos e estimulantes e não meramente destinados ao consumo.

Como surgiram as grandes catedrais e os antigos anfiteatros? Os pedreiros e os trovadores eram ambulantes, iam de um lugar a outro, eram os agentes da cultura — como abelhas que transportam a vida ao disseminar o pólen. É assim que concebemos a descentralização. É assim que concebemos a democracia.

Hoje em dia, é impossível examinar o problema da democracia e da cultura sem que se condene com toda a repulsa a louca corrida armamentista que nos ameaça a todos, inclusive a democracia, a cultura e a própria vida no planeta. Ouvimos, incrédulos, os argumentos dos militares — de que não é bastante ter armas suficientemente poderosas para destruir a Terra cinco vezes; é preciso possuir armas capazes de destruí-la dez vezes. Reagimos a tal loucura com enorme pavor, mas não com raiva suficiente. Fazemos com que aqueles que ignoram o nosso pavor sintam o peso de nossa ira. Há apenas duas semanas, a Organização Mundial de Saúde anunciou os resultados de um estudo: o primeiro choque de uma guerra nuclear generalizada matairia metade da população do mundo; matairia — se é que a nossa imaginação pode conceber tal número — dois bilhões e quinhentos milhões de pessoas. O relatório não dizia qual seria a natureza da raça humana sobrevivente. E certamente os que devem ocupar a vanguarda dos raiosos guerreiros da paz são os guerreiros do espírito, os criadores e os defensores da cultura mundial.

### Salvar o mundo que temos

Ao receber o seu Prêmio Nobel de Literatura, Albert Camus advertiu que a nossa tarefa imediata não era construir um mundo melhor, e sim salvar da extinção o mundo que *temos*.

Este mundo que temos não é o melhor dos mundos possíveis, mas é o *único* que possuímos. Grande parte dele encontra-se em tamanha desordem que mal podemos dizer que o progresso tenha sido constante, ainda que lento. O progresso tem sido hesitante, às vezes detendo-se, outras vezes regredindo. Nossos erros, nossos pecados, nossos crimes têm sido tragicamente numerosos. O maior pecado de todos — a indiferença quanto ao bem-estar alheio — ainda pode levar-nos à destruição. Se conseguirmos proibir a bomba nuclear ou escapar dela, há uma outra explosão que nos ameaça, outra sentença de morte que pode ser lavrada contra nós. Refiro-me à inevitável e natural explosão que nos destruirá a todos se continuarmos a fechar os olhos à pobreza, à fome, à terrível taxa de mortalidade que assola tantas partes do mundo.

Qualquer discussão sobre cultura e democracia pode ser interminável; nenhuma pode ser completa. Deixo aqui a minha contribuição, feita com toda humildade. Picasso disse certa vez que “alguns pintores transformam o sol numa mancha amarela, ao passo que outros transformam uma mancha amarela num sol”. Diante da pobreza de minhas palavras, os senhores compreenderão que a cultura é um assunto sério demais para ser confiado a ministros da Cultura. ●

# As chamadas da guerra

Neiva Moreira

A opinião internacional ainda não se refez do trauma da invasão de Granada.

A agressão de mais de três mil fuzileiros navais, a tropa mais treinada e aguerrida da maior potência militar da história, se consumou contra uma nação de apenas 344 quilômetros quadrados e pouco mais de cem mil habitantes, grande parte camponeses e pescadores, que enfrentaram a invasão com uma força militar quase simbólica de 800 homens.

Nenhum governante, político ou simples observador dos acontecimentos internacionais, nenhuma pessoa de sentido comum pode aceitar os argumentos de Reagan para justificar a agressão: evitar a ocupação cubana, proteger algumas centenas de norte-americanos estudando ou fazendo turismo na ilha e restaurar a democracia.

Mais recentemente os porta-vozes da Casa Branca já insinuam que a invasão fora planejada originalmente para resgatar o ex-primeiro-ministro Maurice Bishop e seus companheiros, presos e depois fuzilados pelos *putchistas* que haviam tomado o poder em Granada. Ora, isso é uma farsa. Conheci Bishop e o vi atuando em conferências internacionais. Era um homem sereno, comedido e firme nas suas convicções socialistas. Não era um visionário nem um impulsivo, desses de que a esquerda está cheia em muitos países, confundindo fanatismo e ambições pessoais com o processo revolucionário e que, por isso mesmo, se deixam facilmente infiltrar e manobrar pelo inimigo.

Até o dia em que foi derrubado do governo, Bishop era alvo de uma campanha sistemática de ódio e mentiras realizada sob inspiração do governo dos Estados Unidos. Como poderia ser que de um dia para outro, esse mesmo governo organizasse uma expedição militar dessa magnitude precisamente para recolocar no poder o líder que a propaganda ianque havia convertido na *bête noire* ("bicho-papão") do Caribe? Nem mesmo o sr. Reagan acreditaria nessa balela.

## Os cubanos

Por outro lado, apesar dos esforços da Casa Branca e suas agências para criar em Granada o fantasma cubano, os fatos de ontem e de hoje desqualificam essa novela. Mesmo que quase

todos os 700 cubanos que construíam o aeroporto e cooperavam em projetos de educação e saúde em Granada fossem militares — o que ficou comprovado não ser verdade — seria um contingente insignificante para ameaçar o colosso norte-americano. Organizados em brigadas de autodefesa (o que se explica pelas ameaças norte-americanas à ilha), os trabalhadores cubanos, para surpresa dos invasores, resistiram com suas armas leves à invasão dos seus canteiros de trabalho. Deram ao mundo uma lição de bravura e, com a eficácia de sua resistência, devem ter advertido os belicistas de Washington sobre o que poderia ser uma invasão de Cuba ou da Nicarágua.

Mas há ainda outro aspecto a considerar: acusado de ter apoiado a ultra-esquerda delirante no golpe contra Bishop, a revelação das mensagens de Fidel Castro à junta militar de Granada prova exatamente o contrário: a desaprovação do *putsch* e a recusa a dar qualquer apoio aos seus responsáveis.

Os outros pontos aludidos por Reagan são uma farsa: a "proteção" aos turistas que não estavam ameaçados e a instalação de um governo democrático na ilha. Esse tipo de "proteção" tem um antecedente conhecido: foi com a desculpa de "proteger" os sudetos da Checoslováquia, os alemães da Áustria e os da Polônia, que Hitler invadiu vários países e começou a segunda guerra mundial. Reagan agora faz o mesmo e vamos ver em que vai dar essa sua "proteção".

E quem pode levar a sério que um regime democrático em Granada seja restaurado com uma invasão desse tipo? Mas não era o sr. Reagan que mobilizava o mundo contra a União Soviética pela presença de suas tropas no Afeganistão? E há ainda uma circunstância a considerar: no Afeganistão foi um governo legal que solicitou a ajuda soviética frente a uma sublevação preparada e apoiada do exterior. Em Granada, a invasão foi feita por decisão própria e unilateral dos Estados Unidos. Qual a sua autoridade hoje para exigir que os soviéticos se retirem daquele país?

O episódio de Granada não é um fato isolado. Os norte-americanos estão cercado a Nicarágua e instrumentando agressões diárias a esse país. Ainda não o invadiram ou porque seus planos militares não estão concluídos, ou porque temem que a resistência sandinista possa converter a

América Central num novo inferno vietnamita.

Mas, na prática, a região centro-americana está em chamas e a perspectiva imediata é de que a guerra se alastre da fronteira da Guatemala com o México até a Costa Rica.

Na África, a guerra dos racistas sul-africanos contra Moçambique e Angola tem a marca do *made in USA*. Se não fosse o apoio e o estímulo que a administração Reagan dá aos sul-africanos, não fosse a cobertura da Casa Branca às transnacionais que impedem a independência da Namíbia, não haveria guerra na África Austral.

No Líbano, a situação não é diferente. A chamada "força de paz" se converteu em um instrumento de guerra. Canhões navais norte-americanos, com a inexplicável conivência do governo francês, participaram de operações militares nas montanhas Chouf, aumentando a resistência dos muçulmanos à presença de forças que — em nome da paz — estavam semeando a morte e a destruição. O brutal e cruel atentado contra o quartel-general de fuzileiros norte-americanos e de pára-quedistas franceses deve ter sido estimulado e planejado por fanáticos, e tem de ser energeticamente condenado mas não pode ser isolado do contexto em que vive o Líbano. No momento em que Israel decidir respeitar a soberania libanesa e se encontre uma solução justa para o problema palestino, haverá condições verdadeiras de paz para a região.

Mas Israel não o fará, apesar da exigência de enormes contingentes de sua população, cansados de guerras de agressão, enquanto os belicistas de Telavive receberem o estímulo e o respaldo da Casa Branca.

Mas a crise no Oriente Médio interessa à ofensiva global de Washington, como ponta-de-lança de sua confrontação com a outra superpotência, a União Soviética. Nenhum esforço de paz na região interessa à administração Reagan.

Todos esses problemas estão assim relacionados com a estratégia central do governo norte-americano, cuja base mais importante de operações é a Europa Ocidental. As gigantescas manifestações de milhões de europeus contra a instalação de mais de 500 mísseis nucleares na Inglaterra, Alemanha e Itália não comovem Washington.

Tanto a URSS como os países da Otan dispõem na Europa de arsenais nucleares capazes de se autodestruírem em minutos. Por outro lado, as frotas de submarinos atômicos de um e outro bloco rondam as costas do adversário potencial, com carregamentos que seriam capazes de apagar do mapa em poucos minutos seja Leningrado ou Nova Iorque, Londres ou Paris. Para que mais

mísseis norte-americanos na Europa se a Otan já dispõe de muitos e a França e a Inglaterra têm o seu próprio arsenal atômico, que se recusam a incluir nas negociações com a URSS?

### Os fanáticos das armas

Depois do interregno Carter, o que se verifica agora é que um grupo de fanáticos da confrontação, encabeçado pelo sr. Reagan tomou conta da Casa Branca e está com o dedo nos botões da guerra total. Detê-los é o desafio prioritário da humanidade ameaçada pelos dramáticos perigos de uma nova e devastadora guerra. O esforço de paz das correntes democráticas norte-americanas e européias e a decisão dos povos do Terceiro Mundo, sua mais ampla mobilização, acima dos partidos, das diferenças ideológicas, é uma tarefa de todos, numa luta incessante contra a guerra. Os arsenais nucleares devem ser desmontados e mandados ao lixo atômico.

A sorte dos agredidos é que nem sempre os agressores acertam. Muitas vezes cometem erros, alguns fatais. A história está cheia de exemplos. Há hoje, uma opinião muito generalizada no mundo de que um desses erros essenciais pode ter sido cometido agora por Reagan no ataque a Granada. Nem sua fiel aliada, a primeira-ministra Margareth Thatcher, teve condições de apoiar Washington na ocupação de Granada, um país cujo chefe de Estado é, pelo menos nominalmente, a rainha da Inglaterra, vínculo institucional da Comunidade Britânica de Nações. Nem os governos da Otan ou os aliados de Washington na América Latina, Ásia, Oceania ou África levantaram a voz para justificar esse crime. Nem Pinochet, nem Ferdinando Marcos, ou os racistas de Pretória. Esse é um fato significativo, que pode produzir dividendos contra a agressão, sobretudo quando, com uma eleição livre — é responsabilidade da Inglaterra dar seu apoio — os socialistas voltarão ao poder na heróica ilha do Caribe.

Granada pode ter sido um detonante mas não é o núcleo do problema. A localização do epicentro desse terremoto bélico é a Casa Branca, de onde cabe aos norte-americanos expulsar os belicistas que a ocupam. E às correntes democráticas e pacifistas do mundo unirem-se cada vez mais e se mobilizarem com o fervor de uma cruzada e a mais firme determinação, para conter a ameaça de uma nova confrontação, que bem pode ser a última, e apagar com um gigantesco esforço coletivo em favor da paz, as chamas da guerra sopradas pelos ventos de insânia da Casa Branca.

## A volta do "big stick"

A invasão dessa pequena ilha por dois mil fuzileiros norte-americanos fere a consciência mundial e, na América Latina, reabre as feridas da guerra das Malvinas

Na madrugada do dia 25 de outubro, a minúscula ilha de Granada se tornou a mais recente vítima da política do *big stick* (grande porrete) desenterrada dos arquivos da diplomacia norte-americana onde jazia desde a década de 30, quando foi oficialmente substituída pela duvidosa fórmula da "boa-vizinhança". Dois mil fuzileiros navais e *green berets* ("boinas-verdes") dos Estados Unidos desembarcaram em três pontos diferentes de Granada, sendo seguidos quatro horas depois por um contingente simbólico de 300 soldados de seis países do Caribe. No dia seguinte, mais três mil *marines* de-

sembarcaram na ilha.

A chamada "invasão liliputiana", como foi ironizada por alguns jornais europeus, tinha como principal objetivo recolher mil estudantes norte-americanos que em nenhum momento pediram socorro à pátria-mãe, neutralizar uma milícia popular de mil homens, cujo único armamento eram fuzis e metralhadoras, e capturar os cubanos que em sua maioria trabalhavam na construção de um aeroporto. Entre os diplomatas da ONU não ficaram muitas dúvidas de que a invasão era uma nova ameaça à Nicarágua e uma tentativa de fazer o público norte-americano

esquecer o revés sofrido três dias antes no Líbano quando dois guerrilheiros suicidas mataram mais de 250 *marines*.

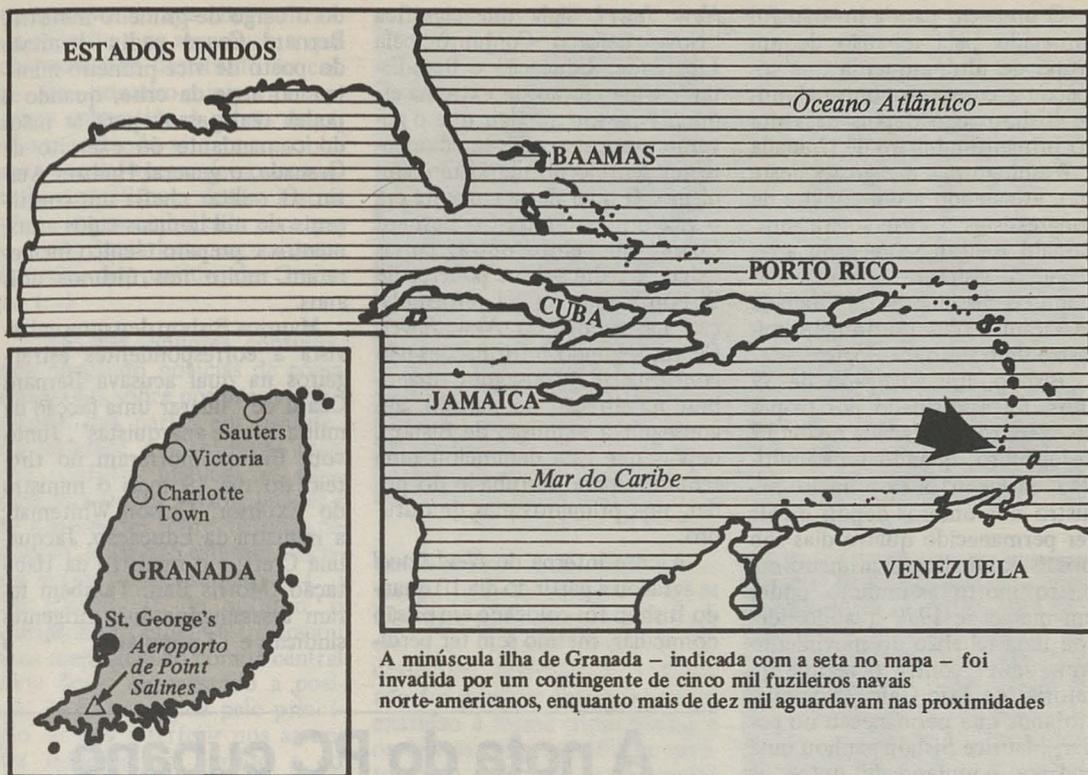
### Resistência dos milicianos

A invasão de Granada foi decidida no dia 19 de outubro quando o Departamento de Estado norte-americano recebeu a notícia de que o primeiro-ministro Maurice Bishop havia sido assassinado por militares no auge de uma crise provocada por uma rebelião de ultra-esquerdistas da ilha. Ato contínuo, a Casa Branca mobilizou os países da Comunidade Econômica do Caribe (Caricom), obtendo o apoio da Jamaica, Barbados, Antígua, Dominica, Santa Lúcia e São Vicente. Desses seis países, só a Jamaica tem um exército e os demais, apenas forças policiais.

Todos os preparativos do ataque foram dissimulados para dar a impressão de que a mobilização dos *marines* e dos *green berets* estava ligada a um reforço do contingente norte-americano no Líbano. O presidente Ronald Reagan não avisou nem mesmo os seus aliados mais fiéis, como a Inglaterra, que tem um governador geral em Granada, um país membro da Comunidade Britânica (*Commonwealth*). A força invasora foi apoiada por helicópteros de ataque, aviões *Hercules* adaptados para bombardeio terrestre, uma frota naval chefiada



Um aeroporto civil, destinado a favorecer o turismo necessário para assegurar a independência econômica da ilha, foi o estopim da invasão



A minúscula ilha de Granada – indicada com a seta no mapa – foi invadida por um contingente de cinco mil fuzileiros navais norte-americanos, enquanto mais de dez mil aguardavam nas proximidades

pelo porta-aviões *Independence* e pelo submarino nuclear *Stone-wall Jackson*.

A disparidade de forças foi evidente desde o começo, mas mesmo assim, depois do desembarque do dia 25, a resistência dos milicianos de Granada foi surpreendente. Os dois aeroportos da ilha, a faculdade de Medicina e a rádio "Granada Livre" foram tomadas rapidamente, mas os bolsões de resistência continuaram lutando muito além do esperado. Dezesesseis fuzileiros norte-americanos e quase 80 milicianos morreram durante os combates.

#### Protestos internacionais

Mas, no terreno diplomático, a "porretada" do presidente Reagan provocou mais protestos do que solidariedade. A maioria esmagadora dos países latino-

americanos condenou a invasão, que a primeira-ministra da Dominica, Mary Eugenia Charles tentou descrever como "uma ação humanitária". A senhora Charles chegou à beira do ridículo quando se confundiu toda ao ser pressionada pela imprensa em Washington a explicar como os países da Caricom haviam pedido a invasão de Granada. Ela não soube explicar como uma organização com objetivos econômicos e comerciais serviu de apoio para uma manobra belicista da Casa Branca.

Na Europa, apenas Portugal adotou uma posição de apoio discreto a Ronald Reagan. Inglaterra, Suécia, França, Espanha, todo o bloco socialista, a Grécia, Holanda e a Áustria disseram, no mínimo, que o ataque foi desnecessário. A Alemanha Federal e Turquia evitaram uma definição pública a nível de governo. Ao que tudo indica, o

presidente Reagan menosprezou as reações internacionais, por acreditar que nenhuma potência européia viria em socorro de Granada.

Mas na América Latina, a nova "aventura" norte-americana deixou cicatrizes amargas. A Nicarágua, por exemplo, não tem mais dúvidas de que o "porrete" está agora apontado na sua direção e se prepara para enfrentar uma invasão. E nos demais países do continente aumentaram as desconfianças em relação a Washington, depois desse novo gesto de prepotência que faz ganharem nova atualidade as amargas lições da guerra das Malvinas. Não foram poucas as chancelarias do hemisfério que se mostraram chocadas com a volta do *big stick* e o menosprezo de Ronald Reagan por qualquer tipo de negociação ou consulta prévia em relação às reações que poderia suscitar uma invasão.

O pretexto para a invasão foi fornecido pela rebelião de um grupo de ultra-esquerda que começou a conspirar contra Maurice Bishop logo depois da visita do primeiro-ministro de Granada a Washington, em agosto deste ano, atendendo a um convite de congressistas norte-americanos. Ronald Reagan se recusou a receber o visitante, mas mesmo assim os dissidentes de Granada passaram a acusar o primeiro-ministro de traição ideológica.

Bishop, um advogado de 39 anos, foi assassinado por tropas do exército de Granada no dia 19 de outubro, quando uma multidão carregou o ex-primeiro-ministro nos ombros depois de ele ter permanecido quatro dias sob prisão domiciliar. O primeiro-ministro morto assumiu o poder em março de 1979 quando liderou uma rebelião do movimento *New Jewel* contra o regime ditatorial de Eric Gairy. Nos quatro anos que permaneceu no poder, Maurice Bishop ganhou uma enorme popularidade entre os 115 mil habitantes de Granada, uma ex-colônia inglesa com 344 km<sup>2</sup> de superfície e que ficou independente em 1974.

Bishop adotou uma posição contrária aos interesses norte-americanos no Caribe, aproximou-se de Cuba e da Nicarágua, razão pela qual passou a ser violentamente hostilizado pelos demais governos conservadores da região. No primeiro semestre de 83, Granada foi alvo de uma intensa campanha de pressões dos Estados Unidos, que acusaram o governo da ilha de estar se transformando numa base militar soviética no Caribe. Apesar das ligações com Cuba e Nicarágua, Bishop manteve no entanto contatos frequentes com a Internacional Socialista.

#### A crise interna

Desde a metade do ano, surgiram contudo atritos dentro do

*New Jewel*, sigla que significa "Novo Esforço Conjunto pela Liberdade, Educação e Bem-Estar". Uma facção de extrema esquerda passou a exigir que o governo avançasse mais rapidamente no sentido do marxismo-leninismo. O líder dessa corrente era o vice-primeiro-ministro Bernard Coard, que entre outras coisas exigia a redução dos poderes de Bishop e uma ampla reformulação na cúpula do *New Jewel*. Coard, segundo informações não confirmadas, conseguiu manobrar na direção do partido, até conseguir a expulsão de Bishop, depois que este denunciou uma tentativa para derrubá-lo do poder, nos primeiros dias de outubro.

A crise interna do *New Jewel* se agravou a partir do dia 10 quando Bishop foi colocado em prisão domiciliar, mesmo sem ter perdi-

do o cargo de primeiro-ministro. Bernard Coard pediu demissão do posto de vice-primeiro-ministro no auge da crise, quando o poder real passou para as mãos do comandante do exército de Granada, o general Hudson Austin. O militar chefia um contingente de mil homens cujos armamentos e preparo técnico melhoraram muito nos últimos dois anos.

Maurice Bishop deu uma entrevista a correspondentes estrangeiros na qual acusava Bernard Coard de "liderar uma facção de militaristas e anarquistas". Junto com Bishop morreram no tiro-teio do dia 19 mais o ministro do Exterior, Unison Whiteman; a ministra da Educação, Jacqueline Creft; e o ministro da Habitação, Morris Ban. Também foram assassinados dois dirigentes sindicais e 13 populares. ●

## A nota do PC cubano

No dia 20 de outubro, o PC e o governo de Cuba divulgaram uma nota oficial sobre a crise na ilha de Granada. O documento mereceu escassa divulgação na imprensa ocidental, mas se constituiu na mais detalhada versão sobre a crise que culminou no assassinato de Maurice Bishop. Eis um resumo da nota cubana:

"Pelo que agora se evidencia com toda a clareza, há várias semanas, talvez meses, vinha se desenvolvendo um profundo conflito na direção do partido governante em Granada. Quando Maurice Bishop (...) fez uma breve escala em Havana no dia 6 de outubro, depois de visitar a Hungria e Checoslováquia, ele não fez a menor referência aos problemas internos no partido *New Jewel* em suas conversações com o companheiro Fidel Castro. Ele deu com isso uma prova de dignidade e respeito em relação ao

seu partido e a Cuba. (...) Alguns dias depois, na quarta-feira, 12 de outubro, nossa embaixada em Granada nos transmitiu a surpreendente e desagradável notícia de que surgiram profundas divisões no comitê central do partido *New Jewel* em Granada.

"Na madrugada do mesmo dia, o primeiro-ministro Bishop informou à embaixada as divergências surgidas há tempos e comunicou que elas estavam sendo discutidas com vistas a uma solução, mas disse que nunca imaginara que elas iriam adquirir tal gravidade, durante a sua ausência do país. Ele expressou as diferenças, mas não pediu nenhuma opinião e nem ajuda da nossa parte, dando mais uma vez prova de respeito pela política internacional de Cuba e pelos assuntos internos de seu próprio partido. (...) À tarde, soube-se que os adversários de Bishop conseguiram a maioria no comitê central

do partido, no aparelho político do exército e na segurança, e que ele havia sido destituído do cargo de primeiro-ministro, bem como submetido à prisão domiciliar. Tratando-se de um problema interno, apesar de nossa amizade com Bishop, demos instruções à nossa embaixada para que (...) não interviesse em assuntos internos do partido de Granada. (...)

“Nos dias seguintes, continuaram chegando notícias de nossa embaixada sobre posições e argumentos das partes em conflito. Na realidade, a nosso juízo, mais que conflitos ideológicos, existiam conflitos de personalidades e de concepções sobre métodos de direção, onde não estavam ausentes outros fatores subjetivos. (...) No sábado, 15 de outubro, o companheiro Fidel Castro enviou uma mensagem ao comitê central *New Jewel* expressando a posição de Cuba, regida pelo princípio de não interferir nos assuntos internos do partido e do país. Expressou ao mesmo tempo a preocupação com a divisão interna surgida (...) e a esperança de que as dificuldades poderiam ser superadas com o máximo de sabedoria, serenidade e lealdade aos princípios da generosidade. No fundo, a preocupação de Cuba era evitar que os acontecimentos adquirissem um caráter violento e sangrento. A mensagem manifestava também que a colaboração de Cuba seria mantida (...) independentemente das mudanças na direção do partido e do país, já que se tratava de uma questão puramente interna.

“(...) No dia 19 pela manhã, chegaram notícias de que os trabalhadores de Granada entraram em greve e que o povo saía às ruas a favor de Bishop. (...) Ao que parece uma instalação militar foi ocupada. (...) O exército se deslocou para a zona em questão, recuperou o prédio e prendeu muitas pessoas, após disparar contra os manifestantes, cau-



Bishop e Fidel no seu último encontro, em Havana

sando mortos e feridos. Não havia notícias sobre Bishop e outros dirigentes que estavam com ele. (...) À tarde, soube-se do dramático desfecho. (...) Ainda não foi possível determinar com exatidão a forma como Bishop e os outros dirigentes foram mortos. (...) A notícia de sua morte comoveu a direção de nosso partido e rendemos à sua memória o mais profundo tributo. (...) Infelizmente, as divisões entre os revolucionários de Granada conduziram a esse drama sangrento. (...) Nenhuma divisão interna, princípio ou posição revolucionária justifica procedimentos atrozos como a eliminação física de Bishop e do grupo de honestos e dignos dirigentes mortos no mesmo dia. (...) A morte de Bishop e seus companheiros deve ser esclarecida. (...) E se foram executados a sangue frio, os culpados devem ser punidos exemplarmente. (...) Agora o imperialismo vai utilizar essa tragédia e os graves erros cometidos pelos revolucionários de Granada, para varrer o processo revolucionário da ilha e submetê-la outra vez ao neocolonialismo. (...) É uma situação muito difícil e complexa. Só um milagre de senso comum e sabedoria dos revolucionários de Granada, e de serenidade do



O general Austin, chefe do golpe

movimento progressista mundial pode salvar o processo.

“Não deve ser dado nenhum passo que possa ajudar o imperialismo em seus planos. (...) Mesmo profundamente amargurados pelos fatos, não nos precipitaremos em dar nenhum passo no campo da cooperação técnica e econômica que possa afetar os serviços essenciais e os interesses vitais do povo de Granada, por quem alimentamos sentimentos de profunda admiração (...), mas nossas relações com os novos responsáveis pela direção de Granada deverão ser submetidas a um sério e profundo exame.” ●

# O poder das panelas

A intransigência das forças armadas leva o povo uruguaio a usar métodos de resistência que lembram a desobediência civil de Mahatma Gandhi

Micaela Ramada



A marcha de 25 de setembro reuniu mais de cem mil pessoas num longo percurso

“Algumas panelas tinham ritmo sincopado, outras eram monótonas e burocráticas, provenientes sem dúvida de funcionárias do correio ou da seção de cadastro, outros sons lembravam as cadências do *candombe* e alguns, mais festivos que contestadores, estavam acompanhados de

<sup>1</sup> *Cacerolazo* – literalmente, “panelaço”, termo que designa esse novo tipo de protesto político ruidoso, onde os manifestantes batem panelas contra o regime militar.

apitos e batidas de garrafas, metais e madeiras, trazendo uma cálida recordação de frevos carnavalescos à fria neblina da noite...”

Esse trecho de uma descrição do *cacerolazo*<sup>1</sup> montevideano de 25 de setembro ilustra as variantes da criatividade e da participação popular, em um ato de resistência cívica que assinalou um marco no caminho do povo uruguaio em direção à reconquista de suas liberdades democráticas.

Com uma vasta história de participação política e sindical,

orgulhoso de sua democracia de sofisticação e estilo europeus, o povo uruguaio nunca pôde se adaptar às imposições e rigores da luta clandestina, que a partir do golpe de estado de 1973 recaiu sobre os ombros de um núcleo de militantes consequentes, sobre os quais a repressão do regime concentrou sua fúria.

Tentando manter uma fachada de legalidade (é bom lembrar que foi o presidente Bordaberry quem dissolveu o Congresso e não as forças armadas), o regime uruguaio foi varrendo gradativamente, até os mínimos traços, um sistema de governo – que já era quase uma forma de vida – cujo eixo, durante quase um século, foram o respeito à Constituição e às leis e a consulta aos cidadãos. E com esse mesmo gradualismo foi-se eclipsando sua pretensa legitimidade.

Durante anos – a partir de 1973 e particularmente de 1975 a 1980 – o Uruguai parecia adormecido sob o silêncio imposto pelas metralhadoras, embora se soubesse que a tortura e o arbítrio eram a condição *sine qua non* para sufocar as vozes de protesto.

O primeiro sinal de que sob o manto de silêncio estava fervendo o grito contestador foi o plebiscito de novembro de 1980, convocado pelas forças armadas para institucionalizar a continui-

dade dos militares no poder. O resultado é bem conhecido: surgiu das urnas um sonoro Não à ditadura.

O povo uruguaio foi assumindo lentamente sua vitória, comemorada com janelas fechadas, na intimidade dos lares e em silêncio. Mas era necessário reaprender as artes do jogo político e diplomático, num terreno ainda minado. Passaram-se mais dois anos. Pouco a pouco a imobilidade ia cedendo e grupos pioneiros abriam espaços, forjados a partir de frestas: recomeçava-se a falar em organização nos locais de trabalho, embora o termo *sindicato* continuasse proibido no novo dicionário; multiplicavam-se as iniciativas na área cultural, principalmente na música, embora os jovens já não lhe acrescentassem o epíteto “de protesto”; surgiam associações de bairro e esportivas além de semanários de vanguarda, com linguagem comedida mas de espírito combativo.

#### Um novo marco: as eleições partidárias

As eleições internas de 1982 marcaram definitivamente a mudança de tom da sociedade civil (ver cadernos nº 51). A luta se travava com as regras do jogo determinadas pelo regime, mas a oposição aceitava o desafio. Os militares queriam um “cronograma” para recuperar a legitimidade, a oposição — e no Uruguai de 1982 a oposição já representava 90% da população — aceitava um “cronograma”, mas para recuperar a democracia. E na sutil linha de demarcação entre o que é *negociar* e o que é *conceder*, foi-se desenvolvendo um diálogo político (que olhado à distância parece ter sido até um monólogo a duas vozes) entre os dirigentes dos partidos autorizados pelo regime — eleitos na consulta da-quele mês de novembro — e as forças armadas.

Mas a reconstituição das formas organizativas escapa ao âm-



O ato do 1º de Maio mostrou o poder de convocação dos trabalhadores

bito limitado dos partidos autorizados. Os trabalhadores criam o Plenário Intersindical dos Trabalhadores (PIT), os estudantes se agrupam na Asceep (ver matéria seguinte) e os partidos políticos que continuam proibidos revitalizam suas estruturas para adequarem-se aos novos espaços, propiciando e conseguindo um diálogo sobre medidas concretas com os partidos autorizados.

Numa sociedade diminuta como a uruguaia, isso significa que os vasos comunicantes se restabelecem, que o sangue tonificante irriga novamente o corpo e o cérebro das vanguardas políticas — mesmo estando na prisão, no exílio, no anonimato dos direitos cassados ou na linha de frente no contato direto com os militares. O consenso que surge abre as portas para uma etapa de características novas: combater o regime nos poucos espaços que ele próprio foi obrigado a ir abrindo, lutar na própria fronteira da legalidade, forçando a extensão dos direitos democráticos dosados com conta-gotas pelo regime, com medo de perder o controle da situação.

O grande ato do 1º de Maio deste ano, — autorizado pelo regime — reuniu mais de 100 mil pessoas, com uma plataforma

#### Ciudadano:

**Día Nacional de Protesta  
Pacífica por Libertad,  
Democracia y Trabajo.**

**Domingo 25 de setiembre**

**1. Apague todas las luces  
de 20 a 20:15 hrs.**

**2. Haga mucho ruido  
(cacerolazos)**

**Los Partidos Políticos  
Uruguayos**

#### Panfletos

distribuídos em Montevideu

muito combativa, que se resumia brevemente nestas três palavras: “Trabalho, salário, liberdade”, às quais era acrescentada, audaciosamente e pela primeira vez, uma quarta: “Anistia”.

#### A presença das maiorias

Os trabalhadores, responsáveis por toda a organização do ato, demonstravam que não precisavam de tutelas de partidos autorizados e que mantinham, apesar dos longos anos de inatividade sindical forçada, um grande poder de convocação.

A partir de 1º de maio, as

manifestações oposicionistas se caracterizam pela participação maciça do povo. A resistência passava, definitivamente, das elites de vanguarda às grandes maiorias.

Nesse contexto de um *crecendo* na resistência ao regime, surge a decisão do padre Pérez Aguirre e de um grupo de seguidores que tinham fundado o Serviço de Paz e Justiça (Serpaj), de realizar um jejum que foi encerrado no dia 25 de agosto, a data nacional uruguaia. O novo aniversário da independência seria comemorado com um *dia de reflexão* em massa, que acabaria com um *black-out* (*apagón*) voluntário de quinze minutos.

As forças armadas cercam e reprimem o Serpaj, prendendo vários dos que jejuavam. Num clima rarefeito e tenso, produz-se a primeira grande evidência da força alcançada pela organização das medidas contestadoras. Correspondentes estrangeiros que estavam preparados para registrar o *black-out* contam que subiram nos terraços dos edifícios mais altos da capital uruguaia e assistiram a um espetáculo inédito. Com uma precisão quase crono-

métrica, os diferentes bairros montevidéanos, do aristocrático Carrasco, na extremidade leste, ao proletário El Cerro, na outra ponta, foram ficando às escuras, por quinze minutos e às vezes mais, numa unanimidade eletrizante. E embora não tivesse sido preparado, começou a ouvir-se um bater de panelas (usadas desde certo tempo atrás por grupos de moradores de bairros mais combativos) que contagiaram quase toda a cidade, naquele duplamente histórico 25 de agosto.

O regime estava preparado para reprimir qualquer manifestação daqueles que são genericamente chamados de "grupos subversivos". Mas como responder à decisão maciça dos cidadãos de apagar as luzes e fazer barulho com panelas?

O Plenário Intersindical dos Trabalhadores (PIT) avança mais em suas palavras-de-ordem e convoca paralisações de dez minutos alternados no dia 12 de setembro, enquanto as direções partidárias, num trabalho cada dia mais convergente, prosseguem na tarefa organizativa. Então sim, estava-se organizando um *cacerolazo*. Data: 25 de setembro. Do

espontaneísmo do barulho de 25 de agosto, passa-se a uma segunda jornada de resistência, com palavras-de-ordem bem concretas: *apagón y cacerolas*. Levar a desobediência civil ao limite, versão uruguaia do método de luta preconizado pelo Mahatma Gandhi.

E mais: redime a panela do desprezo generalizado que sofreu depois de ter sido usada pela direita chilena contra a proposta socialista do presidente Allende. O *know-how* chileno, empregado também maciçamente nas jornadas de protesto contra Pinochet, demonstrava que o instrumento não é mau nem bom em si mesmo, depende da forma e dos objetivos com que for usado. E constitui para os uruguaiois mais um elo a inseri-los na imensa cadeia da solidariedade latino-americana e terceiro-mundista contra os opressores.

Para o dia 25 de setembro os instrumentos estavam reafinados. Em algumas fábricas os próprios operários, durante os dias anteriores, tinham se deleitado construindo "OMNIs" (Objetos Musicais Não-Identificados), que na hora da batucada, segundo os ouvidos atentos, "produ-

## VITORIOSA "TERCEIRA JORNADA"

Concorridas manifestações antigovernamentais, com participação de milhares de uruguaiois, registraram-se no domingo 23 de outubro, na Terceira Jornada Nacional de Protesto contra o regime militar. As ações incluíram, como nas duas ocasiões anteriores, *black-outs*, passeatas, bater de panelas e outras formas de protesto.

Os dirigentes políticos da Interpartidária, integrada pelo Partido Nacional (*Blanco*), Colorado e a União Cívica, de tendência conservadora, representantes sindicais, estudantis e de outros grupos civis expressivos, concordaram que a manifestação foi tão bem sucedida como as anteriores. Nos dias que antecederam a Terceira Jornada de Protesto, o governo militar ordenou a detenção de dezenas de pessoas, incluindo cinco dirigentes do Partido Colorado.

Uma variação com relação às jornadas anteriores foi que a oposição convocou a manifestações em 11 lugares diferentes da capital, criando assim um sério problema para a polícia, que precisou dispersar os seus efetivos. Participaram ativamente todos os partidos políticos habilitados e proscritos, entre estes, o Partido Democrata Cristão (PDC), o Socialista, o Comunista e independentes de esquerda, sindicatos, associações de estudantes universitários, comerciantes, empresários, industriais e produtores rurais. Panfletos distribuídos em profusão na capital e nas principais cidades do interior assinalavam que o protesto era convocado para conquistar "liberdade e anistia totais, salário digno e defesa do trabalho nacional, um ensino democrático, democracia agora e reconciliação nacional".

As manifestações populares foram multitudinárias. Muito provavelmente superaram no total os cem mil manifestantes da segunda jornada nacional de protesto de 25 de setembro passado.

ziam um barulho infernal” com seu cabo de ferro acabando em duas sinetas.

O clima que reinava em 25 de setembro já não era o mesmo de 25 de agosto. Durante todo o dia, tinham se realizado as comemorações do encerramento da Semana da Primavera, promovida pela Asceep. Se em agosto a população havia acatado a palavra-de-ordem de *black-out* sentindo-se prudentemente protegida pela intimidade da escuridão do lar, um mês depois o *cacerolazo* foi agressivo, ostensivo e desafiante.

As pessoas saíam à rua com as panelas — objetos didáticos cuja utilização as mães ensinam aos filhos — desde cedo, viajavam com elas nos ônibus, passeavam com elas de um lado para outro, e ensaiavam ritmos para melhorar o desempenho à noite.

E não eram só panelas, mas também apitos e pandeiros, tachos e matracas, tocados ao som de raízes negras ou dos ritmos suburbanos nos bairros de classe de menor renda e com acordes tão importados como o *teflon* que as revestia, em alguns bairros elegantes.

Alguns moradores até tiveram a audácia de fazerem seu protesto na própria porta das mansões de certos representantes do regime, iluminadas no meio da escuridão geral. O balanço da noite foi gratificante, nunca ninguém teve notícia de um carnaval cívico desse tipo, ensurdecedor e alucinante, em toda a história dos “orientais” (como são conhecidos os uruguaios).

Segundo algumas versões, também a prisão de Punta Carretas (um bairro de classe média de Montevideu) uniu-se ao *cacerolazo* com o repicar combativo das grades, detrás das quais os presos juntaram-se ao protesto de seus compatriotas, com emoção e raiva, por mais de uma hora.

Um correspondente europeu escreveu em sua crônica que, quando esperava o *black-out* em

um bar do centro de Montevideu, teve de sair à rua porque os garçons, pedindo desculpas, fecharam o local, que permaneceu totalmente às escuras durante os quinze minutos de protesto generalizado.

Nem mesmo os ônibus de transporte coletivo romperam a palavra-de-ordem do *Ola, ola, esta noche hay cacerola*, e circularam com as luzes internas apagadas e fazendo barulho com metais que batiam contra a carroceria...

### Também outras cidades

O ruidoso protesto uruguaio se une, como forma de luta maciça e inédita, àquele que a muitos quilômetros de distância, no outro extremo do mundo, foi realizado naqueles mesmos dias pelos filipinos, rebeldes contra o regime de Marcos, ao soltarem milhares de cachorros pintados com palavras-de-ordem antiditatoriais. Está inserido dentro da longa série de atos de resistência civil, como os jejuns em massa das donas-de-casa da Bolívia, que acabaram derrotando o regime do general Bánzer, em união com a força combativa dos camponeses e mineiros mobilizados. Irmana-se com os *cacerolazos* chilenos, com as batalhas de paralelepípedos dos habitantes de Masaya e Monimbó, na Nicarágua, nos últimos dias do somo-zismo, e com tantas outras formas de resistência que os povos vão forjando quando se produz essa virada que impulsiona a luta, transferindo-a dos ombros dos quadros militantes para a decisão coletiva das grandes maiorias.

No caso do Uruguai, o governo acusou o golpe. O presidente-general Gregorio Alvarez saiu em defesa da “união de todos os compatriotas”, enquanto portavozes militares como o almirante Invidio se mostravam dispostos a acelerar o processo que conduziria a um governo civil em 1985.

Carlos Carvalho



As panelas também em Santiago

Entretanto, não disseram a única palavra sobre a reivindicação principal da cidadania, não atendida pelas forças armadas: a de que esse governo civil deverá ser legitimamente eleito e ter todas as garantias de uma Constituição democrática.

Os partidos autorizados estão também impacientes por encontrar saídas, antes que acabem por perder o controle da situação. Negociar enquanto há tempo é o sábio conselho sussurrado pelas velhas raposas da política aos ouvidos dos militares. Quanto ao povo uruguaio, tudo indica que ele aprofundará sua participação *sui generis* — já que estão proibidas outras formas mais convencionais de expressão — até que o coro do repúdio e a força dos instrumentos acabe por se tornar tão forte e intolerável que jogue por terra as aspirações dos que insistem, indevidamente, em continuar dirigindo a orquestra. ●

# Os estudantes na luta popular

Passados dez anos de silêncio, os secundaristas e universitários voltam a se manifestar publicamente pela democracia e pela liberdade

*Severina Lautaro*

**T**ranscorridos dez anos do golpe militar, os estudantes uruguaios se organizam: a Associação Social e Cultural dos Estudantes do Ensino Público (Asceep) concluiu sua primeira etapa de organização com a Semana do Estudante, que teve lugar entre 17 e 25 de setembro passado, em Montevideu.

Primeira manifestação estudantil pública e organizada da década, a Semana constituiu uma prova de fogo para a Asceep. Até agora, a Associação tem sido reprimida pelas autoridades universitárias e tem mantido distância diante dos partidos políticos tradicionais (Blanco e Colorado), com os quais tem óbvias divergências ideológicas.

As atividades da Semana tiveram um público concorrido: cinema, teatro, audiovisuais, festas dançantes, canto popular, mostras de artes plásticas e desenhos de humor, painéis de discussão sobre temas cruciais tais como pesquisa, extensão, autonomia e cogestão. A iniciativa contou com o apoio de várias embaixadas e organismos internacionais como as Nações Unidas, e também com a inevitável e surpreendente autorização do chefe de polícia de Montevideu, coronel Varela, para uma passeia-



Estudantes secundaristas uruguaios

ta antes do ato de encerramento.

Além do programa em si, a Semana é importante como elemento unificador de um estudantado que o sistema educacional em vigor (ou rigor?) gostaria de ver atomizado. Levantando as bandeiras da autonomia e da cogestão (passados 25 anos da aprovação parlamentar da Lei Orgânica da Universidade e 10 das últimas eleições universitárias democráticas), os estudantes questionam a gestão da ditadura no ensino.

## O projeto autoritário

O processo de controle do ensino começou antes do golpe mi-

litar. Entre 1968 e 1972, a crise do país inevitavelmente repercutiu nos centros de estudo: ocupações, greves, atentados. As autoridades argumentaram que nos centros se fazia doutrinação e que eram focos de agitação política radical. Nos últimos instantes do regime constitucional, o Parlamento aprovou a Lei de Educação Geral.

Essa lei estabelece a subordinação do ensino ao poder político. Inaugura as medidas repressivas contra funcionários, alunos e professores, adotando o recurso da transferência como sanção. Proíbe qualquer agremiação que careça de personalidade jurídica e declara cargos de confiança os de direção ou supervisão, revogáveis sumariamente.

O processo se completou depois do golpe de 27 de junho de 1973, quando o ministro da Educação, E. Narancio, assumiu diretamente o governo da Universidade, iniciando a etapa da Intervenção.

O cerceamento das liberdades é drástico: supressão da autonomia e da cogestão; destituição maciça de professores, eliminação do concurso como forma de ingresso; designação direta de docentes e funcionários sujeita aos certificados A, B e C (que classificam os cidadãos segundo o seu grau de fidelidade ao regime e atuação política anterior); ilegalização da Federação de Estudantes Universitários Uruguaios (Feuu) e de todas as associações estudantis; perda da qualidade de estudante segundo a vontade dos diretores de faculdades; supressão de todas as atividades de extensão universitária; e uma sucessão de decretos destinados a destruir as bases psicopedagógicas dos últimos 50 anos.

Para o ensino secundário, existe desde 1975 uma comissão militar supervisora do ensino, integrada por um delegado de cada arma. Essa comissão não aparece muito publicamente, mas no

absurdo do protocolo que organiza hierarquicamente as relações de alunos, professores e autoridades, seus membros têm precedência frente ao ministro.

### A geração do silêncio

Sem alimentar esperanças de conquistar a geração universitária dos anos 70, o regime definiu os estudantes já matriculados como "gerações perdidas", a se formarem o mais breve possível. O regime então apostou nos novos estudantes, nas crianças e nos adolescentes do momento.

São esses mesmos estudantes que hoje denunciam que uma década de implantação do modelo autoritário no ensino deu os seguintes frutos: uma organização vertical e autoritária, com a eliminação de todos os mecanismos de participação estudantil, docente e de graduados; a queda do nível de ensino em consequência da perseguição ideológica aos professores da etapa anterior à intervenção e o ascenso maciço de pessoal cujas únicas qualificações são de adesão ao regime; carência de uma linha coerente e moderna nos planos de estudos (um dos pontos do programa de 1974 de Sociologia dizia textualmente: "Renascimento, início da decadência do Ocidente"). O regime necessita de uma universidade isolada da sociedade num compartimento estanque dominado pela repressão e pelo temor.

### Centímetro a centímetro

A Asceep foi fundada em abril de 1982 por meia centena de estudantes universitários, a maioria de Direito. A paulatina integração das revistas das diversas faculdades e das *murgas* estudantis (grupos teatrais de canto e mímica) foi configurando um campo de ação social e cultural.

Em abril de 1983, a Asceep já contava com três mil sócios. O ritmo de crescimento diminuiu nos meses seguintes, em consequência da detenção e posterior condenação de vários jovens, entre eles alguns membros da Asceep, fato que atemorizou muitos estudantes.

As consequências desse episódio, no entanto, não foram negativas para a Asceep. A associação cresceu com grande rapidez em seu primeiro ano de vida, e agora está na etapa de consolidação, ganhando o máximo de espaço possível nos setores do ensino, centímetro a centímetro. A representatividade da Asceep ainda não foi reconhecida pelas autoridades, que só admitem conversações com os dirigentes a título pessoal.

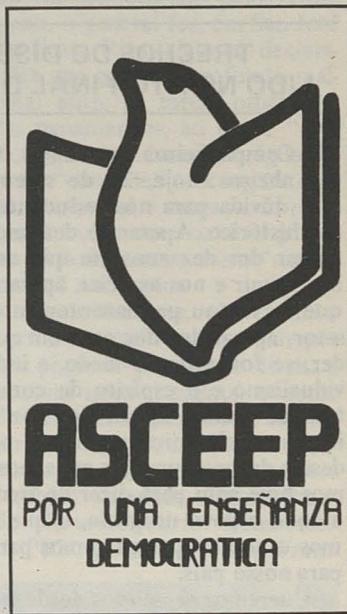
A Asceep funciona pluralista e democraticamente, com um Diretório integrado por dois delegados por centro. Quase um terço dos associados são estudantes secundários; o restante, universitários. Calcula-se que as resoluções da Asceep alcançam

cerca de 20% do estudentado da capital.

Cada sócio paga uma cota mensal para financiar as atividades, ou dá seu tempo e experiência para organizar as populares "academias", cursos extra-oficiais e gratuitos de preparação para o exame de ingresso à Universidade.

### Passeata e panelas

No domingo, 25 de setembro, dia da passeata e do ato final da Semana, o tempo amanheceu primaveril e ensolarado. Dia de duplo festejo, pois os partidos



## PLATAFORMAS DA ASCEEP

### Plataforma nacional

Pelo ensino democrático e popular  
Liberdade  
Democracia  
Trabalho e salário justo  
Anistia  
Por um modelo econômico nacional e popular

### Plataforma educacional

Cessar imediatamente a intervenção  
Revogação da lei do ensino  
Liberdade de agremiação. Reivindicação das federações e associações de estudantes e docentes  
Pela autonomia e cogestão  
Contra o limitacionismo  
Liberdade de cátedra  
Contra a universidade privada  
Contra a ingerência de organismos financeiros internacionais em nossa educação

políticos convocavam para essa noite, a um *cacerolazo* com um *black-out* de quinze minutos, passado um mês da primeira manifestação dessa natureza (ver matéria anterior).

Com a permissão de ocupar a metade da rua, a passeata dos estudantes se deslocou ao longo de duas importantes avenidas lotadas de gente, que de mil maneiras se mostrou solidária. Numa ordem impecável e evidente alegria, cerca de 50 mil pessoas, jovens em sua maioria, caminharam três quilômetros até o estádio "Luis Franzini".

Ao passarem em frente a vá-

rias faculdades e colégios, os estudantes se puseram a cantar palavras-de-ordem de antes da intervenção, e diante da casa do general Líber Seregni,<sup>1</sup> o emocionado "Seregni, amigo, o povo está contigo".

No estádio repleto, com muita gente apinhada do lado de fora, foram lidos o manifesto e a plataforma da Asceep, com um resumo do movimento estudantil e as reivindicações dos estudantes secundaristas e universi-

<sup>1</sup>O general Líber Seregni é o presidente da Frente Ampla uruguaia e está preso há dez anos (ver cadernos, nº 48).

tários. (Ver Quadro). A jornada foi a demonstração definitiva de outro grande fracasso do projeto autoritário: aquele que aconteceu no âmbito do ensino. Dez anos que não conseguiram "ganhar" uma geração que seguiu a "irremediavelmente perdida" que a precedeu.

A "geração do silêncio" demonstrou ter memória coletiva, ser sensível à tradição oral — que em muitos casos foi a única ajuda que teve para imaginar uma situação diferente — e, definitivamente, estar disposta a resistir a uma formação autoritária, castadora e medíocre. ●

### TRECHOS DO DISCURSO LIDO NO ATO FINAL DA SEMANA

□ Companheiros estudantes, todos os companheiros: hoje, 25 de setembro de 1983, é sem dúvida para nós, estudantes uruguaia, um dia histórico. Apesar de dez anos sem liberdade, apesar dos dez anos em que nos impediram de nos reunir e nos associar, apesar dos dez anos em que se tentou permanentemente atomizar nosso setor, apesar dos dez anos em que a partir do poder, se fomentou o medo, a indiferença, o individualismo e o espírito de competição nos centros de ensino, apesar dos dez anos de silêncio imposto pela força e somente pela força; depois desses duros e amargos anos, nós estudantes estamos hoje aqui para dizer de frente e com clareza a todo o povo uruguaio, o que é que nós pensamos e aquilo que queremos para nosso ensino e para nosso país.

Queremos ser claros desde o início. O estado atual do ensino não se apresenta nem como pobre nem como medíocre. Apresenta-se como calamitoso e deficiente, como um trágico momento na história da educação nacional. (...)

Temos de redobrar esforços para que os ideais de Artigas e de Varela<sup>1</sup> deixem de ser um recurso demagógico na fraseologia das autoridades de plantão e se tornem uma realidade da qual possamos nos orgulhar. (...)

Temos elaborado alternativas, temos pensado soluções, temos levantado propostas. Que ninguém venha depois nos dizer que nossa crítica foi destrutiva e que não contribuimos na busca de soluções para os problemas do ensino nacional. (...)

Esta Semana e este ato são para nós a reafirmação de que nós estudantes devemos cumprir uma função na sociedade e no país, e que não somos um mero receptáculo de conhecimentos.

Sabemos e queremos deixar claro desde o início que não há ensino democrático possível se não houver no país democracia e liberdade. Este também é um ato pela democracia e pela liberdade.

Sabemos que não estamos sós nesse caminho. Todo o povo uruguaio está do nosso lado, porque neste país ninguém quer um ensino autoritário, deformante e deficiente. Sabemos disso porque sempre que nosso povo teve a oportunidade de se expressar, se pronunciou contra o autoritarismo, pela liberdade e pela democracia.

As autoridades muitas vezes têm utilizado como argumento que o ensino anterior a 73 estava politizado, que as aulas eram lavagens cerebrais e que o novo regime combateria esses excessos. Nós dizemos — aqui e agora — que nunca o ensino esteve tão politizado como nesta década, que nunca existiu mais dogmatismo e menos pluralismo do que nesta década, que nunca se tinha tentado lavar cérebros como nesta década, mas, companheiros, também dizemos que nunca se teve menos sucesso do que nesta década. (...) Portanto, nem arriamos nossas bandeiras democráticas e solidárias nem renunciaremos à reconstrução do nosso movimento estudantil.

<sup>1</sup>José Gervasio Artigas é o máximo herói nacional do país, considerado pai da Pátria, e um dos maiores líderes latino-americanos da época da luta contra o colonialismo espanhol; José Pedro Varela é o reformador do sistema do ensino uruguaio, no fim do século passado, introdutor da escola pública gratuita e laica.

# Conservadores perdem força

Com as mudanças na Guarda Nacional, os políticos fiéis ao torrijismo passam à ofensiva e podem vencer as próximas eleições

*Paulo Cannabrava Filho*

Faltando seis meses para as eleições gerais, todos os partidos e políticos do Panamá estão mergulhados na campanha política que desde agosto sofreu uma mudança radical com a retirada da candidatura presidencial do general Rubén Darío Paredes. O afastamento do militar foi uma consequência do crescimento político dos setores ligados ao falecido general Omar Torrijos e contrários à tendência de reaproximação com os Estados Unidos liderada pelo general Paredes.

O general Rubén Darío Paredes exerceu funções operativas na Guarda Nacional durante o período torrijista, desde seu posto de coronel e, durante algum tempo, acumulou suas funções no estado-maior com o ministério de Agricultura.

Com a morte do general Torrijos, passou a ser o segundo homem na hierarquia militar. Quando o general Florencio Flores passou à reserva, em março de 1982, Paredes assumiu o comando da Guarda Nacional e começou a trabalhar sua candidatura à presidência da República.

Parecia haver consenso entre militares e civis quanto à candidatura de Paredes e sua posição era de apoio ao diálogo e por uma saída negociada em relação aos conflitos na América Cen-

tral. No aspecto interno, declarava-se continuador do torrijismo e fiel aos ideais do general.

No dia 12 de agosto, Paredes pediu sua passagem para a reserva e não houve nenhuma surpresa quando anunciou, poucas semanas depois, que renunciaria à sua candidatura.

Ao justificar essa renúncia, Paredes alega que, depois de 26 anos de serviços na Guarda Nacional, sua vitória nas eleições seria consequência mais do prestígio da instituição que de seus próprios méritos e, no caso de uma derrota, o prejuízo maior seria para a própria Guarda.

Desde a época em que foi ministro da Agricultura, o general

Paredes vinha estreitando vínculos com a burguesia agrária do oeste do país, vanguarda dos grupos mais conservadores. Quando assumiu o comando da Guarda Nacional, iniciou um diálogo cordial com os Estados Unidos e fazia questão de enfatizar que o poder real no Panamá residia na Guarda Nacional, debilitando o poder da autoridade civil.

## Alinhamento com os Estados Unidos

Em junho passado, após uma visita aos Estados Unidos, quando foi condecorado pelo Pentágono, o general fez, em San José da Costa Rica, algumas declarações que geraram profundo mal-estar entre as forças progressistas panamenhas, ao exigir "moderação" a Cuba e Nicarágua em suas "conexões" na região centro-americana e ameaçando romper relações com os dois países no caso de continuarem "exportando" revolução.

Posteriormente, sua candidatura foi oficialmente lançada por um pequeno partido de direita e obteve, imediatamente, o apoio de três outros partidos de centro-direita. Apesar de que, implicitamente, sua candidatura era também apoiada pelo Partido Revolucionário Democrático-PRD (governista) pelo Fram-



O general Paredes, na foto junto ao presidente De la Espriella

po (centro-esquerda) e pelo Partido do Povo (comunista), havia um profundo descontentamento com essa mudança de atitude, principalmente nos setores de esquerda do PRD, e que se aguçou quando Paredes, no final de agosto, se declara um homem de centro-direita e diz que o Panamá "pertence ao mundo ocidental", reafirmando uma posição de alinhamento com os Estados Unidos.

Evidentemente, Washington estava eufórico com o retorno do Panamá ao que a administração norte-americana considera "uma política de bom-senso", fato que, sem dúvida, alterava completamente o equilíbrio de forças na região.

A candidatura de Paredes coincide, no plano regional, com o lançamento de uma frente de partidos políticos de "centro-direita" — Sodeca (Social-democratas da América Central), com o manifesto propósito de "oporse a todo tipo de ditadura e totalitarismo". Essa iniciativa partiu da Ação Democrática (AD) de El Salvador, do Partido Social Democrata (PSD) da Nicarágua e da Ação Popular (Papo) do Panamá.

Manifestações de rua (marcha da família com Deus pela liberdade) do tipo das organizadas em São Paulo contra o governo Goulart em 1964, no Brasil, e no Chile de 1973 contra o governo de Allende, são comandadas por um "Comitê de Defesa da Democracia na América Central". O Comitê é dirigido pela jornalista Omayra Correa, de conhecida vinculação com a embaixada norte-americana no Panamá.

Essas manifestações culminaram com uma marcha "pela democracia contra o comunismo" que contou com a participação ativa do Partido Democrata Cristão do Panamá, dirigido por Ricardo Arias, presidente da Organização Democrata-Cristã da América. No mesmo nível de

participação estiveram o Partido Liberal, o Movimento Liberal Republicano Nacionalista (Molirena); o Partido Nacionalista Popular (PNP), o Conselho Nacional de Empresas Privadas (Conep), a Câmara de Comércio, Indústria e Agricultura e a Central de Trabalhadores do Istmo (CIT) vinculada à Central Latino-Americana de Trabalhadores (Clat), com sede na Venezuela, organismo regional sindical da Democracia Cristã Internacional.

Simultaneamente, estudantes e organizações de esquerda panamenhos realizaram manifestações em frente à embaixada dos Estados Unidos, protestando contra a interferência desse país na América Central.

### Noriega

Com a passagem para a reserva do general Paredes, de acordo com a hierarquia militar, assumiu o comando da Guarda Nacional o coronel Manuel Antonio Noriega, que foi imediatamente promovido a general.

Em 1968, Noriega era capitão e estava ao lado do general Omar Torrijos Herrera, quando este comandou um golpe que depôs o presidente Arias Madrid, assumiu a chefia do governo e iniciou um processo reformista de conteúdo social. Em 1969, foi Noriega quem desbaratou uma tentativa de contra-golpe da direita militar, garantindo o retorno de Torrijos que, circunstancialmente, se encontrava no México.

Durante todo o período torrijista e até assumir o cargo de comandante, Noriega foi chefe do setor de inteligência (G-2) da Guarda Nacional e sempre foi considerado como o homem forte de Torrijos. No clima de tensão que se gerou no Panamá, com as declarações fortemente pró-americanas do general Paredes, os rumores de uma tentativa de golpe por parte do setor mais torrijista da Guarda Nacional se intensificaram.

Durante mais de uma semana, no mês de agosto, os generais Noriega e Paredes trocaram acusações pela imprensa local. Paredes acusava Noriega de haver traído compromissos assumidos e Noriega esclareceu que "votos impostos produzem balas" e reafirmou que "no Panamá, as forças armadas não vão impor os votos". Por outro lado, reafirmou sua fidelidade à Guarda Nacional e aos princípios torrijistas, proclamando que o poder real reside na presidência da República à qual a Guarda Nacional, sob seu comando, se submete.

O processo culmina com a renúncia de Paredes à candidatura, no dia 8 de setembro passado, renúncia que, em lugar de um vazio político, como sugere a grande imprensa, trouxe para o Panamá e para a região um grande alívio.

### O Condeca

Todos esses acontecimentos no Panamá coincidem com as gestões norte-americanas no sentido de reativar o Conselho Superior de Defesa Centro-Americana (Condeca) para coordenar uma ação conjunta dos exércitos da região contra o governo da Nicarágua e a guerrilha salvadorenha.

O Condeca foi criado no início da década de 60, com o explícito objetivo de "frear a penetração marxista-leninista na América Central e combater a subversão". Estava desativado desde 1969, após a "Guerra do Futebol" entre El Salvador e Honduras e totalmente inoperante desde o triunfo sandinista de 1979.

Embora recentes declarações de funcionários guatemaltecos indiquem que o Condeca será reativado para efetivar um bloqueio à Nicarágua, a presença do Panamá nesse Conselho, à qual não deverá furtar-se, poderá ser um fator moderador e de equilíbrio entre os exércitos da região,

impedindo um papel mais agressivo por parte dos outros países da área.

Assentada a poeira da renúncia e das agitações de rua, o partido governista designou Jorge Abadia, torrijista convicto, para sua secretaria-geral, em substituição a Rigoberto Paredes, tio do general Paredes e que renunciou a seu posto no partido após a renúncia de seu sobrinho à candidatura. Ao mesmo tempo, foi confirmada, na presidência do Partido, a sra. Berta Torrijos de Arosemena, irmã do falecido general Omar Torrijos.

O PRD proclamou também seu pleno respaldo às autoridades civis e militares do país enquanto o presidente Ricardo de la Espriella e o general Manuel Noriega asseguraram que em maio de 1984 serão realizadas eleições "limpas, honestas e puras".

O Tribunal Eleitoral marcou, em outubro passado, as eleições para 6 de maio do próximo ano. Por outro lado, os partidos políticos habilitados poderão apresentar seus candidatos até 29 de fevereiro de 1984.

O lançamento da candidatura de Esquivel, uma semana antes da renúncia de Paredes, teve grande repercussão no seio da esquerda panamenha, inclusive dentro do PRD, por representar uma alternativa para os grupos descontentes com a crescente direitação de Paredes e seu progressivo alinhamento com as posições norte-americanas. Criador do sistema de Comunidades de Saúde que elevou grandemente o nível sanitário da população pobre do Panamá, Esquivel goza de grande prestígio junto às classes populares. Com a renúncia de Paredes, entretanto, essa candidatura perde força junto aos setores de esquerda do PRD, que deverão apresentar candidatos próprios à convenção.

O presidente Ricardo de la Espriella, por sua vez, realizou também alguns reajustes na com-



A herança de Torrijos saiu fortalecida

posição de seu governo, incorporando setores do empresariado nacional e dirigentes identificados com o torrijismo. A substituição mais importante deu-se no ministério de Relações Exteriores, com a nomeação de Oyden Ortega, que foi integrante da assessoria do general Torrijos e ministro do Trabalho no governo do presidente Aristides Royo.

De acordo com instruções do presidente, o novo chanceler deverá dinamizar o papel do Panamá nas negociações de paz do Grupo de Contadora. Deverá reafirmar também a política independente, terceiro-mundista, não-alinhada e de neutralidade do país, ao mesmo tempo que trabalhará pela candidatura do vice-presidente Jorge Illueca para presidir a Assembléia-Geral da ONU.

Em declarações aos cadernos do terceiro mundo, fontes do PRD manifestaram que as mudanças realizadas no governo contribuirão para aumentar a confiança num real processo de democratização do país, sem renunciar às conquistas progressistas já conseguidas. Consideraram que o governo ganhou em solidez e eficácia e que o apoio popular à presidência da República se amplia. Para eles o PRD também está em pleno e vigoroso processo de reafirmação torrijis-

ta, e de fortalecimento democrático de suas estruturas intermediárias e superiores.

### Surge um exército

Outro importante fato, nesse tumultuado mês de setembro no Panamá, foi a promulgação, pela presidência da República, de uma lei que transforma a Guarda Nacional em *Forças Armadas do Panamá*.

A nova lei orgânica das forças armadas estabelece que as forças de defesa do Panamá estão integradas pela Guarda Nacional, pela força aérea, pela marinha, pela defesa do canal do Panamá, pela Diretoria de Trânsito Terrestre, pelo Departamento de Investigações, de Imigração e quaisquer dependências análogas que surjam no futuro.

A lei estabelece ainda que o presidente da República é o chefe supremo das forças de defesa e cria quatro patentes de general. General de forças, para o comandante-em-chefe das forças de defesa; general de corpo, general de divisão e general de brigada. Na Guarda Nacional, até o presente, apenas o comandante tinha patente de general.

O estado-maior das novas forças armadas deverá ser constituído por homens como o coronel Eros Cal, chefe de Segurança do Estado e Inteligência Militar e o coronel Alberto Purcell, aviador, comandados pelo coronel Díaz Herrera, primo do general Omar Torrijos e segundo homem na hierarquia da atual Guarda Nacional.

Essa provável composição do estado-maior sob o comando do general Noriega indica que o governo panamenho a ser eleito em maio deve preservar as posições tomadas pelo general Torrijos nas questões diplomáticas da América Central, com um reforço dos governos e partidos da região que procuram evitar a militarização estimulada pelos Estados Unidos. ●

## A crise no "apartheid"

O regime racista sul-africano não tem saídas. Por isso, os brancos se dividem e o governo fala em mudanças

Carlos Castilho

Na última semana de setembro, o jornal sul-africano *Rand Daily Mail* publicou em sua primeira página uma notícia que provocou um enorme impacto entre a população branca de Joanesburgo: um grupo de jovens brancos distribuía numa das principais avenidas da cidade panfletos a favor da reforma constitucional criando uma terceira câmara legislativa destinada aos mulatos e indianos, quando foi hostilizado por outro grupo de brancos defensor do *apartheid* da forma como ele existe desde 1948. Rapidamente a discussão ficou violenta e acabou numa batalha campal que deixou dez feridos, um deles grave. Tudo isso assistido por uma multidão calculada em cerca de mil a mil e quinhentos negros, absolutamente silenciosos. Quando a polícia chegou, ela atacou primeiro os espectadores e só depois foi apartar os contendores.

O fato pôs em evidência as graves divergências existentes entre os seis milhões de brancos sul-africanos sobre a proposta anunciada em 1982 de admitir a participação de não-brancos na administração pública. Essa é a primeira vez que o regime racista admite que os indianos e mulatos possam ser eleitos para cargos legislativos, embora a hegemonia branca permaneça intocável e os 22 milhões de negros



Os eleitores brancos estão divididos quanto à participação dos não-brancos

continuam totalmente marginalizados. A criação da terceira câmara legislativa, objeto de um plebiscito entre os eleitores brancos no dia 2 de novembro, não vai alterar em nada a rígida es-

trutura de separação de raças vigente na África do Sul desde 1948. A mudança tem como um dos principais objetivos dar a impressão à opinião pública mundial de que o *apartheid* está se al-

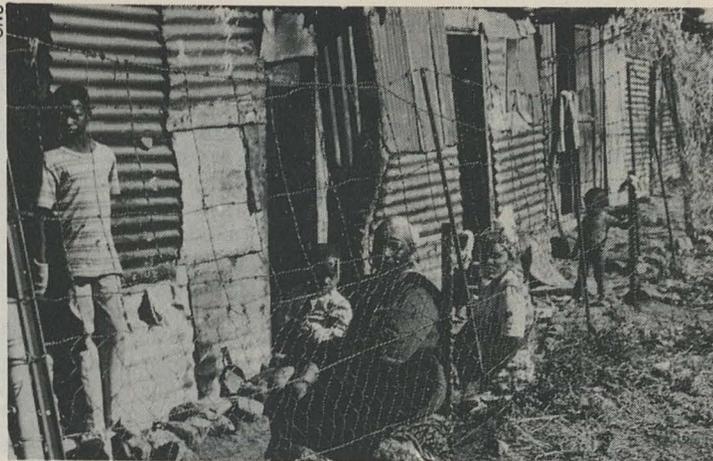
terando no sentido de uma liberalização.

Mas apesar das garantias do governo de que a posição da minoria branca não será afetada e nem o *apartheid* será atenuado, os brancos se dividiram sobre a questão. O grupo mais radical, os *verkramptes* rompeu com o primeiro-ministro P. W. Botha acusando-o de enfraquecer o princípio da separação de raças, ao admitir a possibilidade de que os cinco milhões de indianos e mulatos tenham uma participação periférica no poder. Os adversários da proposta oficial não vacilam em classificar P. W. Botha como traidor e estão mobilizando a opinião pública racista em torno da manutenção daquilo que chamam de *volksseenheid* (unidade *afrikaaner*).

Os líderes da tendência radical são Andries Treurnicht, do Partido Conservador, e Jaap Marais do *Herstigte Nasionale Party* (HNP). Os dois partidos têm aumentado a sua votação nas últimas eleições realizadas no país e já ameaçam a liderança do Partido Nacional (NP) principalmente entre os racistas mais ferrenhos, nas províncias de Orange e Transvaal. Tanto Treurnicht como Marais passaram ao terreno da confrontação quase aberta quando o primeiro-ministro Botha se aproximou dos setores liberais de origem britânica, em busca de apoio para a terceira câmara legislativa. Os *afrikaaners* se consideram herdeiros dos colonos *boers*, que conquistaram a ferro e fogo o interior da África do Sul e que foram derrotados pela oligarquia britânica, na guerra dos *boers* no início deste século.

#### “Reformar ou morrer”

A cega obstinação dos *verkramptes* se baseia na presunção de que os problemas atuais enfrentados pela minoria branca podem ser resolvidos através dos mesmos recursos simplistas e vio-



Os brancos mais radicais exigem garantias de que o *apartheid* não será atenuado

lentos dos primitivos colonos *boers*. Eles preferem “enterrar a cabeça na areia” a aceitar o fato de que o complicado sistema de discriminação racial vigente há 40 anos entrou numa crise profunda, da qual provavelmente nunca se recuperará.

Já os *verligte* (“iluminados”, na língua *afrikaaner*) acreditam que os brancos sul-africanos precisam “adaptar-se para não morrer”. Trata-se de uma frase pronunciada em 1978 por P. W. Botha logo depois de sua ascensão ao poder em substituição a John Vorster, num momento em que os brancos ainda estavam assustados com a rebelião de Soweto e sentiam a sua incapacidade para conter o crescimento dos protestos negros contra o *apartheid*, depois da independência de Angola, Moçambique e mais tarde também do Zimbábue.

Depois de Soweto e das mudanças políticas em países vizinhos na África Austral, as pressões externas sobre o *apartheid* cresceram muito. Botha resolveu então enfrentá-las usando um método já clássico entre a elite política branca de Pretória: prometer reformas, sem no entanto executá-las. Falar em mudança sempre que possível, mas adiá-las constantemente.

Desde 1980, os ministros do

governo sul-africano começaram a dizer uma coisa no exterior e outra em casa, sem ter a mínima preocupação com a coerência. Piet Koornhof, ministro da Cooperação e Desenvolvimento declarou nos Estados Unidos que o “*apartheid* estava morto”. Semanas depois em Pretória ele disse que “na verdade sua afirmação foi de que o *apartheid* na sua forma original estava morrendo”. O mesmo ministro também negou uma declaração de que as “leis discriminatórias seriam derubadas”, feita a um jornal do Quênia. Koornhof disse aos jornalistas sul-africanos que ele havia apenas mencionado a “possibilidade das leis mais duras serem atenuadas”.

O mesmo jogo de desmentidos foi usado pelo ministro das Finanças, Senator Horwood, que em Paris disse a um jornal econômico que o “*apartheid* seria desativado porque não funcionou”. A versão sul-africana para a mesma entrevista foi a de que “o plano para criação dos bantustões para os vários grupos tribais não se mostrou viável em vários aspectos”. E o ministro da Educação, Gerrit Viljoen, disse numa conferência que “a discriminação racial na África do Sul não era mais vista como um princípio, mas apenas como um mé-

todo prático". Na volta a Joanesburgo, o ministro respondeu rindo para os repórteres que pediam uma confirmação da frase: "Por acaso, princípios e métodos não são a mesma coisa?"

### O dilema fatal

Na verdade, o jogo dos desmentidos funcionou no exterior, mas deixou muita gente desiludida dentro da África do Sul onde vários liberais admitiram no final do ano passado que toda a polêmica sobre reformas havia sido sepultada pelo jogo da semântica. Chris Saunders, um dos diretores da poderosa transnacional *Anglo-American* admitiu que o governo "na verdade não faz outra coisa senão enganar a opinião pública quando dá a impressão de que há um prazo ilimitado para reformar as leis de discriminação racial".

O plebiscito, a terceira câmara legislativa e toda a polêmica sobre reformas do *apartheid* têm como objetivo principal mascarar o profundo dilema enfrentado pelo primeiro-ministro P. W. Botha em relação ao futuro do sistema de hegemonia branca sobre a maioria negra do país. O dilema está materializado na necessidade de aliviar as enormes tensões políticas e raciais surgidas a partir do plano posto em prática pelo *apartheid* de deslocar em massa populações negras das áreas urbanas para os chamados bantustões.

Em 1977, o então ministro de Assuntos Negros, Ferdie Hartzenberg, em declarações reproduzidas pela revista *South Africa Digest*, afirmou que o governo racista deveria deslocar em média mil negros por dia até o ano 2000 com o objetivo de manter a atual taxa de 17,4% de brancos na população total. Se for mantido o ritmo atual de crescimento demográfico da população negra e continuar o êxodo dos moradores dos bantustões em direção às cidades, no final do século

os brancos estarão reduzidos a menos de 10% de todos os habitantes da África do Sul.

Outras estimativas mencionadas pelo livro *South Africa: the method in the madness* indicam que nos próximos 15 anos o número de negros nas cidades chegará a 30 milhões enquanto toda a população branca da África do Sul não chegará aos sete milhões. Esses números mostram como é vulnerável a posição da minoria racista e em consequência, do próprio sistema que ela montou na esperança de que criando uma sociedade dividida pela cor da pele, os seus privilégios pudessem ser mantidos indefinidamente.

### Um preso a cada dois minutos

Essa perspectiva de um "esmagamento numérico" dos brancos em decorrência de uma taxa de natalidade extremamente alta na população africana está na base do projeto de remoção em massa dos negros para os bantustões. Trata-se de um plano baseado no uso da força. Entre 1960 e 1980, a transferência de negros fez com que a proporção de africanos vivendo nas cidades baixasse de 29 para 27%, mas os dados mais recentes indicam que ela voltou a crescer.

Nos bantustões, a situação da população negra está se tornando cada dia pior, pelo acúmulo de gente em territórios sem a necessária estrutura econômica para suportar uma população que em alguns casos já chega à elevadíssima densidade de 400 habitantes por quilômetro quadrado. A miséria e a falta de emprego nos bantustões obriga os negros a tentarem retornar às cidades brancas em busca de trabalho. No ano passado, a polícia branca prendeu mais de 200 mil trabalhadores negros que haviam retornado clandestinamente às cidades. Isso equivale a uma prisão a cada dois minutos e meio den-



P. W. Botha:  
acusado por uns e outros

tro do território reservado aos seis milhões de brancos, que por lei têm direito a 87% do 1,2 milhão de quilômetros quadrados da África do Sul.

No momento existem apenas quatro bantustões declarados formalmente como autônomos, embora não tenham sido reconhecidos por nenhuma nação do mundo fora da África do Sul. No Transkei, Ciskei, Bophutatswana e Venda, a dramática situação de aglomeração de gente tornou esses bantustões verdadeiros campos de concentração. Em outros, ainda sob controle total de Pretória como Lebowa e Qu Qu, o prestígio da administração racista chegou a um ponto crítico. Em Lebowa, nas eleições administrativas realizadas em março, apenas 523 dos 30 mil negros aptos para votar compareceram às urnas. A proporção foi mais baixa ainda em Bophutatswana, nas eleições do ano passado quando votaram apenas 135 dos 60 mil negros habilitados.

A simples estatística mostra que o projeto de segregar os 22 milhões de negros em apenas 13% do território da República, enquanto reserva os 87% restantes para seis milhões de brancos, está irremediavelmente destina-



ONU

A elevada taxa de natalidade dos negros cria preocupações aos racistas

do ao fracasso devido ao ritmo de crescimento demográfico atual. Mas os responsáveis do *apartheid* preferem não levar em conta a realidade e continuam fazendo planos. Um deles prevê estímulos especiais para que a população branca dobre a sua taxa de natalidade nos próximos dez anos, ao mesmo tempo em que são concedidas facilidades especiais para que 30 mil imigrantes de origem européia se estabeleçam no país no mesmo período. Segundo a administração branca, o índice de nascimentos na população negra deve ser reduzido em 70% até 1995.

Mas ambas as metas esbarram em dificuldades aparentemente intransponíveis. A crise econômica está desestimulando a população branca a ter cada vez mais filhos, ao mesmo tempo em que a guerra contra os países vizinhos mantém a imigração estrangeira a níveis muito abaixo das expectativas oficiais. Simultaneamente, o projeto de reduzir a taxa de natalidade dos negros continua a se basear exclusivamente no efeito da miséria ou do elevado índice de mortalidade das crianças negras (uma em cada quatro, não chega até os três anos de idade).

A criação da terceira câmara legislativa é uma consequência direta das tentativas de aliviar as

tensões internas no *apartheid*. Os indianos e mulatos que até agora eram considerados, junto com os negros, cidadãos de segunda classe passarão a poder eleger deputados, se a proposta de P. W. Botha for posta em prática. Mas o seu poder político de impor mudanças reais é praticamente nulo porque todas as decisões da nova câmara terão que ser referendadas pelas duas outras, compostas só de brancos e que portanto dificilmente aprovarão alguma lei contrária aos seus interesses. Na melhor das hipóteses, surgirão conflitos entre os brancos e os indianos e mulatos. Os radicais do *apartheid* acham que esses conflitos são inevitáveis e que a melhor forma de anulá-los é simplesmente abandonar o projeto reformista. Já os partidários do primeiro-ministro acreditam que o estímulo à esperança de mudanças superficiais compensa possíveis atritos.

Os indianos e mulatos estão divididos quanto ao projeto submetido ao segundo plebiscito na história da África do Sul. Uma minoria está disposta a votar, mas a grande maioria acha que o apoio ao plano oficial representa um preço muito baixo para a cumplicidade com o *apartheid*. O projeto da terceira câmara serviu também para que a população negra ampliasse ainda mais a

sua oposição ao regime. Em agosto deste ano, foi criada a Frente Unida Democrática (UDF) reunindo mais de 300 sindicatos, grupos políticos, organismos comunitários e entidades esportivas contrárias ao *apartheid*.

A UDF conta com o apoio do Congresso Nacional Africano (ANC), a mais importante organização revolucionária do país, fundada há 70 anos, e também com a participação direta de organismos religiosos como a Aliança das Igrejas Luteranas, cujo presidente Alan Boesak foi um dos responsáveis pelo lançamento do movimento. O documento base da UDF é a Carta da Liberdade, um manifesto divulgado em 1955 e que até hoje se constitui na principal plataforma de luta dos vários movimentos pluri-raciais contra o *apartheid*. Vários políticos e militantes brancos participam da Frente, que no dia de seu lançamento público reuniu 12 mil pessoas num comício desafiando as leis que proibem reuniões públicas contra o *apartheid*.

O aumento da efervescência política entre os negros levou também à criação do Comitê do Foro Nacional (NFC) que não inclui os brancos anti-racistas e tem como principal apoio a Organização Popular da Azania (Azapo), o movimento Consciência Negra e adeptos do Congresso Panafricano (PAC). O Foro adota posições mais à esquerda do que a Frente mas, apesar das divergências, os dois organismos estão dispostos a estabelecer ações comuns contra o governo de minoria branca.

O surgimento da Frente Unida Democrática e do Comitê Nacional do Foro refletem a ampliação dos setores que exigem a extinção imediata do sistema de discriminação racial. Simultaneamente, os *verligtes* e *verkrampptes* passam a se entender cada vez menos, no primeiro grande cisma do *apartheid*, desde a guerra dos *boers*. ●

## Momentos decisivos

Os últimos protestos mostraram a força da oposição e criaram um impasse quase insolúvel para o regime do general Zia

*M. Venugopala Rao*

O esforço decisivo para a redemocratização pode estar muito próximo, dois meses depois do lançamento de uma aliança de oito partidos oposicionistas, que deflagrou uma vasta campanha de resistência civil. Mas, a curtíssimo prazo, os avanços podem ser difíceis.

Os partidos oposicionistas ameaçam com protestos ainda mais amplos se o presidente Zia não concretizar os planos para a realização de eleições gerais segundo a Constituição de 1973, que no momento está suspensa. O *establishment* militar não mostra no entanto interesse em acelerar o processo de redemocratização. Um dos motivos dessa demora parece ser o recente acordo de cooperação militar firmado com os Estados Unidos, no começo de outubro.

Outro motivo mais importante está ligado a questões domésticas. Fora da região de Sindh, que está controlada pela oposição, os políticos do governo não têm conseguido mobilizar as populações do Baluquistão e Punjab, em apoio ao general Zia. Em Sindh, está localizada a principal base do Partido Popular do Paquistão, fundado pelo ex-presidente Ali Bhutto, e que



Manifestação oposicionista nas ruas de Karachi

ainda é considerado o maior partido do país, além de ser o responsável direto pelas principais dores de cabeça do regime militar.

A situação fica ainda mais complicada se levarmos em conta os anos de exploração e miséria que fizeram surgir no setor agrário um movimento político de esquerda muito forte.

A crise paquistanesa entrou em ebulição em 12 de agosto passado, quando o presidente Zia Ul-Haq anunciou o plano de implantar um regime presidencialista após as eleições que, segundo o governante paquistanês, deveriam ser realizadas em 23 de março de 1985. O anúncio do plano inclui a realização de elei-

ções em duas etapas: a primeira, a nível municipal, sem participação de partidos e com data prevista para setembro de 84; a segunda etapa prevê a eleição de assembleias provinciais, a assembleia nacional e o senado, em março de 85. Nessa segunda etapa, o governo omitiu qualquer referência específica aos partidos políticos.

O plano apresentado pelo general Zia estabelece que o presidente da República assumirá também os cargos de comandante supremo das forças armadas, devendo indicar ainda os governadores provinciais e o comissário-chefe do processo eleitoral. O presidente nomeará o primei-

ro-ministro, que deve obter um voto de confiança do Congresso 60 dias após a sua indicação.

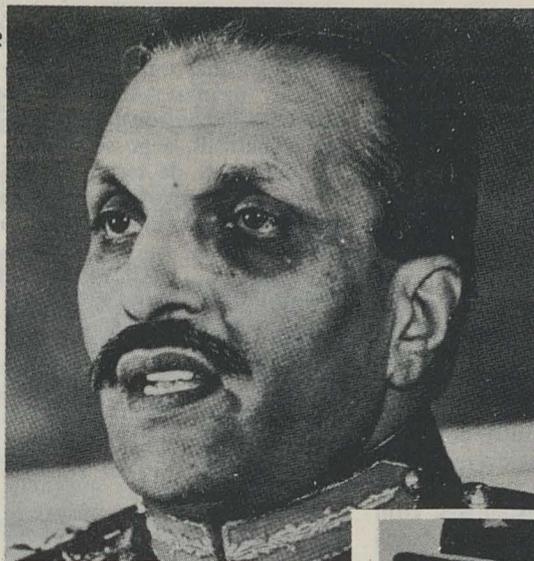
Será formado um conselho de segurança nacional, composto de 16 membros, que não ficarão sujeitos ao Parlamento e terão o poder de decretar o estado de emergência, e poderão fazer emendas à Constituição de 1973.

### A oposição

Quase todos os partidos políticos, incluindo o MRD (Movimento de Restauração da Democracia) rejeitaram o plano governamental, exigindo em troca a anulação imediata da lei marcial e a plena restauração da Constituição de 1973. O MRD e os demais partidos afirmam que nenhuma emenda constitucional pode ser imposta pelo governo atual, e que só uma assembléia constituinte tem autoridade para aprovar alterações dessa natureza. Esse objetivo foi unanimemente aprovado por todos os partidos do MRD, desde o Partido Popular do Paquistão (fundado por Bhutto e atualmente dirigido pela mulher e filha dele), até o Partido Democrático Nacional, liderado por Khan Abdul Wali Khan.

A frente de partidos afirmou também que uma vez alcançada a extinção da lei marcial, eles concorrerão independentemente nas eleições tanto regionais como nacionais. O acordo final foi adiado várias vezes antes, devido à posição hegemônica do PPP, de Zulfiqar Ali Bhutto. Mas desde que o partido se declarou a favor da autonomia regional completa, as resistências desapareceram, permitindo a união oposicionista, forjada na resistência à repressão governamental.

Não existem estimativas sobre o número de pessoas detidas ou mortas pelo regime militar. As cifras oficiais indicam no entanto que o número de presos sobe a dois mil e o de mortos chega a 30. Os dois números são rejei-



O general Zia (ao lado) quer um regime presidencialista. Porém os partidos oposicionistas, inclusive o Popular, fundado por Bhutto (abaixo) se opõem à iniciativa, exigindo eleições gerais

tados pela oposição como muito menores do que a realidade. Fontes do MRD em Londres afirmam que nada menos de cinco mil oposicionistas paquistaneses foram para a prisão e que não menos de 100 foram eliminados pelos serviços de segurança do general Zia.

A maioria das vítimas vem da região de Sindh, onde o movimento oposicionista ganhou uma força tão grande que chegou a surpreender até os mais experimentados observadores da política paquistanesa. Nem o carisma da família Bhutto, nem o velho nacionalismo *sindhi* são suficientes para explicar a amplitude do fenômeno. Um artigo publicado recentemente pelo jornal *Muslim*, de Karachi, apontou a organização Sindh Awami Tehrik, liderada pelo intelectual de esquerda Rasul Bux Palejo, como o principal núcleo da oposição em Sindh.

### A nova esquerda

Preso por vários anos durante o regime de Bhutto, Palejo rejeitou o nacionalismo *sindhi* do venerável G. M. Syed e a "velha esquerda", como sendo pró-norte-americanos e desinteressados numa mudança radical das



estruturas sócio-econômicas do país. Defendendo incondicionalmente o federalismo unitário do Paquistão, o grupo de Palejo é muito ativo entre os camponeses, e mais de 1.200 militantes da organização já foram detidos pela polícia, segundo o *Muslim*.

Nas cidades, a liderança do PPP se mostrou extremamente ativa, como demonstram os ataques realizados contra prédios governamentais e instalações policiais. Na região de Punjab, relativamente calma até as últimas semanas, milhares de profissionais liberais deram apoio aberto ao movimento. Apesar disso, a região tem poucas chances de se rebelar contra o regime devido à maciça presença de guarnições do exército e dos serviços de segurança do governo. A única possibilidade é que o general Zia

acabe contrariando os interesses de Punjab, o que é pouco provável.

Essa visão é defendida pelo líder da área da fronteira, Wali Khan, filho do legendário Khan Abdul Ghafar Khan e pelo líder do Baluquistão, Sardar Ataulah Khan "Mengal", atualmente no exílio. Wali voltou ao Paquistão na primeira semana de outubro depois de se submeter a um tratamento médico em Londres e foi imediatamente preso. Seu pai e sua mulher também foram detidos.

Khan disse pouco antes de deixar a capital inglesa que o Paquistão somente sobreviverá se a democracia for restaurada, com as populações dos quatro estados gozando da maior autonomia provincial possível, ao mesmo tempo em que os norte-americanos abandonassem o país. Ele admitiu que as regiões da fronteira sofreram muito na época de Bhutto, mas reconheceu que o antigo líder do PPP fez o que os dirigentes do Punjab queriam que ele fizesse.

#### A última batalha

Sardar Mengal, falando num grande comício em Londres, em setembro passado, afirmou que o povo do Baluquistão fará em breve "a sua última batalha por um Paquistão independente e unitário" junto com os *sindhi*. "Durante mais de 30 anos - disse Mengal - os *baluqui* e os *sindhi* sofreram os efeitos da dominação do Punjab na política interna do país". O dirigente *baluqui*, exilado desde 1977, é o chefe dos *mengal*, uma das quatro grandes etnias da região. As outras três são os *bugti*, os *bezen* e os *marri*.

Como no tempo de Bhutto, Zia responsabilizou os donos de terra pelos protestos atuais, afirmando que eles estão defendendo os seus interesses econômicos em vez da democracia. Para vencer a resistência oposicionista, o

governo iniciou uma investigação sobre os bens dos grandes latifundiários que, segundo a versão oficial, "devem milhões de *rupias* (moeda nacional) aos bancos comerciais, e possuem grande quantidade de terras, violando os dispositivos da reforma agrária", conforme revelou o *Pakistan Times*.



Weinberger: "estreitas ligações"

Simultaneamente, foi lançado um programa de desenvolvimento do Baluquistão, num montante de 125 milhões de dólares durante o ano fiscal em curso. Mas essa medida não parece suficiente para conter o movimento oposicionista na região. Os políticos de Punjab se mostram muito preocupados com o nível de protestos e estão planejando uma série de medidas adicionais para tentar neutralizar a rebelião, antes que ela se torne incontrolável.

Prolongadas reuniões militares tiveram lugar nos primeiros dias de outubro, ao mesmo tempo em que surgiram informações de que os aliados ocidentais estão estimulando o general Zia a oferecer concessões aos políticos. Se isso não funcionar, a cúpula militar pode voltar-se para uma tentativa de substituir o ge-

neral Zia por um outro oficial da mesma patente, com um passado menos comprometido.

As especulações ganharam força depois da visita do secretário de Defesa dos Estados Unidos, Caspar Weinberger, a Islamabad, na primeira semana de outubro. O emissário de Ronald Reagan disse após longas conversas com os militares paquistaneses que os protestos antinorte-americanos não interferirão nas "estreitas ligações entre os Estados Unidos e o Paquistão". Ele também disse que "os dois países têm muita coisa em comum na defesa da democracia e da liberdade".

O regime de Zia provavelmente vai usar esse apoio externo para ignorar os partidos envolvidos na atual onda de protestos e procurar um acordo com grupos da direita como a Liga Muçulmana e o *Jamiat-ul-ulema-I-Pakistan*. Há rumores de que o governo espera com isso convencer alguns setores do MRD a negociar. Mas existem posições bastante fortes dentro do próprio regime, contrárias a um isolamento completo dos grupos oposicionistas ou contra a tentativa de destruí-los.

O ex-homem forte do exército, o general da reserva Faiz Ali Chisti advertiu os responsáveis pela lei marcial para não excluírem o PPP de qualquer tipo de diálogo político. O general Chisti, que abandonou o governo de Zia em março de 80, disse que o partido de Bhutto ainda é o maior do país. Ele garantiu que a Liga Muçulmana e os grupos *Jamaat*, que estão negociando com o governo, não têm a representatividade necessária para assegurar uma normalização política do Paquistão.

Mas, aceitar contatos com o PPP, abandonando os grupos oposicionistas do Baluquistão e Sindh, pode ser uma ameaça ainda mais séria para a frágil unidade e estabilidade interna do país.

# A guerra divide os militares indonésios

Depois de aceitar um cessar-fogo, o exército indonésio volta atrás, tornando públicas as divergências entre os chefes militares

*Etevaldo Hipólito*

Não há dúvida de que o regime militar da Indonésia perdeu uma excelente oportunidade de encontrar uma saída honrosa para o confronto com a República Democrática de Timor Leste. A notícia da realização de conversações em áreas libertadas pela Fretilin (Frente de Libertação de Timor Leste) e da vigência do cessar-fogo em todo o território maubere chegou a ser saudada como um dos mais importantes acontecimentos já verificados na área, desde o término da guerra de agressão contra o Vietnã. O sentimento experimentado no momento era de que, finalmente, o bom senso tinha se imposto no seio da equipe governamental do general Suharto. Ao reconhecer a situação existente e procurar o diálogo, os invasores teriam concluído pela possibilidade de retirar-se em tempo do atoleiro em que pouco a pouco as forças armadas indonésias foram se metendo.

Mas isso não se deu. Em resposta ao documento encaminhado pelo comandante Kay Rala Xanana ao presidente indonésio, (ver cadernos do terceiro mundo nº 58) o que foi tornado público equivale a algo mais que um

ultimato para a rendição incondicional. No dia 8 de agosto passado, o general Beny Murdani, chefe do estado-maior da Indonésia anunciava "que desta vez não haverá misericórdia. As forças armadas usarão todos os meios que possuem na operação de limpeza". Quando este militar fala em misericórdia, não deixa de soar macabro, pois as tropas do seu país já liquidaram o correspondente a um-quarto de toda a população maubere. O que na realidade ele adianta

é que a nova operação deverá ser muito mais impressionante que a levada a cabo por ocasião da invasão de 7 de dezembro de 1975.

Cinco meses após o encontro em Lari Guto entre o comandante Kay Rala Xanana e o coronel Purwanto, torna-se patente a existência de uma luta surda entre o grupo defensor do prosseguimento da invasão e os setores que defendem uma solução negociada para o conflito. Numa primeira interpretação, a entrada em cena de novos contingentes poderia aparecer como uma vitória decisiva da linha militarista. Mas o aumento do número de unidades que se recusam a combater, principalmente a partir de 1º de setembro passado, demonstra que a rejeição à guerra é um fato concreto que dia a dia emperra os planos traçados em Jacarta.

Fora as considerações de ordem estratégica, existem outros motivos ditando o reinício das operações e, evidentemente, acirrando o confronto entre as duas tendências. Já são mais que conhecidos os atritos que opõem os chamados operacionais aos responsáveis pela logística. Esses últimos vêm no prosseguimento da guerra uma forma de enrique-



As tropas indonésias já liquidaram um-quarto da população maubere



Jovens mauberes fazem treinamento nas áreas libertadas

cimento, pois a compra de material bélico, o controle sobre as folhas de pagamento e o manejo de verbas especiais proporcionam aos responsáveis diretos e à sua rede a oportunidade de robustecer as suas contas bancárias. E tudo isso sem arriscar a pele nos combates contra os guerrilheiros da Fretilin. Os primeiros sentem na própria carne a dureza de uma luta que já lhes custou milhares de mortos e mutilados, sem oferecer nenhuma perspectiva humana ou politicamente justificável.

### Operação Rapina

Um exemplo de enriquecimento fácil e das suas consequências imediatas na guerra se encontra sintetizado na figura do general Beny Murdani. Muito embora pertencendo a um corpo de operacionais, é hoje um dos principais porta-vozes da "linha dura" indonésia. Essa posição não pode ser explicada somente pelo fato de ele não se encontrar no campo de batalha mas num gabinete em Jacarta. É claro que, para ele, a guerra e todos os seus horrores resumem-se a mapas desdobrados sobre as mesas de um bem montado escritório. O motivo principal reside no verdadeiro assalto feito contra numerosas propriedades rurais. Os an-

tigos donos que não quiseram compreender o que se passava com a invasão de Timor Leste ou que não tiveram tempo de fugir foram fuzilados.

Dessa forma, nasce a empresa *PT Denock Hernandez International* para controlar a comercialização de todo o café produzido por Timor Leste. Tendo como época provável de introdução na ilha o século 18, esse produto se tornou a partir de 1865 num dos principais itens de exportação colonial. Internacionalmente conseguiu ser colocado pela Organização Mundial do Café entre as espécies de mais alta cotação. Quando os indonésios desencadearam a invasão, Murdani proibiu nas áreas sob o seu controle que os mauberes transportassem ainda que fosse apenas um pequeno pacote de um distrito para outro. Os seus agentes recolhem o produto a 25 centavos de dólares norte-americanos o quilo e a empresa do general os exporta a 20 dólares.

Logo que invadiram o território maubere, os indonésios promoveram uma meticulosa perseguição contra a comunidade chinesa, obrigando os seus 40 mil membros a fugir ou passar para a resistência armada. O objetivo da repressão era afastar competidores na área de comércio exportador e importador,

além de estabelecer o controle sobre a rede de comercialização por eles montada em todo o país. A cada nova operação militar irá corresponder um proveito econômico específico. Assim, não será estranha a introdução do trabalho forçado nas regiões onde os inimigos conseguiram se estabelecer. Num dos numerosos relatos enviados clandestinamente desde Timor Leste, um missionário denuncia que enquanto os invasores recorreram à fome como arma de guerra, "em lugares escondidos as mulheres são obrigadas a passar a noite fora de casa limpando toneladas de arroz para serem comercializadas pelos dominadores".

Mas nem só da ganância de uma meia dúzia de generais indonésios se alimenta a agressão contra Timor Leste. Ela seria, quando muito, a motivação mais visível e imediata. A posição estratégica da ilha e a riqueza comprovada em petróleo no território maubere dão uma dimensão mais ampla a essa desastrosa aventura militar. Na realidade, Timor Leste é mais rico do que se fala e a imprensa capitalista pouco ou nada esclarece sobre o valor da sua localização geográfica.

No que diz respeito à riqueza mineral, a sua existência despertou o interesse, no final do século 19, de homens de negócios estrangeiros estabelecidos em Hong Kong e Singapura. Até então o que o país tinha de mais conhecido era o sândalo, que a depredação colonial ia levando à extinção. Ouro, cobre, galena, cromita e manganês seriam algumas das jazidas mais importantes que viriam motivar a organização de grupos de pesquisa nas décadas seguintes.

Foi sobre o petróleo, no entanto, que se colocou a maior atenção apesar de, na prática, o governo colonial não ter avançado na pesquisa e exploração desse combustível. A sua existência e utilização em Timor Leste já

vem de longa data, pensando-se que Lacluta seria a região de maior concentração. De forma rudimentar, era recolhido pelos mauberes nas zonas pantanosas, refinado e empregado na iluminação. Segundo estudos divulgados pela Agência Geral de Ultramar, em 1956, foram encontrados vestígios petrolíferos nas áreas de Bobonaro, Barique, Debos, Cribas e Aliambata. Neste último local, constatou-se a existência de petróleo a apenas 60, 90 e 140 metros de profundidade!

Num extenso artigo publicado na revista *Funu*, o jornalista australiano Denis Freney detalhou a forma como a CIA norte-americana utilizou a companhia petrolífera *Oceania Exploration* para influir na situação política de Timor Leste, logo após a queda da ditadura portuguesa em 1974. A obtenção de um contrato para exploração do mar de Timor dava-lhe cobertura adequada para outras atividades paralelas. Numa primeira constatação verificou-se que, à medida que J. E. Bakken, o seu tesoureiro-geral, se torna mais presente em Dili, as posições da UDT<sup>2</sup> vão evoluindo do rompimento com a Fretilin até a sangrenta tentativa de golpe, em agosto de 1975. Um papel de destaque em toda essa trama — de acordo com o mesmo artigo — foi desempenhado por Jaime Santos, membro influente da organização direitista e representante da *Oceania* em Dili. Por seu intermédio entraram no território os armamentos a serem utilizados na intentona golpista.

Outro dado igualmente relevante indica que os contra-revolucionários foram orientados a partir do exterior. As mensagens

<sup>1</sup> "Timor Português", Hélio A. Esteves Felgas, Lisboa, 1956.

<sup>2</sup> UDT — União Democrática do Timor, grupo conservador, partidário da manutenção dos laços com Portugal, apoiou a invasão indonésia, em 1975.



interceptadas e gravadas que partiam do aeroporto de Baucau, em poder da UDT, continham pedidos de mais ajuda militar. Em Sydney, Austrália, as mensagens eram recebidas por Roger Ruddock, piloto australiano que participou dos bombardeios contra posições da Fretilin. "Pede-se à base de comando contactar Guam", solicitam os golpistas a certa altura.

#### Envolvimento norte-americano

A menção feita à base militar dos EUA reforçou as suspeitas de que o governo norte-americano também esteve envolvido de forma direta na fracassada tentativa para tirar a Fretilin de cena. A presença de conselheiros militares no campo de batalha foi diversas vezes denunciada pela emissora oficial do governo maubere, entre 1977 e 1978. Além de orientar as tropas indonésias durante os combates, os conselheiros norte-americanos estabeleceram campos de treinamento em Aileu e Laklubar.

Desde o primeiro momento



Gerald Ford: sem comentários

da invasão, o presidente Gerald Ford e Henry Kissinger evitaram qualquer tipo de comentário sobre a posição dos EUA. O silêncio oficial foi acompanhado de medidas tomadas nas Nações Unidas para reduzir a agressão a um segundo plano, se possível eliminando-a da agenda de trabalho. Através do embaixador Daniel P. Moynihan, e segundo suas próprias palavras, o Departamento de Estado norte-americano manobrou para que a ONU se mantivesse completamente neutralizada, incapaz de concretizar

qualquer decisão tomada.

Todo o trabalho de sabotagem então desenvolvido tinha como finalidade evitar denúncias e debates em torno não só da presença de militares norte-americanos em território maubere — pilotos inclusive — como ainda sobre as remessas de armas para as tropas invasoras. O cerco estabelecido pela Indonésia contra Timor Leste em 1975 foi feito com navios de guerra, aviões de combate e outros equipamentos fornecidos pelos EUA. Quando Ford e Kissinger visitaram Jacarta no dia 6 de dezembro, às vésperas da invasão, a única objeção que apresentaram a Suharto referia-se ao fato de a operação acontecer enquanto eles se encontravam em território indonésio. O governo de Jacarta retardou, então, a agressão o tempo suficiente para que ambos chegassem ao Havaí.

O governo norte-americano considera de extrema importância que os estreitos de Ombai-Wettar, situados no norte de Ti-

mor Leste, estejam em mãos de seus aliados. Segundo especialistas militares, a sua importância reside em que nele se encontra a única passagem de águas profundas entre os oceanos Índico e Pacífico. E isso permite a travessia tranquila e despercebida de submarinos nucleares dos Estados Unidos.

A própria divulgação da notícia sobre a existência de um cessar-fogo não deixou de levantar especulações quanto ao seu real significado. O despacho original saiu de Jacarta e não foi precedido de nenhum comunicado oficial ou algo semelhante. Chama, pois, a atenção o fato de um acontecimento tão importante, delicado e normalmente sujeito a uma série de restrições, passar a circular sem aparentes problemas. Os mecanismos habituais de censura do governo não funcionaram, o que parece evidenciar que havia interesse na sua publicação.

Para alguns analistas das questões políticas da área, o mais

provável é que a “filtragem” tenha sido obra de altos escalões militares pouco entusiasmados com o prosseguimento da guerra e muito menos com o regime de Suharto. O objetivo dessa manobra seria duplo: demonstrar que há uma alternativa viável para a resolução do conflito e procurar junto à opinião pública internacional senão apoio pelo menos simpatia para uma ofensiva visando derrubar o governo. Apesar do retrocesso sofrido, a simples existência de uma corrente militar partidária dessa linha de ação tem o seu mérito. Demonstra que a resistência maubere constitui ameaça concreta para a estabilidade do palácio presidencial em Jacarta. Romper unilateralmente as conversações e violar o acordo de cessar-fogo equivale, para os indonésios, a afundar-se ainda mais no atoleiro em que caíram quando, em dezembro de 1975, resolveram lançar os primeiros contingentes de pára-quedistas sobre Timor Leste. ●

## BARRICADA

Órgão INTERNACIONAL  
de difusão  
para o exterior  
da Frente Sandinista  
de Libertação Nacional  
— FSLN



## Agora Assinaturas no Brasil:

Trimestral (12 nºs) — Cr\$ 2.500,00  
Semestral (24 nºs) — Cr\$ 5.000,00

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_  
Estado: \_\_\_\_\_ País: \_\_\_\_\_

Estou remetendo  vale postal  cheque nominal à Editora Terceiro Mundo Ltda., rua da Glória, 122 gr. 105/106, Rio de Janeiro (RJ) — CEP 20241, referente à minha assinatura  trimestral  semestral do Semanário *Barricada Internacional*.

# A guerrilha por dentro

Um relato revelador sobre as formas de organização da resistência armada ao regime de Marcos

Toshio Murayama

**E**mbora o governo filipino negue a existência de áreas sob controle da guerrilha, elas não só sobrevivem à ação do exército regular, como vem aumentando a sua influência. Toshio Murayama, uma japonesa especialista em acupuntura esteve em visita à região controlada pelo Novo Exército Popular. Eis o seu depoimento:

jeans, tinha vindo ali para nos levar até "a montanha". Nunca o tínhamos visto antes, e não sabemos como ele nos reconheceu.

"A montanha" é o nome secreto de uma base armada a partir da qual o Novo Exército Popular (NPA) vem desfecendo suas operações de guerrilha. Embarcamos no veículo ao qual ele nos conduziu — uma motocicleta



Os guerrilheiros do NPA numa ação armada

O carro deixou-nos diante do mercado de certa cidade local e recebi ordens de esperar. O movimento era muito grande. Uma multidão de pessoas entrava e saía do mercado, embora já passasse do meio-dia; e, de repente, um rapaz de 16 ou 17 anos aproximou-se e nos dirigiu a palavra.

Trajando apenas camiseta e

ta com *side-car* — e saímos da cidade, passando por campos de arroz recém-semeados, até atingirmos a estrada que nos levaria à montanha.

Depois de atravessar várias aldeias e morros, saltamos da motocicleta. Um pouco adiante, subindo por uma trilha, avistamos vários búfalos da Índia transpor-

tando nas costas uma carga de frutas. E então, no fundo de um vale, surgiu diante de nós um belo vilarejo serrano. Ao todo, havia ali umas 30 casinhas de bambu.

Atingimos a aldeia através de um caminho estreito que contornava os arrozais. Cinco ou seis lavradores de pés descalços nos aguardavam em frente a uma das casas. Um deles, bastante jovem, dirigiu-nos uma saudação e ergueu contra nós uma pistola, coberta por um saco de aniagem.

Foi então que compreendi que já me encontrava na "zona vermelha". Fiquei surpresa, pois havia imaginado uma base guerrilheira situada em algum lugar inexpugnável no recesso das montanhas. Não conhecendo as Filipinas, chegara a pensar que a base ficasse em algum lugar no fundo de alguma selva. Os guerrilheiros, ali, não tinham como se defender, caso fossem cercados pelo exército de Marcos. Daí as precauções de quem age na clandestinidade sob o próprio nariz do inimigo. Por fora, a aparência era a de um vilarejo pobre e pacato, como centenas de outros nas Filipinas.

Já começava a escurecer, mas crianças e adultos espiavam pelas janelas, examinando a inusitada visitante. Quando eu os saudei com algumas palavras mal pronunciadas na língua local, eles me dirigiram um sorriso tímido para depois sorrirem entre si.

Os lavradores conduziram-me até um pequeno chalé, construído em bambu trançado, no alto de uma colina. Recostados à parede, na entrada, estavam dois rifles M16. Num pequeno aposento, cerca de dez rapazes e moças estavam reunidos em torno de uma mesa, sobre a qual havia uma máquina de escrever. Todos me receberam com um firme aperto de mão. Eram os membros do NPA.

Mais tarde, eles me diriam, entre risos:

— Tivemos medo de que você resolvesse ir embora depois de ver os rifles na tarde em que chegou aqui.

### Lições de acupuntura

No verão passado, passei dois meses nas Filipinas. Como sindicalista militante japonesa, minha finalidade principal era conhecer um país do Terceiro Mundo. Minha visita, porém, assumiu um caráter inesperado depois que vim a conhecer uma ativista chamada O, em Manila. Eu tinha estudado acupuntura no Japão durante oito anos. Não quero dizer com isso que tivesse frequentado alguma escola especializada no assunto. Mas, durante oito anos, eu e outras pessoas inteiramente inexperientes vínhamos procurando aprender aquela técnica por nossa própria conta, como parte de nossa atividade de "auto-proteção corporal". Quando O soube disso, quis saber se eu estava disposta a ir até "a montanha" para dar lições de acupuntura. Eu prontamente disse que sim.

O acampamento do NPA ficava numa elevação coberta de bananais e palmeiras, situada por trás da aldeia. Alguns quilômetros adiante, por trás de uma serra, fica outra vila semelhante, onde várias dúzias de casas se aconchegam num pequeno vale. As aldeias são ligadas por trilhas secretas, que os guerrilheiros percorrem afastando arbustos duas vezes mais altos que eles.

Num barracão de tábuas do acampamento, realizamos um seminário de acupuntura. Os participantes eram cinco soldados escolhidos dentre as fileiras do NPA e 16 agricultores, dos quais mais da metade eram mulheres. Alguns dos agricultores tinham mais de 40 anos de idade.

Comunicávamo-nos em inglês, o que não era necessariamente fácil. Eles riam, dizendo que tinham de fazer "exercícios mentais" quando falavam comigo.

Matsumoto/Syima



A oposição ao regime de Marcos é muito forte, tanto a legal como a clandestina

Eu fazia o possível para transmitir minhas idéias em meu inglês ajaponesado; quanto a eles, procuravam primeiro formar uma idéia mental do que eu estava tentando dizer e, em seguida, respondiam-me através de gestos, o que criava um bocado de alvoroço. Mas eu achava os "exercícios" relaxantes. Eles, aliás, mostravam-se pacientes comigo; pareciam gostar das aulas, e estavam sempre procurando pregar-me peças.

O seminário consistiu em uma série de sessões práticas de treinamento, de mais de oito horas por dia, e só chegou até o fim dado o enorme entusiasmo deles.

Foi um seminário alegre, frequentado pelos tipos mais variados de pessoas: soldados que se queixavam, ao aplicar as agulhas, que era "preferível lutar no campo de batalha do que se espetar daquele jeito"; agricultores que aplicavam as agulhas sem soltar um ai, por mais que aquilo doesse; e mulheres que soltavam gritinhos logo à primeira espetadela.

Durante essas reuniões, à noite eu ensinava acupressura (*Do-In*) e tratamento com ventosas, à luz de candieiros, enquanto trocava com os meus alunos informações sobre ervas medicinais. A flora medicinal tem sido estudada e amplamente aplicada

pelos combatentes, utilizando as tradições locais de medicina popular das várias regiões do país. A troca de informações sobre ervas medicinais foi muito importante. Vindo a saber que existia na região um tipo de losna especial (*Artemisia indica*), ensinei-os a preparar *moxa*, uma espécie de cataplasma à qual se toca fogo para cauterização de feridas. Ensinéi ainda como preparar um antipirético a partir de minhocas e, tendo encontrado alguns pés de figueira-brava, ensinei como fazer chá de estramônio. Por sua vez, eles me ensinaram muitas coisas, inclusive o fato de que o líquido extraído do bambu é muito bom para os rins. Isto nos dava o prazer de descobrir remédios novos feitos de plantas que já conhecíamos.

Durante o seminário, aprendemos a fazer nossas próprias agulhas. Caso houvesse escassez delas, poderíamos fazer agulhas tão boas quanto as verdadeiras, usando fio de cobre ou de aço inoxidável usado para pescar.

Certa vez, falamos sobre as diferenças de atitude em relação à acupuntura. O assunto veio à baila devido à pergunta de um agricultor: "Por que vocês praticam a acupuntura num país rico como o Japão, onde existem tantos hospitais?"

A pergunta era natural, vindo de uma pessoa que estava tentando aprender acupuntura pelo fato de não ter acesso, dada a sua extrema pobreza, a quaisquer cuidados médicos. Salientei a importância de podermos prestar serviços médicos a nós mesmos, e descrevi em detalhe a estrutura da sociedade japonesa, altamente controlada, na qual o povo depende de hospitais, tornando-se assim fácil de ser controlado e governado.

Isso levou-nos a discutir também a estrutura do imperialismo japonês, que explora o povo das Filipinas e o força a viver na pobreza, ao mesmo tempo em que controla o povo japonês, tornando-o dependente da "assistência médica" e dos "serviços sociais" decorrentes da prosperidade construída à base do imperialismo.

Minha vida no campo do NPA começou e terminou com o ensino da acupuntura e com o tratamento de doentes através da acupuntura. Ao fim de cada dia, eu me sentia exausta, mas com a impressão de ter realizado alguma coisa. Em parte, isso se devia à alegria de compartilhar com eles as técnicas populares que eu havia aprendido com os soldados e agricultores japoneses. Tivemos ali a oportunidade de comunicar nossos sentimentos através de algo concreto como a acupuntura, que é necessária à nossa luta comum.

**"Arroz, arroz, arroz, peixe..."**

Naquele campo do NPA havia 28 guerrilheiros, inclusive três mulheres. Sete deles tinham sido ativistas de movimentos estudantis e operários nas cidades, e haviam sido enviados para lá pelo Partido Comunista das Filipinas, que lidera o Novo Exército Popular. Os 20 restantes, jovens de 15 a 28 anos de idade, eram camponeses pobres, recrutados de vários lugarejos vizinhos.



O exército guerrilheiro recebe um grande respaldo dos camponeses pobres

Muitos dos que hoje ocupam posições de liderança participaram do movimento estudantil. São pessoas que lutaram em 1971 no auge desse movimento, quando passaram à clandestinidade em virtude da lei marcial imposta no ano seguinte, aliando-se ao NPA e organizando as massas operárias. Sucessivas etapas da luta — a reconstrução do partido em 1968, a formação do NPA, o início da luta armada em 1969, bem como o surgimento do movimento estudantil — levou-os na direção do esforço armado revolucionário.

Enquanto permaneci naquela base do NPA, compartilhei da vida dos soldados. Pela manhã, fazia exercícios com eles, comia refeições simples feitas de milho, arroz e peixe seco, nadava um pouco, cantava e dormia com uma arma como travesseiro.

Eles são um exército de agricultores pobres. Não usam uni-

formes: apenas camisetas e calças surradas. Como agricultores, andam de pés descalços. Ao marchar, não marcam o tempo dizendo "um, dois, um, dois", e sim "arroz, arroz, arroz, peixe. Arroz, arroz, arroz, peixe".

Levam uma vida alegre e bem-humorada. Durante um treinamento para um combate com o inimigo, todos se atiraram ao chão, a um sinal dos respectivos chefes. Um bando simulava um ataque aos gritos de "Dadada..." enquanto outros fingiam morrer, com gestos exagerados das pernas e dos pés sujos. Assistindo àquilo em companhia de alguns dos camponeses, eu quase morria de tanto rir.

Apesar de toda a forte tensão militar, sentia-me feliz ao lado deles. Há neles, sem dúvida, algo que tem a ver com a liberdade.

Quanto à morte que eles enfrentam diariamente, sua atitude é muito simples. Um soldado-



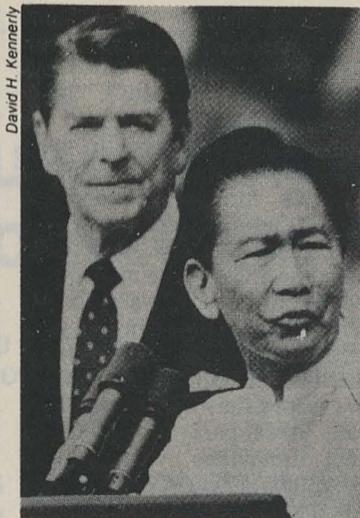
tava planejada para aquela noite. Oito soldados do NPA formaram uma fileira em frente ao acampamento. Dois eram mulheres que, juntamente com um jovem soldado, estavam armados apenas com pistolas. Os outros levavam ao ombro seus rifles M16. Um deles me disse em mau inglês: "Guntai (exército) de Marcos dormindo".

E acrescentou que, uma vez que estavam dormindo, seria fácil atacá-los. Em seguida, perguntou, meio por brincadeira, se eu gostaria de participar do assalto. E desapareceram na escuridão, em fila indiana, de mãos dadas.

Por volta das 6 horas da manhã seguinte, retornaram com as armas e os alimentos que haviam capturado. Os soldados inimigos não estavam dormindo, mas a operação foi bem-sucedida. Não houve feridos do nosso lado. E uma coisa me surpreendeu: depois de matarem os quatro soldados, um bando de camponeses se juntou aos guerrilheiros. Voltaram para o acampamento depois de comemorarem a vitória com os camponeses, cantando e banqueteadando-se com galinhas abatidas especialmente para a ocasião.

A luta armada está se alastrando rapidamente nas Filipinas. O NPA, formado em 1969 por um pouco mais de 20 pessoas em algumas áreas isoladas de Luzon central, soma hoje milhares de adesões em todo o país. Cada acampamento possui uma milícia, e vários desses acampamentos surgiram de frentes regionais de guerrilha. Muitas vezes, uma única operação é lançada simultaneamente por várias frentes. Consta que existem mais de 26 frentes de guerrilha em todo o país.

As operações são geralmente levadas a cabo em regiões nas quais o exército de Marcos cometeu atrocidades — massacre, saque ou estupros — a fim de "dar uma lição" aos campones-



David H. Kennerly  
Marcos e Reagan:  
aliados na política de  
contenção do movimento popular

ses. Tomar as armas do inimigo é uma das finalidades mais importantes das escaramuças — e, assim, a tática mais utilizada é a da emboscada.

Lembro-me de ter ouvido um agricultor ativista dizer, num distrito desarmado: "Precisamos de armas!" A luta armada nas Filipinas certamente atingirá proporções incríveis se houver armas em número suficiente.

### Quem apóia os redutos do NPA

Uma vez que a luta guerrilheira envolve necessariamente a cooperação de toda uma aldeia de agricultores, o exército de Marcos vem respondendo aos ataques com uma repressão brutal. Logo que descobrem que o NPA mantém certo relacionamento com alguma vila, massacram os moradores, queimam-lhes as casas e se apossam de suas terras. São atos que vêm cometendo de forma repetida e insensata. Há um número sem conta de massacres, prisões e tortura de pessoas suspeitas de manterem relações com o NPA. Um padre foi assassinado enquanto almoçava. A família de um líder

ativista de certa cidade foi atacada enquanto a mulher amamentava o filho — o exército matou todos, inclusive o marido, e atirou os corpos numa plantação de bananas. Uma professora foi encarcerada, nua, numa caverna cheia de lagartos e cobras. Até hoje está internada, pois tal experiência levou-a à loucura.

Como podem os guerrilheiros manter suas bases armadas em meio a tamanha repressão por parte do exército? Foi esta a primeira pergunta que fiz no dia em que cheguei.

As Filipinas são um arquipélago. O país não é tão vasto quanto a China, nem existe nele nenhum reduto inexpugnável. É difícil manter uma base armada sob forma de área libertada sem armamentos pesados. Assim, neste estágio, quando o NPA ainda não possui equipamento pesado, tem sido forçado a adotar o método de dispersar as tropas de Marcos mediante a instalação de grande número de pequenas bases guerrilheiras clandestinas em todo o país. Elas atacam sem cessar as unidades de vanguarda do exército de Marcos, isolando-as de suas bases de suprimento.

Manter essas bases clandestinas em aldeias montanhosas exige confiança na equipe humana sob todos os aspectos. A traição de um levará ao colapso de toda uma base.

Desde nossa primeira noite naquele acampamento, eu e todos os agricultores que desejavam participar do seminário fomos considerados parte da unidade rebelde. Ensinar-nos senhas e nos disseram que devíamos "procurar refúgio em casa de qualquer agricultor, caso a unidade tivesse de debandar". Uma vez que toda a região já estava organizada, os agricultores nos dariam abrigo. E podiam dizer isso porque tinham confiança nas massas. A ordem não era correr para as montanhas, caso a unidade se dispersasse, e sim "correr para as casas dos agricul-

tores". A base do NPA é a massa — o imenso mar que é o povo.

Os agricultores ajudam o NPA de toda forma possível, o que inclui não só o que é feito na base, tal como o suprimento de alimentos, informações, serviços de ligação, alojamento e reabastecimento para longos períodos de batalha, mas também sua participação na luta como parte da milícia.

Naturalmente, as bases empregam vários recursos engenhosos para não serem descobertas pelo inimigo. Uma das vilas, por exemplo, comporta-se de tal modo que passa como um reduto de seguidores de Marcos. E, assim, em pacatas cidadezinhas do interior, de aparência bastante comum, começa a surgir um novo estilo de vida para os camponeses.

#### "Avaliação" mútua

Na luta das Filipinas, ouve-se com muita frequência a palavra "avaliação". Dá-se grande importância a reuniões para "avaliação". No decorrer do meu seminário de acupuntura, havia reuniões de avaliação imediatamente após cada período de aulas. O método de avaliação incluía a análise das atitudes dos participantes durante as aulas, seu modo de vida (refeições, alojamento, limpeza), as várias relações entre os participantes, eu própria, o NPA e a aldeia, sendo que cada problema era apresentado sistematicamente.

Primeiro, os participantes avaliavam-se a si próprios, dizendo: "Fizemos barulho" ou "Alguém demonstrou medo das agulhas". Em seguida, eu os avaliava, dizendo que "todos tinham feito um bom aprendizado, embora o treinamento tivesse sido intenso, condensado num período de tempo muito pequeno. Ninguém deve usar uma agulha nos outros se tem medo de usá-la em si mesmo. Não se deve praticar acupuntura usando as massas como

cobaias para fins de experiência". Em seguida eles diziam, avaliando-me: "Seus ensinamentos foram bem administrados", "houve um problema de idioma" ou "você soube nos transmitir muito bem a técnica da acupuntura".

Desta forma, eles corrigem suas atitudes, relações mútuas e solidariedade através da crítica e da autocrítica. O que me impressionou foi que a avaliação era feita não somente com vistas ao aspecto político da acupuntura, mas também com vistas às atitudes, especialmente em relação à casa usada para as refeições e para o seminário. Acho que isso prova que a luta dos filipinos é travada em íntima relação com a vida diária de cada um.

Pouco antes de partir da base de guerrilheiros, vim a conhecer vários líderes do NPA. Durante a reunião, avaliamos o seminário de acupuntura e discutimos as particularidades da luta no Japão e nas Filipinas. Elogiaram minha participação na luta das Filipinas em termos mais generosos do que eu merecia.

Um deles disse: "Estamos travando uma luta armada. Precisamos de armas. Você não nos trouxe nenhuma pistola, mas trouxe uma arma chamada acupuntura. Da próxima vez — me disseram — fique mais tempo. Pode ficar aqui durante muitos meses".

#### Palavras e pessoas atuantes

Além da base do NPA, pude visitar ativistas sindicais, ativistas rurais e ativistas que operam nas favelas urbanas. As palavras que eles mais usavam eram "imperialismo", "análise de classe" e "revolução".

Aonde quer que eu fosse, as pessoas, logo que descobriam que eu era japonesa, brincavam comigo dizendo: "Eu sei falar japonês: Toyota, Nissan, Ajinomoto, Honda, Seiko..." E um dos militantes das favelas trans-

formou essas palavras numa canção.

De início, eu me sentia constrangida, sem saber se estavam zombando de mim. Mas, depois, ao notar a abundância de produtos japoneses nas cidades, compreendi que era muito natural que eles tivessem uma concepção do Japão à base daqueles produtos. E compreendi também que é diferente o significado da expressão "imperialismo japonês", quando utilizada pelo povo filipino, e quando usada ideologicamente no Japão. Aqui, a palavra imperialismo é uma palavra muito viva e atuante, resultante de sua experiência diária.

Um dos motivos pelos quais a análise de classe é tão vividamente convincente nas Filipinas é que a estrutura de classes aí reinante é altamente visível em toda a sociedade. Nas cidades, as áreas residenciais das classes altas e as favelas exibem um claro contraste, dois mundos completamente separados e opostos. Nas áreas rurais, os agricultores pobres que pagam um-terço de suas colheitas como aluguel da terra, sentem a estrutura em sua vida diária. Os militares apontam os fuzis contra o povo a fim de manterem sua supremacia e a estrutura reinante. Quem vive em tais situações, quando exposto à análise de classes, não pode deixar de reconhecer a posição em que se encontra em relação ao resto da estrutura.

Outra coisa que senti nitidamente nas Filipinas foi que o povo estava vivo. O espírito revolucionário do povo em luta exerceu sobre mim um efeito especialmente refrescante e emocionante. Eu sabia que havia uma revolução nas Filipinas, mas senti essa revolução sob um novo ângulo depois de entrar em contato direto com ela. Nas bases rurais, nas favelas e nas fábricas, cada esforço individual está vinculado ao esforço comum — um caldo de cultura para a revolução democrática nacional. ●

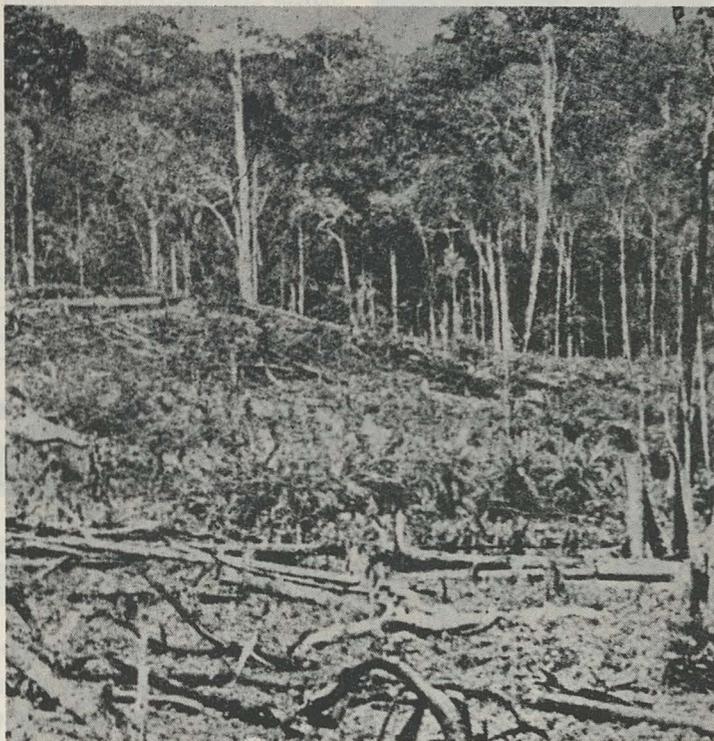
# Futuro sombrio para o Terceiro Mundo

Prevê-se que o fim da recessão no Norte não será forte o bastante para resolver a dramática situação dos países pobres

Os prognósticos divulgados há pouco pela Comissão das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (Unctad) revelam dados extremamente pessimistas para os países do Terceiro Mundo em geral. De acordo com um relatório publicado em setembro, os países subdesenvolvidos registraram um crescimento econômico de 0,5% em 82, baixando para 0,3% em 83. Essas cifras são inferiores ao crescimento demográfico do Terceiro Mundo, o que indica uma redução geral da renda per capita nos países da região. Para 84, é esperada uma recuperação de 4% no ritmo de crescimento econômico.

A recuperação parcial prevista para 84 é apenas uma estimativa, baseada em grande parte na esperança de que as economias dos Estados Unidos e da Europa consigam sair da recessão. Segundo a Unctad, a economia norte-americana crescerá 3% em 83 e 4,5% em 84. Quanto ao primeiro índice, é até possível que ele seja um pouco maior do que a previsão. Mas já os prognósticos para 1984 estão rodeados de dúvidas crescentes. Dentro dos Estados Unidos, há um grande debate sobre a solidez da recuperação econômica, que para alguns é apenas passageira.

A recuperação econômica dos países ricos tem importância



O Terceiro Mundo sentirá os efeitos da recuperação econômica dos países ricos

transcendental para o Terceiro Mundo porque ela irradiará os seus efeitos, uma vez que a aceleração do ritmo industrial nos EUA e na Europa fará com que aumentem as importações de matérias-primas. A reativação do comércio internacional aumentará as rendas dos países subdes-

envolvidos que, assim, poderão sair da dramática conjuntura econômica que vivem no momento.

Antes de beneficiar o Terceiro Mundo, a incerta recuperação econômica dos Estados Unidos vai beneficiar primeiro a Europa, que em 1983 deve ter um crescimento da ordem de 0,7%, pas-



O Japão é o único país que está escapando aos efeitos da recessão

sando a 1,7% em 1984. Essas projeções feitas por técnicos do Velho Mundo indicam que ao contrário de algumas visões mais otimistas, a reativação não deve ser tão acelerada a ponto de estimular as nações dependentes economicamente da Europa.

O único país que está conseguindo escapar incólume aos efeitos da recessão no mundo ocidental é o Japão, que manteve um ritmo de crescimento da ordem de 3% em 82, passando a 3,2% em 83 e deve atingir 3,5% no ano que vem. Essas cifras estão no entanto muito longe dos índices alcançados nos "tempos do milagre", entre 74 e 78, quando elas eram duas vezes maiores que as atuais.

Nesse contexto a desejável recuperação global, e em particular, a do Terceiro Mundo, deve ser vista com prudência. Segundo o secretariado da Unctad, as exportações do Terceiro Mundo expe-

rimentaram uma queda da ordem de 3,8% em 82, seguida de uma recuperação de 1,2% em 83 e existe a previsão de chegar a 4,6% em 84. Isso significa que, se as expectativas otimistas se concretizarem no ano que vem, o Terceiro Mundo estará exportando apenas 2% a mais do que em 1981, o que é insuficiente para cobrir as exigências do crescimento demográfico médio avaliado em torno dos 2,5%.

Essa situação se agrava com a deterioração dos índices de trocas comerciais no sentido Norte-Sul. Em 1982, houve uma queda de 3,6%, seguida de outra queda de 7% em 1983. Para o ano que vem, está prevista uma recuperação quase insignificante de 0,1%. Essa deterioração é provocada pela queda acentuada no valor dos produtos primários exportados pelos países subdesenvolvidos e pelo aumento dos custos dos artigos manufaturados da Europa e dos Estados Unidos. ●

# ASSINE

# CRÍTICA da

# Informação

Você gosta de cinema, tv, rádio, jornais e revistas? Ou você está insatisfeito com o que estes meios têm apresentado ao público? De uma forma ou de outra, é necessário conhecê-los melhor. Por dentro.

Como funcionam. Qual a lógica que está por trás de seu conteúdo. Uma das maneiras de obter este entendimento é ler Crítica da Informação.

Nome: .....  
 Endereço: .....  
 CEP.: ..... Cidade: ..... Estado: .....  
 Data: .../.../...  
 Assinatura: .....

CFA — Costa Filho Editores  
 Associados  
 R. Morgado Mateus, 579  
 04015 — São Paulo — SP  
 Fones: 549-5106/66-9384/  
 67-0098

*Estou enviando cheque nominal para Costa Filho Associados no valor de Cr\$ 3.600,00 para receber seis edições de Crítica da Informação a partir do nº*

## A crise africana em números

O Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial divulgado em setembro pelo FMI afirma que os países subdesenvolvidos com uma renda per capita de 410 dólares ou mais enfrentaram no ano que vem uma crise de liquidez ainda mais aguda do que a registrada em 1983, devido à constante elevação das taxas de juros e à queda das exportações de produtos primários. O relatório afirma que para os países com renda per capita inferior a 410 dólares, a situação se apresentará com características dramáticas, com a ocorrência de fome em massa e elevados índices de desemprego.

O documento de 214 páginas diz que apenas nove países africanos têm um Produto Nacional Bruto (PNB) per capita de mil dólares ou mais. Treze nações têm um PNB per capita inferior a 300 dólares enquanto o Chade, Etiópia, Guiné Equatorial, Guiné-Bissau e Mali ficam com menos de 200 dólares. Apenas quatro governos africanos registraram um crescimento econômico de 5% ou mais, e quase doze outros países do continente tiveram índices negativos de crescimento.

O país que mais cresceu foi o Botsuana com 7,9%, seguindo-se Lesoto, Gabão, Suazilân-

dia, Tunísia e Líbia. Os que menos cresceram foram Chade (-2,2%), Níger (-1,6%) e Gana (-1,1%). Existe apenas um país africano, o Chade, na lista dos cinco mais pobres do mundo (Bangladesh, Laos, Campuchea e Butão são os demais), onde a menor renda per capita foi de 80 dólares por ano. Para comparação, os cinco mais ricos do mundo são a Dinamarca (13.300 dólares per capita, por ano), Alemanha Ocidental (13.450 dólares), Noruega (14.600 dólares), Suécia (14.870 dólares) e Suíça (17.430 dólares). A renda per capita nos Estados Unidos foi de 12.820 dólares em 1983.

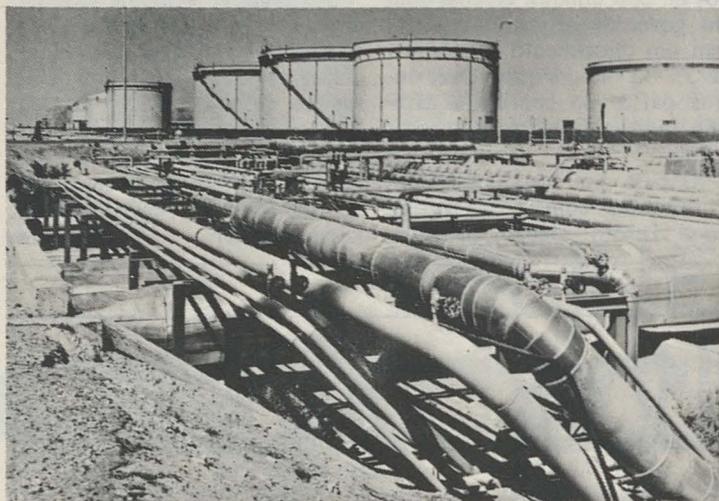
Ao analisar a dívida externa dos países africanos, o Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial revela que o Togo tem débitos no valor de 99,2% do seu PNB enquanto a Maurítânia deve 122%. Os países com menor relação dívida/PNB são Gana (4%), Uganda (5,2%) e Nigéria (6,5%). (Africa News)

### INDICADORES BÁSICOS DO FMI

País	População milhões	PNB per capita (US\$)	Crescimento médio anual	Taxa de alfabetização	Expectativa de vida (anos)	Inflação média 1970-81	País	População milhões	PNB per capita (US\$)	Crescimento médio anual	Taxa de alfabetização	Expectativa de vida (anos)	Inflação média 1970-81
Chade	4.5	110	-2.2	15	43	7.4	Sudão	19.2	380	-0.3	32	47	15.9
Etiópia	32.0	140	1.4	15	46	4.1	Togo	2.7	380	2.5	—	54	8.9
Guiné Equatorial	0.3	180	3.7	—	48	—	Gana	11.8	400	-1.1	—	54	36.4
Guiné-Bissau	0.8	190	—	28	37	7.2	Quênia	17.4	420	2.9	47	56	10.2
Mali	6.9	190	1.3	10	45	9.7	Senegal	5.9	430	-0.3	10	44	7.9
Malawi	6.2	200	2.7	25	44	10.3	Maurítânia	1.6	460	1.5	17	44	9.0
Zaire	29.8	210	-0.1	55	50	35.3	Djibuti	0.4	480	—	10	45	12.6
Uganda	13.0	220	-0.6	52	48	41.2	Libéria	1.9	520	1.2	25	54	8.9
Burundi	4.2	230	2.4	25	45	11.6	Lesoto	1.4	540	7.0	52	52	10.5
Alto Volta	6.3	240	1.1	5	44	9.5	Zâmbia	5.8	600	0.0	44	51	8.4
Ruanda	5.3	250	1.7	50	46	13.4	Egito	43.3	650	3.5	44	57	11.1
Somália	4.4	280	-0.2	60	39	12.6	Angola	7.8	—	—	—	42	—
Tanzânia	19.1	280	1.9	79	52	11.9	Suazilândia	0.6	760	5.5	65	54	11.5
Guiné	5.6	300	0.2	20	43	4.6	Marrocos	20.9	860	2.4	32	51	8.2
Benin	3.6	320	0.6	28	50	9.4	Nigéria	87.6	870	3.5	34	49	14.2
Comores	0.4	320	0.7	—	48	11.8	Zimbábue	7.2	870	1.0	69	55	10.1
Serra Leoa	2.4	320	0.4	15	47	12.2	Camarões	8.7	880	2.8	—	50	10.6
República Centro-Africana	2.4	320	0.4	33	43	12.6	Botsuana	0.9	1.010	7.9	35	57	11.6
Madagascar	9.0	330	-0.5	50	48	10.6	Congo	1.7	1.110	1.0	—	60	11.8
Níger	5.7	330	-1.6	10	45	12.2	Costa do Marfim	8.5	1.200	2.3	35	47	13.0
Cabo Verde	0.3	340	—	—	61	11.2	Maurício	0.9	1.270	2.1	85	65	15.0
Gâmbia	0.6	370	2.5	15	42	10.7	Tunísia	6.5	1.420	4.8	62	61	8.2
São Tomé e Príncipe	0.1	370	0.0	—	—	8.8	Seychelles	0.1	1.800	2.9	—	66	—
Moçambique	12.5	—	—	33	—	—	Argélia	19.6	2.140	3.2	35	56	13.4
							Gabão	0.6	3.740	6.3	—	48	19.5
							Líbia	3.1	8.450	4.7	—	57	17.3

# A armadilha do petróleo

Nos próximos 15 anos,  
os países pobres se verão  
forçados a consumir dez vezes  
menos combustível  
do que os ricos



**A** absurda diferença no consumo de energia entre países pobres e ricos se alargará ainda mais no futuro, mas a perspectiva mais grave se origina no fato de que ainda não se sabe como as nações do Terceiro Mundo poderão financiar as fontes substitutivas do petróleo quando esse recurso energético se esgotar.

Essa não é uma conclusão textual da 12ª Conferência Mundial de Energia realizada em Nova Déli entre 18 e 23 de setembro passado, e sim uma inferência de seus cálculos e previsões.

Segundo as estimativas do

Banco Mundial, o montante dos investimentos, que deveriam se efetuar nos próximos anos para satisfazer as necessidades de energia do Terceiro Mundo, se eleva a 130 bilhões de dólares. A maior parte da energia consumida pelas camadas mais desassistidas do planeta vem da lenha. A conseqüente pressão sobre os bosques faz com que as áreas florestais diminuam a um ritmo de 250 mil quilômetros quadrados por ano e não se tomam medidas para deter essa calamidade ecológica planetária. Se a atual tendência demográfica continuar durante 40 anos, a população

mundial se duplicará, atingindo entre oito e dez bilhões de indivíduos no ano de 2020. Mais da metade dessa população será composta por habitantes do Terceiro Mundo; no melhor dos casos, o consumo de energia dos países subdesenvolvidos será dez vezes inferior ao das nações industrializadas. Por sua vez, a participação do petróleo no consumo mundial de energia terá declinado de cerca dos 50%, atualmente, para 20% em 2020.

## A necessidade de alternativas

Temos, portanto, que a energia básica não-comercial, a lenha, irá se esgotando, e que o mesmo acontecerá com a fonte primária de energia atual, o petróleo. Esses declínios obrigarão ao desenvolvimento das fontes alternativas de energia como pré-requisito para que a civilização industrial moderna não desapareça ou retroceda. Mas, assim como é visível que as nações avançadas têm recursos para a corrida substitutiva, e já estão desenvolvendo fontes alternas, acontece o contrário com os países pobres.

O endividamento desses últimos cresceu 60% nos últimos três anos. Tomando como ponto de partida a presente perspectiva, no mínimo, esse grupo de nações não tem a menor possibilidade de financiar por seus próprios meios, nem mesmo a metade dos 130 bilhões de dólares indicados pelo Banco Mundial e, por outro lado, o montante da ajuda econômica internacional está em franco declínio.

Diante desse panorama desolador, o Congresso Mundial de Energia lançou um alarme formal: é imprescindível continuar os esforços para impulsionar as fontes de energia alternativas ao petróleo e os países desenvolvidos deveriam ajudar os mais pobres a encarar suas crescentes necessidades de energia. ●

# “A rua dos barracos negros”

Uma cineasta da Martinica ganha fama mundial contando a luta de uma avó para salvar o neto da miséria nessa colônia francesa

Julia Constenla

“Faço cinema para poder falar da minha gente. Meu mundo são 400 mil martinicanos de quem amo a afeição, o modo de ser, o otimismo, a capacidade de superar os golpes da vida com esperança irrenunciável. Amo sua luta, isso de não se darem por vencidos diante de algo que os antilhanos consideram apenas um momento negativo que acontece, mesmo quando este é definitivo.”

São palavras de Euzhan Palcy, martinicana, diretora do filme *La rue des cases nègres* (“A rua dos barracos negros”), premiado por unanimidade com o “Leão de Prata” no último Festival de Cinema de Veneza, como melhor filme de estreia. A atriz que interpreta o papel de “Avó”, Darling Legitimus, recebeu o prêmio de melhor interpretação feminina.

A película foi apresentada no penúltimo dia do encontro e recebeu uma imediata e cálida adesão do público. O júri decidiu por unanimidade e o público aplaudiu várias cenas durante a



Euzhan Palcy: “Faço cinema para poder falar da minha gente”

projeção. Monica Vitti, atriz encarregada de entregar alguns prêmios durante a sessão de encerramento, que foi transmitida pela Rádio e Televisão Italiana ao vivo em toda a Europa, pediu “a honra de entregar os bem-mercidos prêmios a duas mulheres excepcionais: Euzhan Palcy e Darling Legitimus”.

O presidente do corpo de jurados desse festival de cinema foi o diretor italiano Bernardo Bertolucci, entre cujas obras se

acham filmes tão importantes como “O último tango em Paris” e “1900”.

Quando foram conhecidos os resultados das deliberações dos jurados, se iniciou — como é quase inevitável em ocasiões semelhantes — uma série de polémicas sobre méritos e defeitos das películas em competição. Ninguém, no entanto, expressou opinião contrária ao prêmio que consagrava *La rue des cases nègres*.

Poucos dias depois de ter terminado o Festival, o próprio Bertolucci, já liberado do dever de manter secretas as votações no júri, admitiu que o “Leão de Ouro” concedido como melhor filme apresentado em Veneza à película francesa dirigida por Jean-Luc Godard, “Nome: Carmen”, indicava apenas um reconhecimento amistoso à contribuição “histórica de Godard, premiando-se nesse caso a nostalgia, o medo e a esperança”.

Falando sobre o “Leão de Prata” para o filme antilhano, Bertolucci disse: “Todos ficamos logo de acordo. É o grande filme desse festival. Eu, que nunca chorei no cinema, não pude conter as lágrimas em mais de uma oportunidade. Acho que Euzhan Palcy é a única, grande e verdadeira revelação desse encontro”.

## Renoir e Rossellini juntos

Segundo Bertolucci, a jovem diretora é “uma verdadeira professora de cinema, com a capacidade de Jean Renoir de amar todos os personagens, os bons e os maus. Por outro lado, ela pode achar — como só Rossellini fazia — a distância exata de localizar a câmara, esse lugar misterioso, quase mágico, que não se encontra nem muito longe nem muito perto”.

Euzhan Palcy, aos 28 anos de idade, se vê lançada a essas alturas estelares com sua primeira película. Sua surpresa pelo momento deixa-a bloqueada. "Esse prêmio me dá muito medo. Preciso parar para refletir. Quero me dar um pouco de tempo antes de começar o próximo trabalho".

Essa jovem de pele dourada e tranças negras enroladas sobre as orelhas, que se veste com elegância cuidada e não abusa das aplicações folclorísticas, nasceu de uma família bem modesta: "Tenho seis irmãos e irmãs, uma mãe sempre ocupadíssima nas duras tarefas domésticas e um pai que trabalhando de sol a sol não conseguia ganhar o necessário".

Afirma que "consegui me colocar atrás da câmara depois de ter visto todos os filmes que pude. Gostei tanto de Fritz Lang como de Luchino Visconti, Hitchcock e Bergman, assim como Truffaut. Acho, como dizia Ziga Vertov, que os filmes nascem dos filmes, não se originam por geração espontânea. Faz falta

uma grande familiaridade com a tela como espectadora para iniciar a aventura do cinema como diretora".

Aos 19 anos realizou um primeiro filme curto para a televisão da Martinica. Depois viajou para a França convencida de que "a técnica é indispensável e deve ser aprendida passo a passo". Em Paris, estudou na Sorbonne e trabalhou como assistente de direção preparando-se para dar o salto e tentar a aventura do cinema em primeira pessoa, com responsabilidade e coragem.

"Preciso fazer cinema para falar com a minha gente e ajudar meu país que ainda é paupérrimo, atravessa uma grave crise e tem atualmente um alto índice de desemprego devido à mecanização das tarefas de corte da cana-de-açúcar."

A película, na qual reflete o mundo dos pobres da Martinica, explorados, condenados a viver na marginalidade, carentes de todo tipo de serviço, em favelas terríveis e solidárias, é a adaptação da obra de um escritor antilhano, "Joseph Zobel, um com-

patriota cuja obra esteve proibida durante 20 anos e que agora, no entanto, apaixona principalmente os jovens que não podiam conhecê-lo antes".

O filme de Palcy, que já foi apresentado nas salas de projeção da Martinica, teve um grande sucesso de público: "Acho que os martinicanos estão felizes por terem levado para o cinema a obra de Zobel", diz ela, com uma ponta de modéstia.

A estória que é contada em *La rue des cases nègres* segue dois fios paralelos: a relação entre uma anciã negra, muito bem interpretada por Darling Legitimus, com seu neto, uma criança que ela quer tirar da miséria em que sempre viveu. E a agressão que os moradores de uma "rua de barracos negros" sofrem, nesse conglomerado de habitações precárias sempre em perigo de serem despejados, e cujos habitantes trabalham sob as ordens de patrões injustos. O tratamento desse assunto profundo e simples também foi realizado com meios adequados, sem alardes técnicos porém sem titubeios.

## PRÓXIMA MOSTRA DEDICADA AO TERCEIRO MUNDO

O diretor do Festival de Veneza, Gian Luigi Rondi, três dias depois de encerrada a 40ª Mostra de Cinema em setembro passado, informou que no próximo ano esse evento será dedicado ao cinema do Terceiro Mundo, acrescentando que em 1984 se privilegiará a presença do cine terceiro-mundista entre as obras que concorrem ao "Leão de Ouro" do Festival.

Na mostra passada, o cinema do Terceiro Mundo esteve praticamente ausente. Porém, como já vimos na matéria em pauta, o prêmio para a melhor obra de estreante foi concedido a Euzhan Palcy, com "A rua dos barracos negros".

Também para a próxima mostra, a seção "Veneza-Gente" — que existia até 1971 — será restabelecida, incluindo em 1984 exclusivamente filmes produzidos por países do Terceiro Mundo e realizados por diretores desses países.

Este ano, só a Argélia esteve representada com filmes de produção própria, enquanto outros realizadores da América Latina e do Vietnã chegaram a Veneza com trabalhos produzidos na França.

Além disso, os dois filmes mais explicitamente políticos do festival tiveram como objeto assuntos ligados à realidade de regiões terceiro-mundistas.

Um deles, o filme do diretor franco-grego Constantin Costa-Gavras, "Hanna K." (ver cadernos, nº 59) analisa a questão palestina através dos problemas existenciais de uma advogada judia em busca de sua identidade.

O segundo, *Under Fire* ("Sob fogo"), produzido pelos Estados Unidos, dirigido pelo inglês Roger Spottiswoode e tendo como atores principais Gene Hackman e Jean Louis Trintignant, enfoca a revolução sandinista na Nicarágua e toma claramente o partido dos sandinistas, mostrando uma imagem da Nicarágua muito diferente daquela que é apresentada oficialmente em Washington.

## “Recupero o respeito pelo cinema”

Sobre o filme disse Bertolucci: “Conheci e amei um mundo que eu ignorava existir. Fiquei comovido até as lágrimas pela capacidade de pessoas maravilhosas manterem viva a alegria em meio a uma realidade de tristeza esmagadora. Graças a esse filme, recuperei um certo respeito pelo cinema. Talvez sirva para alguma coisa fazer filmes como esse. Para mim, pessoalmente, me devolve a vontade de trabalhar atrás de uma câmara, um lugar belo e terrível”.

O prêmio a Darling Legitimus como melhor atriz protagonista também foi concedido por unanimidade. O presidente do júri informou que no seio da comissão já se havia acertado premiar uma interpretação feminina que não colocasse em evidência algumas características frequentes: “Procuramos uma atriz que não abusasse dos histerismos, dos tremores apaixonados, dos excessos que costumam ser a tontação de algumas divas”.

O impecável trabalho de Darling Legitimus enquadra-se perfeitamente nesses requisitos. A atriz é uma intérprete conhecida em seu país e que passa muito tempo na França. Bertolucci, que não a reconheceu no filme, quando a viu pessoalmente descobriu que tinham trabalhado juntos: “É a porteira do ‘Último tango’”, disse surpreso ao encontrá-la no *hall* do hotel veneziano onde ambos estavam hospedados.

### Terceiro Mundo: pouco, porém o melhor

Nesse Festival de Veneza, que — como dizíamos — foi dedicado às “obras de autor”, indicando com essa proposta a vontade de mostrar produtos de certas pretensões estéticas que as duras lógicas do mercado não aceitam

1983 — novembro — no. 60



Por unanimidade, Darling Legitimus recebeu o prêmio de melhor atriz pela sua interpretação no filme de Palcy. Na foto, ela aparece acompanhada de seu jovem parceiro, Garry Cadenat

sem críticas, houve um critério discutível ao não incluir praticamente nenhuma produção originada no Terceiro Mundo.

Os franceses, grandes favorecidos na distribuição de prêmios, ofereceram algumas produções filmadas na Argentina e esse filme antilhano. Porém, nesse último encontro veneziano, o cinema do Terceiro Mundo — com seus protagonistas, suas propostas, seus esquemas, seus autores — esteve ausente ou quase isso.

Quando na noite de gala em que eram concedidos os prêmios em meio à repetida liturgia de encontros semelhantes, com os mesmos brocados e ouropéis, os mesmos apelos exagerados, o perpétuo adjetivo de “excepcional” ou “extraordinário” para apontar obras ou pessoas, quando nesse tráfico quase insultante de lantejoulas e “eventuais” caríssimos, primeiro apareceu Palcy

no palco, severa e elegante no seu *tailleur*, tímida e no entanto segura; depois apareceu Legitimus um pouco curvada sob o peso de sua cabeça coberta por um adorno antilhano trabalhado, apoiada no braço franzino de seu neto no filme; quando os três juntos, sorriram com simpatia, imediatamente a sala e seus absurdos foi invadida por um sentimento até então ausente, um sentimento que só nasce diante de algo, que se sente, se percebe como legítimo e com futuro.

Eles foram os protagonistas da “grande noite”, quase sem falar. Passaram silenciosos pelo palco, ovacionados, “descobertos”, distantes e seguros. O aplauso que os seguiu afetuoso e incontável, assinalava que também nessa cidade mercantil, o Terceiro Mundo esquecido podia encontrar uma fresta para se fazer presente: houve pouco, mas foi o melhor. ●

terceiro mundo · 79

# Muralistas descem às minas de carvão

*A experiência da criação coletiva impulsionada por dois artistas autodidatas*

*Etevaldo Hipólito*

No período colonial, a Companhia Carbonífera de Moçambique (Carbomoc) era uma empresa constituída por capitais sul-africanos e portugueses e as condições de vida nela imperantes constituíam uma consequência direta do sistema de exploração instalado em todo o país. E também o seu retrato menos camuflado. De acordo com João Zarama André, enviado pelos seus companheiros para participar do 4º Congresso do Partido Frelimo como delegado, "o mineiro moçambicano era uma peça de uma máquina que devia funcionar intensivamente, sem raciocinar; era considerado massa bruta e nem sequer lhe era permitido conhecer as condições de perigo que o seu trabalho envolvia e que podiam lhe custar a vida".

Com a conquista da independência, os seus proprietários iniciam uma série de grandes e pequenas sabotagens, que chegaram a custar a vida de alguns trabalhadores. O agonizante regime racista de Ian Smith na então colônia britânica da Rodésia lan-

çou alguns ataques contra a região onde a empresa se encontra implantada. Pouco depois, a África do Sul tenta sabotar o complexo mineiro por meio de bandos armados. A sua organização, financiamento e treinamento têm como fim específico a desestabilização econômica e política de Moçambique, algo semelhante ao que é feito contra a Nicarágua através do que restou das tropas somozistas. Esse plano deveria, pois, ter como um

dos seus alvos as instalações da Carbomoc.

Essas pressões não impediram que profundas e importantes modificações fossem introduzidas na empresa. Como expressão dos novos tempos, quem chega ao seu centro social depara com um grande mural no qual se encontram registrados aspectos do dia-a-dia dos trabalhadores e das suas famílias. Tocadores de instrumentos tradicionais, executantes de música moderna, cursos de alfabetização de adultos, crianças indo para a escola e a mobilização política são alguns dos temas nele tratados, com-



O pintor Mankew Valente diante do mural oferecido aos mineiros de Moatize

pondo um painel em que a solidariedade e o apoio mútuo têm um lugar de destaque.

## Os autores

Mankew Valente Mahumana e Harald Heinke são dois artistas de diferentes origens e experiências de vida que se uniram em torno de um projeto com murais. Nesse campo este é o primeiro passo dado no sentido de chamar a atenção para a impor-

tância social da arte, num país em que a batalha pela implantação de uma nova maneira de conceber o mundo tem que estar presente nos mais diferentes setores. O primeiro é um pintor moçambicano, *ex-magaiza*<sup>1</sup> nas minas de ouro da África do Sul, perseverante no propósito de conseguir o domínio sobre pincéis e tintas. Também autodidata, Harald Heinke é alemão e representa em Moçambique a Liga para a Amizade com os Povos. Suas horas vagas são consagradas à realização de uma obra que já soma centenas de desenhos e quadros sobre Moçambique e o seu povo.

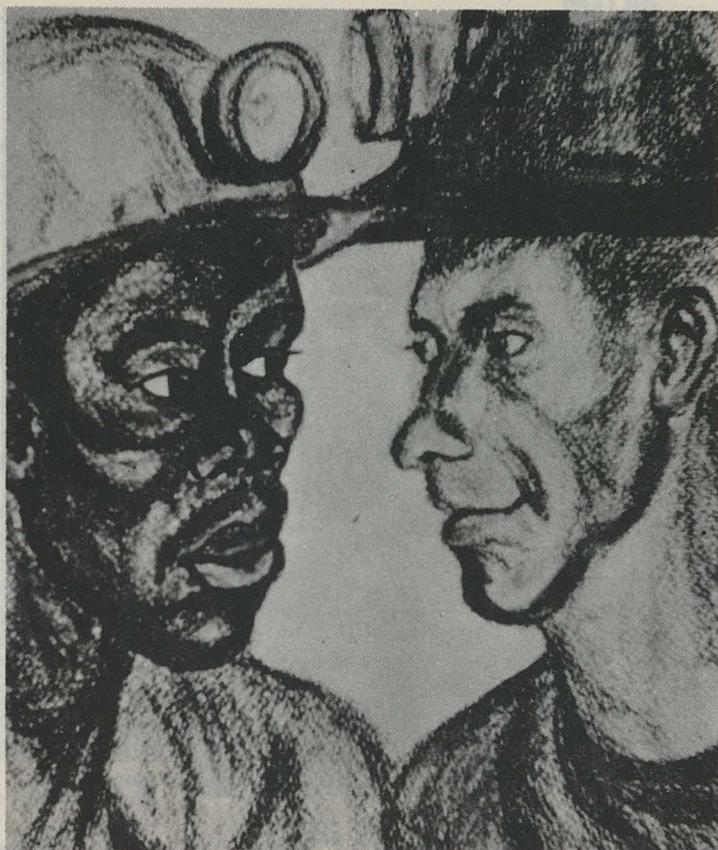
### Caçador de passarinhos

“No princípio — gostam de ressaltar — não entendiam o que fazíamos, com blocos de papel e lápis nas mãos, alguns quilômetros lá debaixo da terra”.

Depois, a curiosidade evoluiu para debates sobre a transformação de companheiros de trabalho em figuras multicoloridas, a deformação propositada de punhos e os ângulos de enquadramento de algumas cenas. Os cozinheiros, os chefes, o pessoal do setor administrativo ou os cooperantes estrangeiros, todos enfim, tinham alguma palavra a dizer a respeito da obra à medida que ela ia assumindo um contorno definido. Essas discussões marcaram de uma certa maneira a realização do mural, permitindo que a concepção original dos seus autores conseguisse ser expressa através de uma linguagem mais comunicativa.

A idéia surgiu quando decidiram pintar alguns quadros tendo como ponto de partida a cooperação existente entre os

<sup>1</sup> *Magaiza*: forma como são correntemente conhecidos os trabalhadores que em geral vão de Moçambique e outros países da África Austral para as minas de ouro da África do Sul.



Um estudo de Heinke para o seu mural: mineiros brancos e negros trabalhando juntos

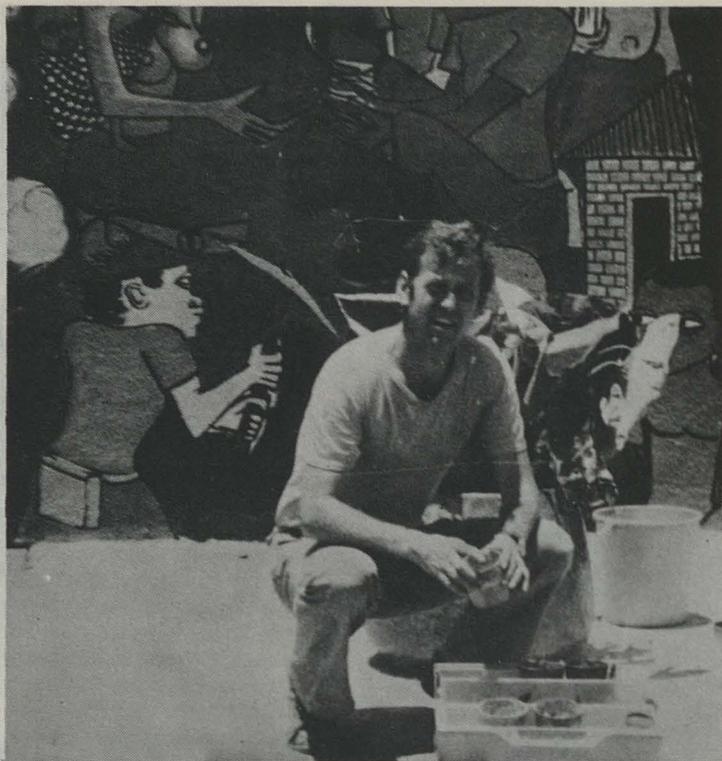
povos da República Democrática Alemã e de Moçambique. Cada pintor preservaria o seu estilo próprio e poderia se chegar a uma obra coletiva. A decisão de conviver com os mineiros para conhecer mais de perto o seu modo de vida e trabalho veio a aprofundar o enfoque a ser dado e, em consequência, melhorar o resultado final.

Mankew começou a desenhar muito cedo, “no chão e nas paredes”. Mesmo na África do Sul conseguiu encontrar tempo e improvisar material para pintar. Em 1959, regressou a Moçambique e experimentou desenhar com tinta nanquim. Sempre autodidata, seis anos depois concluiu o que considera a sua primeira obra, depois de muito errar e raspar os originais. A falta de recursos

obrigou-o a voltar para Marracuene, sua região natal, em 1965, dando os primeiros passos na escultura. Madeira para esculpir era fácil de ser encontrada, a floresta estava ali mesmo; o problema era manter a família e conseguir o mínimo necessário para as pinturas.

Ao contrário do que acontecia com a pintura, o caminho da escultura foi relativamente mais fácil e lucrativo. Mankew não só aprendeu novas técnicas como ainda passou a ensinar a outras pessoas. Para conseguir mais dinheiro, dedicou-se a caçar *xiricos*<sup>2</sup> vendendo-os aos “chinas” chegados em barcos ingleses. Esses marinheiros, por sua vez, re-

<sup>2</sup> *Xirico*: pássaro de pequeno porte muito popular em Moçambique.



Harald Heinke: horas vagas destinadas ao muralismo, em Moçambique

vendiam partidas de maís de 200 passarinhos em outros portos. Quando não chegavam os navios, os compradores eram os comerciantes chineses estabelecidos na então Lourenço Marques, que pagavam uma ninharia. Com o que ele consegue apurar com a venda de esculturas, compra a sua primeira tela.

Como autodidata, ele é muito exigente consigo mesmo. Uma parte apreciável desse trabalho com os pincéis foi voluntariamente destruída por não conseguir materializar com as mãos tudo que lhe passava pela mente. O caminho foi árduo e Mankew considera que os avanços mais significativos foram dados quando resolveu regressar à sua terra de origem. Ali entremeia a escultura tradicional com obras marcadas com a história do seu povo, abrindo assim caminho para o que viria a ser posto na tela, depois de percorrer um longo iti-

nerário.

Harald Heinke trabalha em Moçambique como representante da Liga da República Democrática Alemã para a Amizade com os Povos. Serviu anteriormente na Argélia e na Tanzânia e nesses países também encontrou tempo para dedicar-se à pintura. As exposições das suas obras têm por iniciativa própria se transformado em momentos de debates em torno da função social da arte, do papel dos artistas ou de técnicas mais adequadas para determinados trabalhos.

#### Mineiros iluminam

Mankew e Harald desceram vários quilômetros até o interior de algumas partes das minas para realizarem os esboços do mural. A luz necessária nas galerias era conseguida com o apoio dos mineiros, reunidos em torno dos pintores e concentrando os focos

dos seus capacetes sobre os primeiros rascunhos. Posteriormente, enquanto o primeiro se encarregava de determinar as áreas a serem utilizadas e o que nelas seria lançado, o segundo recorria a alguns trabalhadores para modelar personagens.

“Nós consideramos esse trabalho como muito importante, uma vez que ele foi concebido e realizado onde se desenvolve a classe operária moçambicana”, ressalta Harald Heinke. Sempre mencionando a receptividade encontrada, diz que, feita com máquinas ou não, a tarefa dos mineiros é muito dura. O objetivo do mural não era mostrar a tecnologia ou a maquinaria empregada e muito menos apresentar algo mistificadamente paradisíaco. Pelo contrário, tratava-se de abordar, dentro de uma certa linguagem artística, os passos dados nessa área em favor da construção do socialismo. Os mineiros são também o motor das transformações que a sociedade impõe, devendo pois figurar como tema central de toda a obra.

Para o pintor moçambicano, a realização do mural entregue aos trabalhadores do complexo mineiro constitui também uma marca de distinção entre o seu país de agora e aquele existente sob o domínio colonial. Com a proclamação da independência, os artistas puderam armar-se para vencer os problemas criados com o isolamento. Antes, as reuniões eram simplesmente impossíveis. Cada um lutava sozinho e o sistema controlava o tipo de obra e o nome do autor que podia aparecer ou não. Hoje, a situação é exatamente inversa, existindo um grande esforço de mobilização entre os novos e os antigos, sejam eles artesãos, escultores ou pintores. Outra grande conquista foi a possibilidade de através da arte demonstrar que a cultura e a língua, ainda que diferentes, não constituem barreira entre os povos. ●

## Cultura transnacional

Pela primeira vez na América Latina, surge um organismo que pretende colocar como tarefa básica e específica o estudo da transnacionalização da cultura no continente. É o Centro de Estudos sobre Cultura Transnacional, surgido a partir da ampliação dos estudos e pesquisas desenvolvidos pelo Instituto Latino-Americano de Estudos Transnacionais (Ilet).

O Centro de Estudos de Cultura Transnacional forma, junto com centros específicos voltados para a economia e política transnacionais, o tripé fundamental do Instituto para América Latina (Ipal). Essas quatro organizações citadas se propõem a coordenar os esforços de todos os pesquisadores e acadêmicos latino-americanos no campo da pesquisa sobre as formas e consequências do fenômeno da transnacionalização.

No que se refere à cultura, o Centro dividiu as suas atividades entre a parte cultural propriamente dita e a parte de comunicação. No primeiro item, serão realizadas pesquisas para aprofundar o conhecimento a respeito dos efeitos e a dinâmica causados sobre as culturas populares do continente pela penetração de formas culturais ligadas ao sistema econômico hegemônico no mundo capitalista. Na comunicação, haverá uma diferenciação entre a parte teórica, a tecnologia, rádio e televisão, e publicidade.

Em 1984, o Centro, criado no começo deste ano, pretende realizar um seminário sobre comunicação popular e outro sobre políticas democráticas de cultura e comunicação. O Centro está organizando uma biblioteca na sua sede em Lima, Peru, e pretende editar também livros e um boletim periódico, além de dossiês especializados. O diretor do Centro de Estudos de Cultura Transnacional é o pesquisador Rafael Roncagliolo e o seu endereço é: Av. Petit Thouars, 3125 Of. 802 — Apartado Postal 270031 — Lima 27 — Peru.

## O teatro ajuda a plantar

Dois moradores de favela no Rio de Janeiro decidiram usar o teatro para tentar ajudar seus vizinhos a cultivarem hortaliças em terrenos vagos. Nilton da Silva e Ubirajara Silva, escreveram a peça "Fome, o maior flagelo do mundo" para despertar o debate entre os moradores de favelas sobre as formas de buscar uma alimentação mais barata numa época de crise e desemprego.

Além da peça, os dois escreveram uma cartilha sobre normas básicas de horticultura e árvores frutíferas. As idéias de Nilton e Ubirajara foram transformadas num projeto de lei em discussão na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro criando facilidades para o cultivo de vegetais em terrenos vagos ou em quintais.

## cultura

### BOLÍVIA: a partir do próximo ano será obrigatório o ensino de línguas nativas

O ministério da Educação da Bolívia emitiu uma resolução que torna matéria obrigatória, dentro do sistema educacional, a aprendizagem do *aymara*, o *quíchua* e outras línguas nativas.

Colin Jones



"O caminho mais apropriado para o ressurgimento das culturas nativas é a aprendizagem e difusão de seus idiomas", destaca a resolução ministerial. A população camponesa do Altiplano fala *aymara*, enquanto o idioma nativo da área dos vales é o *quíchua*. Também se falam vários dialetos derivados do guarani.

O ministério estabeleceu a criação, de imediato, de uma comissão que iniciará os estudos para a inclusão das línguas nativas nos programas escolares, iniciando, ao mesmo tempo, a formação de professores especializados.

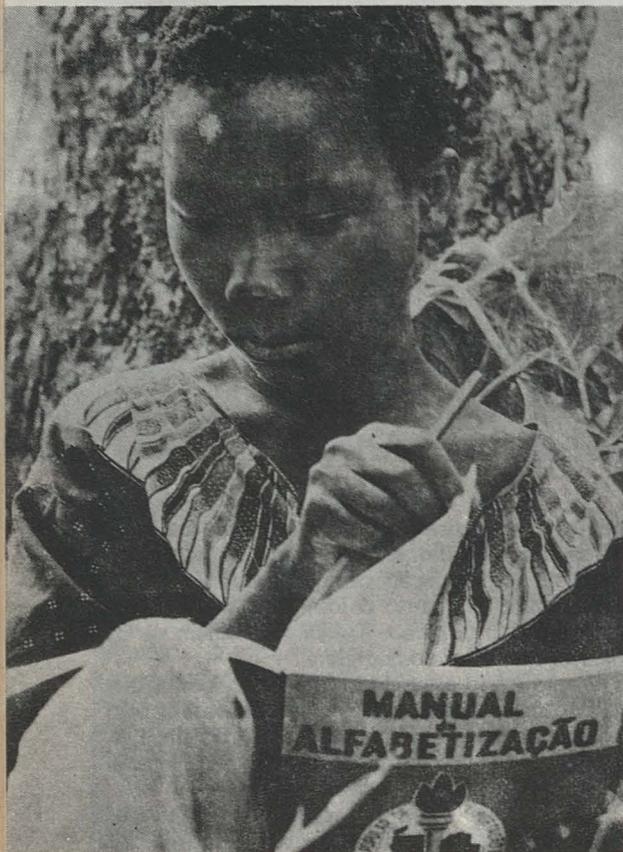
"A Bolívia — diz a resolução — é um país onde coexistem diferentes culturas nativas que têm sido desprezadas pela imposição de formas culturais ocidentais, provocando um processo de crescente alienação do povo.

"O sistema educacional atual responde a estruturas do sistema dependente que impõem o aprendizado de idiomas estrangeiros, menosprezando os nativos."

Finalmente, ressalta que "o governo, com decisão irrevogável, se impôs a tarefa de responder às aspirações populares, das quais a revalorização da sua própria cultura é uma das mais importantes".

**Unesco: analisada a alarmante situação do analfabetismo**

A alarmante situação de analfabetismo no mundo foi analisada na "Jornada Internacional da Alfabetização", realizada na sede da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco).



"África-Asie"

O informe preparatório da reunião assinala que 824 milhões de pessoas de mais de 15 anos de idade em todo o mundo são analfabetas, e que o problema atinge tanto os países em desenvolvimento como os industrializados.

A projeção realizada pela Unesco mostra que no início do próximo século haverá mais de 900 milhões de analfabetos e embora a porcentagem global tenha diminuído — de 32,9 em 1970 para 28,6% em 1980 — em números absolutos essa taxa aumentou paralelamente ao crescimento de-

mográfico. Outra previsão alarmante indica que nos próximos anos 114 milhões de crianças em idade escolar não poderão frequentar uma escola e passarão a engrossar o número global de analfabetos adultos.

Mais de 40% da população total do Terceiro Mundo pode ser considerada analfabeta, assinalam as estatísticas. Esse índice chega a 73%, se considerarmos só os chamados países menos avançados (PMA).

A África é o continente mais afetado por esse drama: 16 dos 26 países do mundo que têm mais de 70% de analfabetos se encontram em seu território. Em números redondos, o continente africano tem 156 milhões de analfabetos, o que representa 60% de sua população adulta.

Quanto aos outros continentes, o documento oficial da Unesco indica que aproximadamente 75% dos analfabetos do mundo se encontram na Ásia, atingindo 604 milhões de pessoas em 1980, enquanto que na América Latina o índice é de 44 milhões, representando 20% de sua população adulta.

O estudo assinala também que os jovens representam 60% do total de analfabetos e que 50% da população feminina do Terceiro Mundo, em média, é analfabeta. Os graus de analfabetismo variam também entre o campo, a cidade e os subúrbios das grandes cidades.

Nos países industrializados, a situação começa a inquietar as autoridades. Em 1982, calculava-se que o número de analfabetos nos países industrializados da Europa — com exceção da União Soviética —, mais Estados Unidos, Canadá, Japão, África do Sul, Israel e Nova Zelândia estava em 22,5 milhões de pessoas.

**"A dança móvel" de Scorza**

O escritor peruano Manuel Scorza acaba de lançar na França a tradução de seu último livro, o romance "A dança móvel", classificado pelo próprio autor como um livro "erótico-humorista" sobre uma história de amor imaginária entre um escritor e uma mulher. Esta é a primeira obra de Scorza que tem como cenário um país diferente do Peru, sua terra natal.

"A dança móvel" se passa num restaurante em Paris e Scorza afirmou que mesmo não tendo sido ambientado no Peru, o romance é uma obra política. "Todos os meus livros são políticos — diz o escritor peruano — porque toda literatura é de alguma forma política, pelo que ela mostra ou pelo que ela não mostra". Todos os cinco livros anteriores de Manuel Scorza, que lhe valeram fama mundial como escritor, têm como tema a luta entre conquistadores e conquistados no Peru.

## comunicação

### O jornal do peronismo

Setenta anos depois de sua fundação, reaparece na imprensa argentina o jornal *La Epoca*, que desde 1945 esteve associado ao movimento peronista. *La Epoca* fechou pela primeira vez em 1930. Quando Juan Domingo Perón foi derrubado em 1955, o jornal foi novamente proibido pelos militares.

Agora, quando o peronismo se prepara para concorrer a mais uma eleição presidencial, o *La Epoca* ressurgiu como porta-voz do movimento, usando como *slogan* a frase *La única verdad es la realidad*, uma das frases de efeito mais usadas por Perón. No seu primeiro número, o jornal publicou uma entrevista com o candidato peronista Italo Luder, que declarou já se considerar presidente eleito com 55% dos votos.

### Unesco desafia os EUA

A Unesco vai financiar por conta própria um programa de treinamento de jornalistas latino-americanos com o objetivo de esclarecê-los sobre os efeitos da dominação dos interesses transnacionais no terreno da comunicação. O projeto que beneficiará profissionais de 18 países do continente terá também como um dos temas básicos a discussão da Nova Ordem Informativa Internacional (Noii).

O programa de treinamento, com um custo aproximado de 100 mil dólares, foi vetado pelo governo dos Estados Unidos quando ele foi discutido na quarta reunião plenária do Programa Internacional de Desenvolvimento da Comunicação (PIDC), na cidade soviética de Tashkent. Apesar do veto, a Unesco decidiu liberar a verba por pressão dos países membros do Grupo dos 77, que reúne os países subdesenvolvidos membros da Unctad (Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento).

### Alasei começa a funcionar

Começará a funcionar no início do ano que vem a Agência Latino-Americana de Serviços Especiais de Informação (Alasei) cuja inauguração formal ocorreu em outubro em Caracas, depois de preparativos que duraram quase três anos. A agência é a mais recente tentativa de criar um sistema informativo voltado para as necessidades regionais e sem vinculação com as grandes agências noticiosas transnacionais.

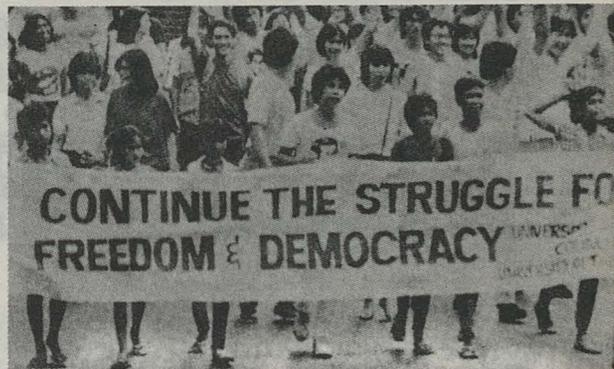
Em janeiro deve ser realizado em Caracas um seminário para discutir as perspectivas de mercado para o material que pretende distribuir. O ser-

viço da Alasei será composto basicamente por artigos, reportagens, documentos e comentários sobre questões políticas, econômicas, culturais e tecnológicas de interesse da América Latina. A sede central da agência está localizada no México.

O seminário de Caracas terá o apoio da Unesco e a participação da Federação Latino-Americana de Jornalistas (Felap), da Associação Latino-Americana de Investigação sobre Comunicação e da Federação Latino-Americana de Faculdades de Comunicação.

### FILIPINAS: a rebelião da imprensa

Os quase 200 jornais provinciais das Filipinas estão virtualmente em pé de guerra contra o regime do presidente Ferdinando Marcos, desde o assassinato do líder oposicionista Benigno Aquino. A imprensa comunal manteve nos últimos anos uma atitude de crítica ao governo central, mas sempre evitou ataques mais diretos temendo represálias.



Os jornalistas do interior das Filipinas têm experiências trágicas na defesa de uma imprensa independente. Pelo menos três diretores de publicações regionais foram assassinados nos últimos dois anos. O próprio Aquino foi jornalista antes de se tornar mundialmente conhecido como o líder da oposição moderada ao governo de Marcos. Entre os semanários provinciais que passaram a hostilizar abertamente o presidente filipino, se encontram o *Balalong*, editado em Luzon do Sul; o *Kalibo Courier*, de Visayas Ocidental; o *Courier* de Dagupan e o *Islam Observer*, de Mindoro.

Todos esses jornais garantem que continuarão, "pelo tempo que for preciso", a campanha para exigir que o governo esclareça definitivamente o assassinato de Benigno Aquino, morto no dia 22 de agosto. Em Manila, a grande imprensa já não se ocupa mais do assunto, cedendo às pressões oficiais.

# O CHEQUE ESPECIAL BANESPA FICOU MELHOR AINDA.

O Cheque Especial Banespa sempre teve o prestígio que você exige de um cheque.

A aceitação total.

A facilidade para sacar em qualquer agência. E a confiança de quem emite e de quem recebe.

Mas agora ele mudou.

Ficou melhor ainda, oferecendo mais vantagens para você.

Conheça o novo cheque Especial Banespa em qualquer uma de nossas agências.

Ele está do jeito que você queria.

## CHEQUE ESPECIAL BANESPA.



### TODOS CONFIAM.

Com o novo Cheque Especial Banespa é mais fácil e mais seguro. Não precisa mais ir ao banco para emitir e receber o cheque. É a confiança que o banco tem em seus clientes para emitir o Cheque Especial. Por isso, com o novo Cheque Especial Banespa para receber em qualquer agência, você não precisa mais ir ao banco para sacar o dinheiro.

**banespa**

**banespa**

Agora, total apoio à comunidade

Uma das mais duras e sagazes  
advertências aos povos do mundo  
- principalmente para os israelenses -  
a fim de se evitarem novos holocaustos

*Israel Shahak*

## Israel e o nazismo

**E**stará o Estado israelense caminhando para uma identificação com o nazismo hitlerista? Essa pergunta é respondida afirmativamente por um sobrevivente do campo de concentração de Bergen-Belsen e atual professor de química na Universidade Hebraica de Jerusalém, além de presidente da Liga Israelense de Direitos Humanos. Este polêmico documento foi publicado originalmente na revista norte-americana *Freedomways*, em setembro deste ano.

Desde a primavera de 1968, venho me convencendo de que a sociedade judaica de Israel, bem como outras sociedades judaicas da diáspora, estão passando por um processo de nazificação. O que pretendo dizer com isso é algo muito simples: que no próprio Estado de Israel, certas tendências de caráter nazista vêm se fortalecendo e que muitos judeus da diáspora, especialmente nos Estados Unidos, tendem ainda mais nessa direção do que os próprios israelenses.

Os acontecimentos do ano passado corroboram fortemente essa opinião — opinião essa que já hoje é expressa em Israel por uma significativa minoria. E o fato de que, nos Estados Unidos, essa opinião não pode ser expressa, nem mesmo como assunto para discussão, é sinal da nazificação ainda maior de certos sionistas norte-americanos e de sua influência sobre a mídia daquele país. Assim, este artigo se destina a quebrar o silêncio que envolve esta questão nos Estados Unidos, na esperança de que a sua publicação possa ajudar a deter o processo de nazificação, que é um perigo para a humanidade como um todo, inclusive para os próprios judeus. Convém que se diga aos nazistas judeus de Israel — que abertamente se pro-



“O Estado judeu está caminhando para o nazismo”

põem a imitar Hitler exterminando milhões de árabes, conquistando todo o Oriente Médio (inclusive o Iraque, o Egito e a Turquia) ou até mesmo o mundo inteiro — que os nazistas não somente perderam a guerra, mas, além de assassinar pelo menos 20 milhões de seres humanos, entre os quais seis milhões de judeus, causaram também a morte de milhões de alemães e o sofrimento de muitos outros milhões. De fato, a destruição que provocaram na Alemanha não foi menor, no final da guerra, do que a destruição que eles haviam levado a outros países. Caso o nazismo assuma o poder total em Israel, suas consequências poderão ser bem parecidas. Hoje, constitui lugar-comum dizer-se que a

maioria dos horrores provocados por Hitler poderia ter sido evitada, caso as intenções e práticas iniciais dos nazistas tivessem sido identificadas a tempo. O mesmo se aplica ao nazismo israelense, que pode ser detido se a sua verdadeira natureza for identificada sem mais delongas.

*...É comum dizer que os horrores do nazismo poderiam ser evitados se tivessem sido denunciados a tempo. O mesmo se aplica agora ao nazismo israelense...*

Esse argumento, que já apresentei de viva voz em muitas ocasiões, especialmente em Israel, poderia levar os meus leitores a assinalarem: "Israel não possui câmaras de gás!" ou, "Israel não cometeu este ou aquele crime" — frases às quais podem ser acrescentados muitos dos crimes nefandos cometidos pelos nazistas nas últimas horas do seu domínio na Europa (1941-1945). "Portanto, como pode o senhor sequer mencionar o conceito de nazismo em relação a Israel?" Existem várias respostas possíveis a essas objeções; mas, uma vez que é um velho costume judeu responder a uma pergunta com outra pergunta, começarei por perguntar, seguindo o hábito dos meus ancestrais: existiam câmaras de gás na Alemanha nazista de 1933-1939? Com efeito, *naquele* período, muito poucos judeus foram mortos na Alemanha. O principal aspecto da administração nazista daquela época era a discriminação racial legalizada contra os judeus, um sistema (apoiado pelo Estado) de terríveis maus tratos contra eles, juntamente com a humilhação e a opressão diárias — tudo isso destinado a fazer com que eles emigrassem da Alemanha. Poderíamos, então, dizer que os nazistas alemães de 1933-1939 não eram nazistas? Poderíamos dizer que o próprio Hitler, ao escrever *Mein Kampf*, não era nazista, e só se tornou nazista de repente, quando foi dada a ordem final de exterminação em 1941? Ao que eu saiba, ninguém jamais fez afirmação tão ilógica a respeito dos nazistas alemães. É óbvio que o oposto é verdadeiro: o nazismo alemão foi um movimento coerente e sistemático, que passou pelos estágios do incitamento racista e chauvinista para a discriminação legalizada, para forçar pessoas a deixarem o país onde tinham nascido e, em seguida, para uma maior expansão territorial combinada com brutalidade extrema, massacres e genocídio. Na atual sociedade

judaica, estamos assistindo aos estágios finais do primeiro desses períodos.

Em segundo lugar, examinemos o significado de "democracia", "liberdade" etc. Há quase 16 anos, Israel vem sendo habitado, na verdade, por duas entidades humanas diferentes: a dos cidadãos israelenses, na qual os judeus gozam de grande dose de democracia (embora atualmente alguns se perguntem "até quando?") e os habitantes palestinos e libaneses dos territórios ocupados cuja situação é pior — como demonstrarei mediante exemplos — do que a situação dos judeus na Alemanha nazista de 1933 a 1939. Não só a situação nos territórios ocupados tem caráter nazista, legal e praticamente, como também, não pode, de fato, ser compreendida sem que se use o modelo alemão. Ou seja, todas as peças se ajustam, como num quebra-cabeça, quando se adota esse modelo. Portanto, encaremos o termo nazificação como o nome de um processo — que pode ser detido e até mesmo revertido, mas somente se sua natureza for reconhecida a tempo.

Em apoio à minha tese, citarei fatos sociais gerais que são inegáveis e que, na verdade, são confessados, muitas vezes com orgulho, pelas autoridades israelenses (da mesma forma como não são negados pelas principais organizações judaicas dos Estados Unidos). Não discutirei a tortura nem os efeitos do bombardeio de Beirute ou do massacre de Deir Yassin e de muitas outras atrocidades, uma vez que não é de atrocidades que depende a natureza do nazismo. Lembrando a velha norma — "não faças a outros o que não queres que te façam" —, indagarei de início o que se diria se alguns dos fatos que citarei adiante fossem cometidos contra os judeus em qualquer país do mundo.

Há coisa de alguns anos, um chefe do estado-maior dos Estados Unidos fez certas afirmações ofensivas contra os judeus. Como seria de esperar, todo o país entrou em crise, e a autoridade em questão teve de pedir desculpas. Abaixo estão algumas das últimas declarações do recém-aposentado chefe do estado-maior israelense, general Rafael Eitan, acerca dos árabes. Nenhuma dessas declarações foi objeto de retratação, e nenhuma delas chegou a ser criticada por qualquer político israelense importante:

"Meu pai já me dizia que não se pode confiar num árabe". (Citado por Amos Elon em *Ha'aretz*, 28 de janeiro de 1983.)

"Todos os árabes são iguais, seja em Arabe (pequena cidade de Israel), em Ramallah ou em Gaza. Todos devem ser exterminados. Quero medidas eficazes que os levem a emigrar. (...) Devemos fazer todo o possível para que eles vão embora daqui". (O grifo é meu. A citação foi feita por Amir Oren, importante correspondente militar israelense, em

*Koteret Rashit*, semanário popular hebraico, em 26 de janeiro de 1983.)

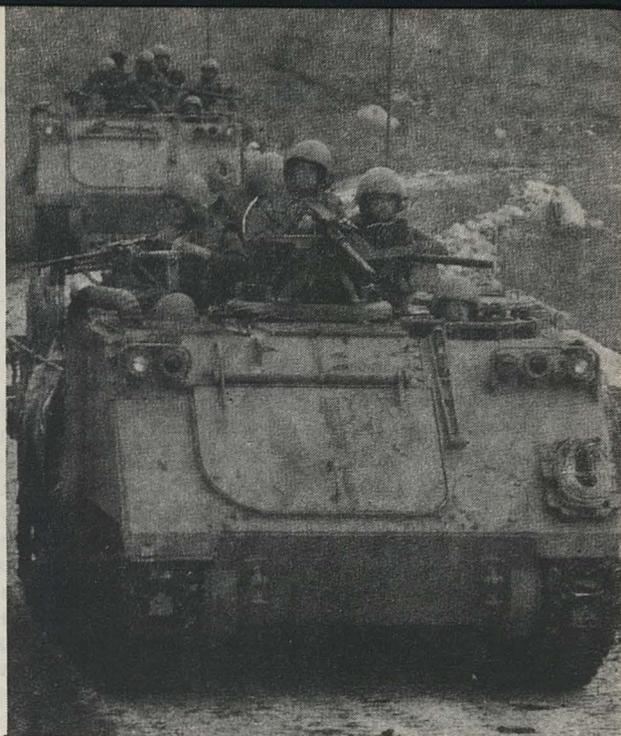
“Punir os pais pelos crimes dos filhos é um princípio que funciona bem com os árabes”. (Essa declaração foi feita num depoimento formal de Eitan, publicado no *Ha'aretz* e na maioria de outros jornais israelenses em 10 de fevereiro de 1983.)

Analisemos essas declarações. O que logo nos chama atenção é que, para o chefe do estado-maior israelense (que, na ocasião, estava encarregado dos territórios ocupados), “todos os árabes” são iguais, exatamente como, para Hitler, todos os judeus eram iguais, e o “conceito” que o general Eitan tem de todos os árabes é o mesmo que Adolf Hitler tinha de todos os judeus: os judeus “são todos iguais” e “não se pode confiar em nenhum judeu”. Para ambos esses homens, grosseiramente racistas, a questão da descendência árabe ou judaica tinha tamanha importância que quaisquer distinções, fossem distinções individuais ou de cidadania, classe etc., eram inteiramente irrelevantes. Todos os membros do grupo odiado são iguais.

As consequências naturais e inevitáveis de tais opiniões, quando mantidas por pessoas em posição de autoridade (Hitler ou Eitan) são, primeiro, o desejo de livrar-se de todo o grupo inimigo, fazendo-o deixar o país. Se, como muitas vezes acontece, muitos deles não quiserem deixar o país onde nasceram ou não o fizerem com suficiente rapidez, a segunda consequência passa a operar: “Todos devem ser eliminados”, como disse Eitan.

Em várias ocasiões, no passado e no presente, a norma de forçar os palestinos a abandonarem o país vem sendo implantada nos territórios ocupados. Paralelamente, na Alemanha nazista, encontramos, na carreira de Adolph Eichmann, uma persistente política de aplicar vários tipos de pressão a fim de levar os judeus a saírem da Alemanha. Em 1938, Eichmann foi transferido para um território recém-conquistado (a Áustria) a fim de implantar ali a mesma política, dessa vez em escala bem maior. Sua última tarefa, como encarregado da “Solução Final”, decorreu naturalmente da tarefa inicial de “forçá-los a emigrar”. Da mesma forma, vemos nas declarações oficiais do general Eitan como as “medidas eficazes que os levem a emigrar” já estão sendo convertidas no estágio final do nazismo, estágio no qual “todos devem ser exterminados”.

Para que o leitor possa melhor compreender esta questão, pedirei que ele se imagine na situação de um palestino, num território administrado por Eitan, que ouve declarações desse tipo quase diariamente (eu poderia citar milhares de outras). Imagine, por exemplo, o que realmente significa punir os pais pelos crimes dos filhos, coisa que



*...o conceito que o general Eitan tem dos árabes é o mesmo que Hitler tinha dos judeus...*

acontece diariamente a centenas de palestinos. O castigo, por sinal, não é uma punição legal, mesmo quando esta é decretada pelas cortes militares. Não: o castigo é, geralmente, o espancamento de um pai diante dos filhos, uma vez que, segundo explicam os “peritos” de Eitan, isso “funciona bem com os árabes”. Tal castigo pode também significar que todos os pais de determinada aldeia ou bairro sejam agrupados, a altas horas da noite, num local distante, quer chova ou não, para serem detidos e brutalizados à maneira nazista. Recebem ordens de defecar ou urinar uns nos outros, de aplicarem bofetadas nos rostos uns dos outros ou espancarem-se mutuamente, de escreverem os números de suas carteiras de identidade nos braços uns dos outros — sendo este último requinte uma homenagem à memória dos judeus detidos em campos de concentração alemães. Até nisso os judeus nazistas vêm imitando os nazistas alemães!

Tudo isso e muitas outras coisas têm sido objeto de documentação em descrições e depoimentos publicados na imprensa hebraica (mas cuja tradução para o árabe e publicação nos territórios ocupados são proibidas). E, naturalmente, esse tipo de

*...tem havido um vigoroso debate público em Israel e uma forte minoria já percebeu o perigo da nazificação crescente...*

matéria não é considerado "notícia digna de publicação" pelo *New York Times* ou por outros membros da imprensa escrita ou falada dos Estados Unidos, exatamente porque tais atrocidades estão sendo cometidas por judeus contra cidadãos não-judeus. Caso elas estivessem sendo cometidas contra judeus em qualquer país do mundo (que Deus nos livre de tal coisa), o Congresso norte-americano se reuniria em sessão especial. Assim, a conspiração de silêncio da mídia norte-americana auxilia o Congresso daquele país em sua campanha de aumentar o financiamento das citadas barbaridades de caráter nazista.

Uma das características dos nazistas alemães (como de todo movimento totalitário) era que acatavam a maioria das aspirações positivas da humanidade apenas para pervertê-las. Hitler sempre alegou ser "a favor da paz", justificando suas anexações pelo princípio da auto-determinação ou por direitos históricos — às vezes invocando a existência de reinos góticos na Ucrânia e na Criméia 1.500 anos antes. Tais princípios só eram invocados quando de acordo com o que ele considerava ser "do interesse alemão", sendo brutalmente negados em todos os outros casos. A atual política israelense com relação à terra dos territórios ocupados (e, em escala um pouco menor, com relação à terra de Israel) segue exatamente o mesmo caminho. O governo do *Likud*, bem como a maioria do Partido Trabalhista (juntamente com as principais organizações judaicas nos Estados Unidos) constantemente invocam o direito dos judeus de estabelecerem-se "em todas as áreas da Terra de Israel".

Por um momento, admitamos que tal direito exista, embora seja puro absurdo. (A Espanha, por acaso, reconhece que os descendentes dos espanhóis que foram para as Américas há 20 gerações têm hoje o direito de "estabelecerem-se" na Espanha?) Ignoremos até mesmo a maneira atroz como vem sendo anexada a terra da Cisjordânia e da Faixa de Gaza — confiscações, armadilhas jurídicas, pressão brutal etc. Vejamos apenas como a terra está sendo usada e compreenderemos o racismo que ali predomina. Toda a terra dos territórios ocupados convertida em "terra estatal" é reservada ao uso exclusivo de judeus — não de cidadãos is-

raelenses, note-se bem, mas de judeus de qualquer parte do mundo. Naturalmente, esse uso exclusivo acarreta ainda numerosos privilégios financeiros, mas o que nos interessa primordialmente aqui talvez possa ser melhor expresso por uma singela parábola. Vejamos:

A grande maioria do estado do Alasca é terra federal dos Estados Unidos, o que equivale à "terra estatal" de Israel e dos territórios ocupados. Não importa como se tornou terra federal. Suponhamos que a Constituição norte-americana fosse suspensa, e que os homens que mandam no país, que fossem governadores militares ou um congresso eleito pela maioria, aprovassem uma lei determinando que metade da terra do Alasca ficava reservada ao uso exclusivo de cristãos. Isso significaria que não só os judeus que nasceram no Alasca seriam proibidos de morar, construir casas ou comprar apartamentos em seu próprio estado natal, mas também todos os outros judeus dos Estados Unidos seriam igualmente proibidos de fazê-lo. E mais: imaginemos que qualquer cristão de qualquer país estrangeiro, mediante prova de que é cristão, tivesse permissão de estabelecer-se na metade "puramente cristã" do Alasca, ao passo que os seguidores de outra religião não o pudessem fazer.

Essa é exatamente a situação que existe hoje nos territórios árabes ocupados por Israel. Mais de metade da Cisjordânia foi confiscada com a finalidade exclusiva de colonização por judeus. Algumas das áreas expropriadas — como, por exemplo, a cidade de Efrat que está sendo atualmente construída — são entregues a judeus americanos. Quem não for judeu não pode estabelecer-se ali (como não pode estabelecer-se em qualquer terra estatal de Israel o que atualmente constitui cerca de 90% do total), *simplesmente por não ser judeu*. A ofensa racista não é perpetrada apenas contra os palestinos, embora estes, naturalmente, sejam os maiores prejudicados; é cometida contra todos os seres humanos de todo o mundo, da mesma forma como as leis antijudaicas dos nazistas eram uma ofensa contra toda a humanidade. Em particular, essas políticas israelenses são uma ofensa contra todos os cidadãos norte-americanos, os quais financiam o racismo que se volta contra eles com os impostos que pagam.

Quando, ao chegarem ao poder, os nazistas tiraram dos judeus alemães sua igualdade perante a lei, perseguindo-os e oprimindo-os diariamente, aqueles judeus que eram cidadãos de outros países também sofreram. Esses outros países, inclusive os Estados Unidos, protestaram. Hitler levou o protesto muito a sério e, mediante regulamentação seguida ao pé da letra, aqueles judeus que eram cidadãos estrangeiros foram excluídos das crueldades que

estavam sendo infligidas aos judeus alemães. No entanto, a discriminação racista que está sendo infligida pelo governo de Israel a *todos* os que não são judeus não está sendo combatida por muitos dos países cujos cidadãos são afetados e, de fato, vem sendo apoiada por alguns desses países — especialmente pelos Estados Unidos.

Há quase 16 anos, os israelenses que governam os territórios ocupados vêm aplicando abertamente — e, de fato, com orgulho — um princípio nazista de punição. Esse princípio manda que um grupo de pessoas, inclusive pessoas totalmente inocentes, seja punido pelo suposto crime de uma delas; que a punição, ao invés de ser individual, seja coletiva e arbitrária.

O que essa política acarreta em termos humanos para os palestinos (e, desde o ano passado, para os libaneses)? Citarei apenas alguns entre milhares de exemplos. Em primeiro lugar, acarreta a destruição das casas dessas pessoas. Quando as “autoridades” governantes prendem alguém que suspeitam ter cometido algum crime — muitas vezes, uma criança que atirou uma pedra contra um veículo militar israelense cheio de soldados armados —, destróem a casa onde reside a família do suspeito. A destruição quase sempre afeta um grande número de pessoas, uma vez que, sob o sistema de “famílias agrupadas”, 40 pessoas ou mais podem morar na mesma casa. Todas são expulsas de casa mediante aviso prévio de 3 a 60 minutos — crianças de colo, velhos, enfermos, todos, não importa quais sejam as condições do tempo. Às vezes, nem se chega a encontrar um suspeito; basta que um crime tenha sido cometido nas redondezas para que grande número de casas (até mesmo ruas inteiras, como ocorreu sob a administração de Moshe Dayan) sejam destruídas.

Uma nota pessoal: minha opinião quanto à natureza nazista da administração israelense dos territórios ocupados foi formada em 1968, quando eu costumava visitar os locais das casas destruídas para sentar-me na companhia das famílias, geralmente em silêncio. Nessa época, descobri que a maioria dos visitantes norte-americanos em Israel, judeus ou não, que se diziam firmes oponentes dos atos do governo norte-americano no Vietnã, agiam como escravos voluntários do governo de Israel, recusando-se a pronunciar uma só palavra quando uma criança, mulher ou velho palestino — em suma, qualquer ser humano que fosse palestino — era atirado ao relento, após ver destruído o teto de sua casa. Até hoje, não se vêem muitas organizações norte-americanas capazes de emitir uma palavra de protesto contra tamanha atrocidade — inclusive aquelas que, de vez em quando, falam em “resolver o problema palestino”.

É óbvio que o princípio de punição coletiva se baseia num racismo antiárabe que é aceito tanto por aqueles que a infligem como por aqueles que silenciam sobre ela. Tal princípio não se aplica, por exemplo, ao mais infame dos criminosos judeus. Quando um judeu, em Israel, atira uma granada contra um clube noturno, matando seis pessoas, ninguém sugere que sua casa seja destruída.

*...o princípio da punição coletiva se baseia num racismo antiárabe, aceito pelos que o aplicam e pelos que silenciam sobre ele...*

Pode uma criança de colo ser criminosa? Podem pessoas inocentes serem culpadas por pertencerem a um grupo? Os nazistas responderam a essas perguntas com um vigoroso “sim”, e foi seu endeuamento do princípio da punição coletiva em relação aos judeus, a partir de 1933, que levou à “Solução Final”. Da mesmíssima maneira, a aceitação da punição coletiva contra os palestinos levará, se não for detida, à exterminação desses últimos. Com efeito, a exterminação já é propugnada abertamente em Israel e em setores da comunidade judaica norte-americana (muitas reuniões judaicas nos Estados Unidos negam-se a ouvir um porta-voz do movimento *Peace Now* (“Paz Agora”), mas concedem a palavra ao nazista Meir Kahane e sua Liga de Defesa judaica).

A seqüela da punição coletiva é a punição arbitrária. Por exemplo, se o governador militar de uma cidade ou vila na Cisjordânia ou em Gaza

“Quando um judeu agride uma casa palestina, ninguém sugere que a sua seja destruída”



“não gosta” de certo palestino, pode simplesmente ordenar que sua vítima compareça ao pátio do comando militar, onde ficará de pé durante horas, dia após dia. Essa punição já foi infligida a numerosos grupos de palestinos, diariamente, semanas a fio. Alguns recebem ordens de ficar de pé dia e noite. Frequentemente, grupos de estudantes são tratados dessa forma em postos de comando militar, nos centros das cidades ou à beira das estradas, onde seus ônibus recebem ordem de parar, enquanto os passageiros são obrigados a sentar no chão, ficar de pé ou fazer exercícios de ginástica à vista dos passantes. Menciono esse último caso por ser o tipo de vexame mais comum e, de fato, o mais ameno. Muitos ônibus são detidos diariamente, sendo alguns ou todos os seus passageiros presos durante o tempo que o suboficial ou cabo israelense desejar. Se este for misericordioso, pode permitir que suas vítimas sentem; do contrário, elas terão de ficar de pé, com as mãos na parede, enquanto são espancadas.

*...aqueles que não se opuserem ao nazismo israelense estarão cometendo o mesmo erro dos que não se ergueram contra Hitler há 50 anos...*

Tudo o que citei acima é estritamente legal na opinião das melhores autoridades jurídicas de Israel e dos Estados Unidos. Tratamento semelhante, infligido a judeus alemães durante os primeiros anos do nazismo, e considerado legal na Alemanha de então, também teria sido aprovado pelos especialistas em direito dos Estados Unidos? Não sei. Mas qual pode ser a base legal possível para sistema tão arbitrário de punição, do qual os exemplos citados representam apenas a ponta do *iceberg*?

O poder legal de Hitler baseava-se numa espécie de “ato institucional”, aprovado de forma bastante legal pelo Reichstag e que permitia ao Führer e a seus representantes, em linguagem clara, fazer o que bem entendessem ou, em linguagem jurídica, emitir regulamentos com a força de leis. Exatamente o mesmo tipo de ato foi aprovado pelo *Knesset* (Parlamento israelense) imediatamente após a conquista de 1967, concedendo ao governador militar israelense e a seus representantes os poderes de Hitler, que eles usaram à maneira de Hitler. Em ambos os casos, os respectivos parlamentos abdicaram de sua responsabilidade, transformando a pessoa à qual entregaram poderes sem li-



Os palestinos diariamente sofrem castigos arbitrários

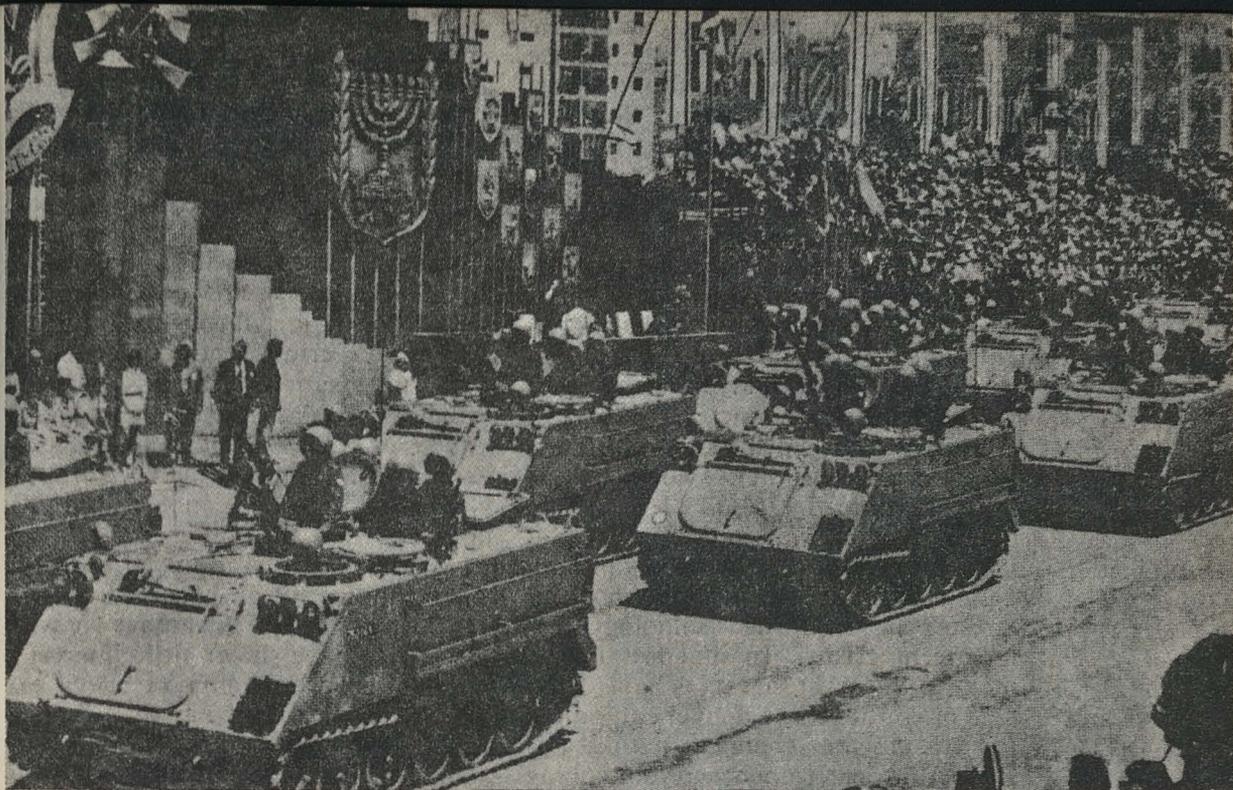
mites em ditador, promotor, juiz e executor ao mesmo tempo. Israel — ou melhor, a área governada por Israel — é metade nazista e metade democrática, da mesma forma como os Estados Unidos foram, até 1865, metade escravos e metade livres — situação que não pode perdurar. Ou Israel se torna inteiramente nazista, para ser destruído mais tarde, ou se torna um país livre.

Não obstante tudo o que foi exposto acima, há ainda alguns motivos de esperança. Tem havido vigoroso debate público em Israel, e uma forte minoria israelense já se apercebeu dos perigos da nazificação e, no ano passado, expressou de público seus sentimentos. Infelizmente, a situação nos Estados Unidos não é tão animadora. Lá não se conhece a doença em toda a sua inteireza. Assim, terminarei este artigo citando alguns exemplos do tipo de opiniões de caráter nazista que são hoje propagadas na sociedade israelense — opiniões que, felizmente, encontram oposição. Não citarei grupos ou indivíduos marginais. Todas as citações são de indivíduos ou grupos oficiais e poderosos, intimamente vinculados ao governo, do qual recebem o grosso de suas rendas (sendo, portanto, financiados indiretamente por cidadãos norte-americanos). Eu próprio traduzi os textos a partir do hebraico.

Em minha opinião, aqueles que não se opuserem ao nazismo israelense, tal como indicado pelas declarações abaixo e pelos pronunciamentos do general Eitan e de muitos outros, estarão cometendo o mesmo crime cometido por aqueles que, há 50 anos, não se ergueram contra Hitler. Além disso, acredito que a luta contra anti-semitas e a luta contra o chauvinismo e o nazismo judaicos são inseparáveis. Todos devemos lutar contra ambos ao mesmo tempo.

#### As opiniões do “Gush Emunim”

Anúncio publicado pelo *Gush Emunim* (o “Bloco dos Fiéis”):



Para o *Gush Emunim*, com a invasão do Líbano, Israel "teve a honra" de conquistar "mais uma parte do *Eretz Israel*"

"Para nós, a guerra pela Paz da Galiléia é uma guerra santa e um ato sagrado que faz parte das atividades de Israel. Nela, teremos de realizar quatro coisas importantes:

1. Libertar a Galiléia (e, indiretamente, todo o Estado de Israel) da ameaça de bombardeios e chacina, bem como restaurar o respeito, a paz e a segurança nessa parte do país. Outro passo no grande processo: "Honra teu povo".

2. Recuperar os territórios das tribos de Naftali e Asher. Essas partes do nosso país continuam ainda longe da conscientização geral da nação, mas, intencionalmente ou não, nos coube a honra de conquistar mais uma parte de *Eretz Israel* — "essa bela montanha e o Líbano". Outro passo no grande processo: "Dá alegria ao teu país".

3. Esmagar a poderosa força síria que ameaçou Israel, destruindo seus mísseis e aviões através de nossa gloriosa força aérea. Outro passo no grande processo: "E o mal desaparecerá numa nuvem de fumaça".

4. Decepar o braço criminoso do terrorismo da OLP, que no passado movimentava seus tentáculos a partir dos seus centros em Beirute e, durante anos, matou pessoas, mulheres e crianças em todo o mundo. O dever de Israel não é assegurar agora a paz da Galiléia, e sim agir para destruir todas as forças do mal em todo o mundo. Outro passo no grande processo, cujo verdadeiro significado é:

"Destruirás o domínio do mal".

"Embora certas dúvidas tenham sido levantadas durante a guerra, devemos manter as proporções entre a grandeza do ato e da ocasião e as questões aventadas. Assim, é dever de todo homem grato de Israel agradecer a Deus que nos treinou para a guerra e para as grandes realizações da guerra pela Paz na Galiléia, e abençoar todos os que se encarregaram da tarefa e, acima de tudo, os bravos líderes de Israel: o primeiro-ministro Menahem Begin, o ministro da Defesa Ariel Sharon, o chefe do estado-maior Rafael Eitan, e o comandante Amir Dori da Frente Norte.

SEDE FORTES!

Saudações, "Gush Emunim". (*Ma'ariv*, 3/10/1982)

**Trecho de artigo assinado por Dani Rubinstein**

Resumindo sua posição no tocante ao Líbano, Gershon Shefet, membro do secretariado do *Gush Emunim* e um dos líderes do Partido *Ha Tehiya*, diz que devemos diferenciar entre três regiões libanesas: a área de Trípoli e Bekaa, em relação à qual a Síria tem certos interesses e reivindicações; a área de Beirute e das Montanhas do Líbano, que é a área dos cristãos e o centro do Líbano cristão; e a área do sul, que interessa à nossa segurança e que

devemos manter. O *Gush Emunim* não exige que Israel se estabeleça com colônias nessas áreas, da mesma forma como agora não exige o estabelecimento de colônias israelenses no *Gil'ad* (Jordânia do Norte) e em toda a margem leste do rio Jordão, que também pertence a *Eretz Israel* e que, durante os anos do mandato britânico, foram incorporados ao patrimônio nacional ("as duas margens do rio Jordão"), embora na época houvesse planos para o estabelecimento de judeus e compra de terras para esse fim.

"O anúncio publicado pelo *Gush Emunim* chocou muitas pessoas, inclusive o vice-ministro do Exterior, Yehuda Ben Meir, que se considerava um dos fundadores do *Gush Emunim*, organização que, em sua opinião, desvirtuou suas finalidades. Ben Meir demonstrou irritação não somente com a exigência de que *jamaiz deveremos nos retirar do Líbano* (segundo o anúncio), mas principalmente com a parte do anúncio que menciona que é papel de Israel *eliminar o mal em todo o mundo*. Segundo Ben Meir, tal exigência nos levaria a uma guerra eterna. Em sua opinião, isso significa exigir que conquistemos a Síria e a Turquia, e nos tornemos o policial que vigiará o mundo. Ben Meir exagera um pouco, pois o anúncio do *Gush Emunim* diz que Israel deve agir dentro de suas forças. Mas não exagera muito, se examinarmos um artigo escrito por um dos rabis do *Gush Emunim*, o rabi Elazar Waldman, de Kiryat Arba, publicado no *Nekuda* há dois meses: 'Devemos definitivamente determinar a ordem no Oriente Médio e em todo o mundo. Quem mais deveria estabelecer a ordem mundial? Esses homens deíbeis que são os líderes do Ocidente?' " (*Davar*, 8/10/1982)

#### Opiniões de alguns rabis israelenses

*Trechos de um artigo intitulado "Sujeira e Mestiços", de Eliyahu Salpeter:*

"Ultimamente, encontra-se não raro em Israel uma mistura de fanatismo religioso e nacionalismo extremado. Desde Kiryat Arba até o *bunker* dos homens de Kahane em Yamit — para não mencionar o rabi Goren — vemos como essa mistura contribui para a formação da sociedade israelense. Mas não é sempre que conseguimos ver o reflexo chocante de tais valores, como no caso da declaração de um jovem rabi sobre a questão dos casamentos mistos entre judeus e árabes.

"Ouçamos a entrevista que o rabi Yoseph Yashar, de 34 anos, deu à Rádio Israelense a respeito da 'sujeira' dos casamentos mistos, que estamos 'varrendo para debaixo do tapete'.

"O reverendo rabi não fala com ódio, e sim com pena: 'Sinto dor e pena pelas mulheres judias que se casam com árabes. Mais do que isso, porém, receio pelo futuro do Estado de Israel e do aspecto que terá, se surgir uma geração futura capaz de aceitar e acomodar os mestiços'. Essa expressão pareceu forte demais para o entrevistador, que disse: 'Mestiço soa mal. Para que rotulá-los dessa forma?' O rabi, porém, não cedeu: 'Mas é a verdade...'

"'No futuro, os países árabes não precisarão travar guerras para nos destruírem', disse o rabi Yashar. Embora tenha 'chechado e examinado' o assunto, afirmou não possuir dados estatísticos, mas que está convencido de que os cinco casos por ano mencionados pelo *cadí* muçulmano de Acre são uma cifra 'deliberadamente conservadora'. O rabi não sabe dizer quantos casos dessa natureza existem, mas afirma que 'o fenômeno tem dimensões espantosas — não só casais recém-casados, mas também mulheres judias e homens árabes que se encontram e saem juntos...'" (*Ha'aretz*, 4/11/1982)

#### Opiniões postas em prática

*"Não digam que não sabíamos, que não ouvimos dizer", por Aharon Bachar.*

"Essas coisas só são publicadas aos poucos, de modo que não recebem a atenção que merecem. As pessoas vêem-nas com indiferença, lêem-nas e dão de ombros. Aqueles que examinam atentamente cada centímetro quadrado situado além da linha verde — estes, especialmente, procuram esconder ao máximo o que está sendo feito nos bastidores de Israel.

"Nos meses que antecederam à guerra do Líbano, testemunhos detalhados de fatos terríveis que estavam acontecendo nos territórios ocupados acumulavam-se na mesa de Avrakam Katz Oz, M. K., um dos 'gaviões' do Alinhamento. Não os publicou, diz ele, por uma questão de senso de responsabilidade, preferindo confiar suas preocupações aos ouvidos de Israel Galili. Ambos decidiram apelar a Begin e expor os fatos diante dos seus olhos. No mesmo dia, foram convidados a comparecer ao gabinete do primeiro-ministro.

"Begin ouviu os testemunhos em silêncio, de rosto fechado. De repente, enquanto Katz Oz lia os depoimentos, os ombros de Galili começaram a tremer. O homem que era o oráculo de Golda Meir e o autor do documento ferrenho conhecido por seu nome, não conseguia se controlar. O velho Israel Galili caiu em prantos. Begin mantinha sua expressão chocada e severa. Era evidente que as coisas que estava ouvindo o chocavam profundamente. Pela primeira vez desde que assumira o poder,



Um soldado israelense na Cisjordânia: nos territórios ocupados a repressão é particularmente dura

David N. Smith/Camera Press

encontrava-se face a face com o seu velho oponente dos tempos anteriores ao estabelecimento do Estado de Israel. Só podia lamentar que tal reencontro estivesse ocorrendo em tais circunstâncias.

“Katz Oz deu-se ao trabalho de apresentar os depoimentos a dois outros membros do *Knesset* — Emry Ron, M. K., da oposição, e Dan Tichon da coalizão — para evitar que eles fossem explorados politicamente. Parte desses depoimentos tem a ver com atividades de punição coletiva verificadas na vila de Halhul (cidade da Cisjordânia, não muito longe de Hebron):

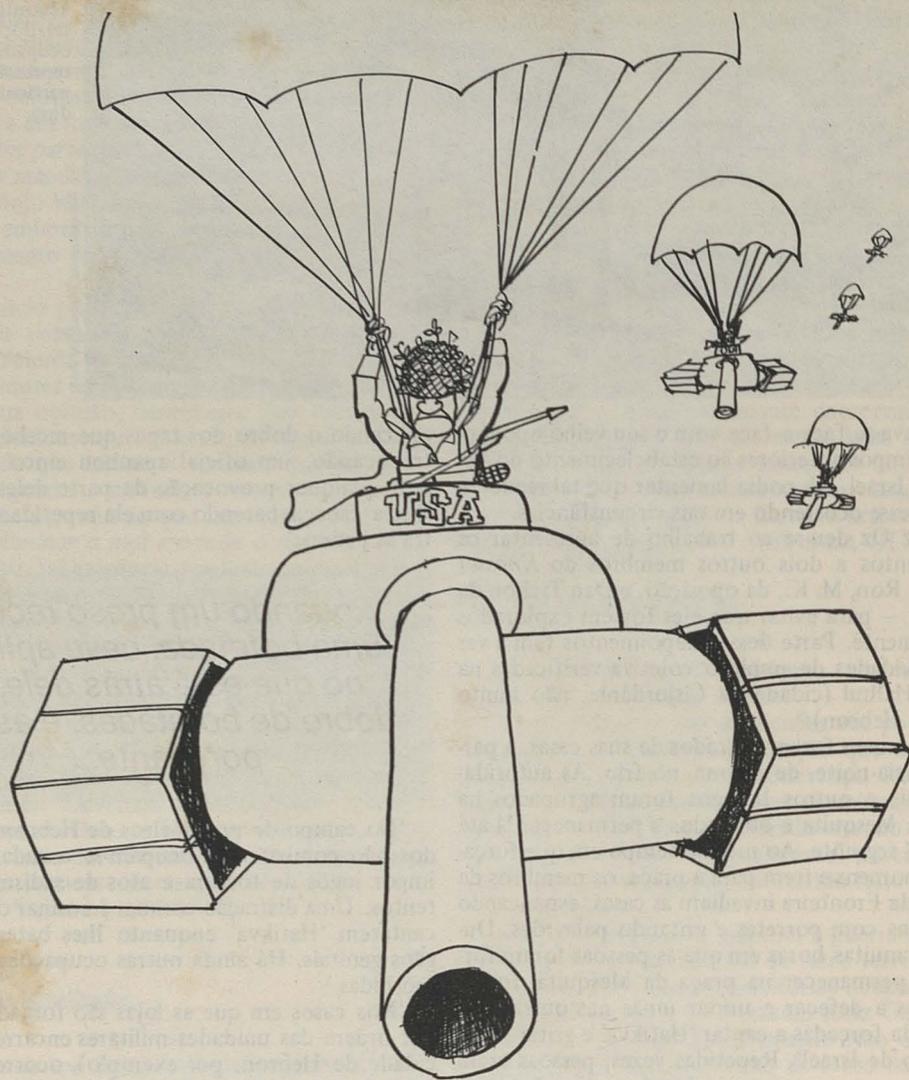
“Os homens foram retirados de suas casas, a partir da meia-noite, de pijama, no frio. As autoridades locais e outros homens foram agrupados na praça da Mesquita e obrigados a permanecer lá até a manhã seguinte. Ao mesmo tempo em que forçavam os homens a irem para a praça, os membros da Guarda da Fronteira invadiam as casas, espancando as pessoas com porretes e gritando palavrões. Durante as muitas horas em que as pessoas foram forçadas a permanecer na praça da Mesquita, foram obrigadas a defecar e urinar umas nas outras; foram ainda forçadas a cantar ‘Hatikva’ e gritar ‘Viva o Estado de Israel’. Repetidas vezes, pessoas eram agredidas com porretes, recebendo ordem de arrastarem-se no chão. Algumas tiveram de lambe o chão. Ao mesmo tempo, quatro caminhões foram confiscados e, quando raiou o dia, os habitantes foram carregados nos caminhões, cerca de cem em cada veículo, como se faz com carneiros, e levados à sede da administração militar em Hebron. No Dia do Holocausto, dia 27 do mês de Nisam segundo o calendário judaico, os presos receberam ordem de escrever números nas mãos, em memória dos judeus detidos nos campos de concentração. O tratamento usual dado aos presos é o espancamento com porretes. Outro método é o jogo de ‘bater na cara’: quando um preso recebe uma bofetada no rosto, deve esbofetear a pessoa atrás dele, na fila,

aplicando o dobro dos tapas que recebeu. Em outra ocasião, um oficial apanhou cinco rapazes e, sem qualquer provocação da parte deles, segurou-lhes a cabeça, batendo com ela repetidamente contra as pedras.”

*...quando um preso recebe uma bofetada, deve aplicar no que está atrás dele, o dobro de bofetadas, e assim por diante...*

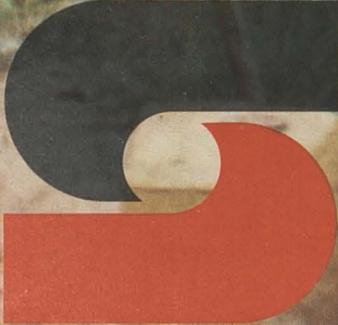
“No campo de prisioneiros de Hebron, os soldados não combatentes ocupam-se a cada noite em impor jogos de tortura e atos de sadismo aos detentos. Uma distração comum é ensinar os presos a cantarem ‘Hatikva’ enquanto lhes batem nos órgãos genitais. Há ainda outras ocupações sádicas e mórbidas.”

“Nos casos em que as lojas são forçadas a abrir por ordem das unidades militares encarregadas (na cidade de Hebron, por exemplo), ocorrem saques enquanto as portas se abrem. As vezes, no decorrer do processo, as lojas são incendiadas, sendo impossível saber se o fogo foi intencional ou não. O comportamento de alguns dos colonos da área geralmente independe do comportamento do exército. Eles se arrogam em polícia, inclusive invadindo casas para manutenção da ordem, enquanto empregam ameaças e espancamentos. No campo de prisioneiros da administração militar de Hebron, permite-se que os colonos entrem e agridam os presos. Em Hebron, em pelo menos um caso, embora se conheça a identidade do colono que matou um árabe, o homem não foi preso, alegando a polícia falsamente não poder encontrá-lo.” (*Yedioth Achronot*, 3/12/1982)



VEJA VOCÊ! OS AMERICANOS  
INSISTEM EM QUE  
ESTAMOS FAZENDO  
UM AEROPORTO  
PARA RECEBER  
ARMAMENTOS!

ANTES FOSSE!



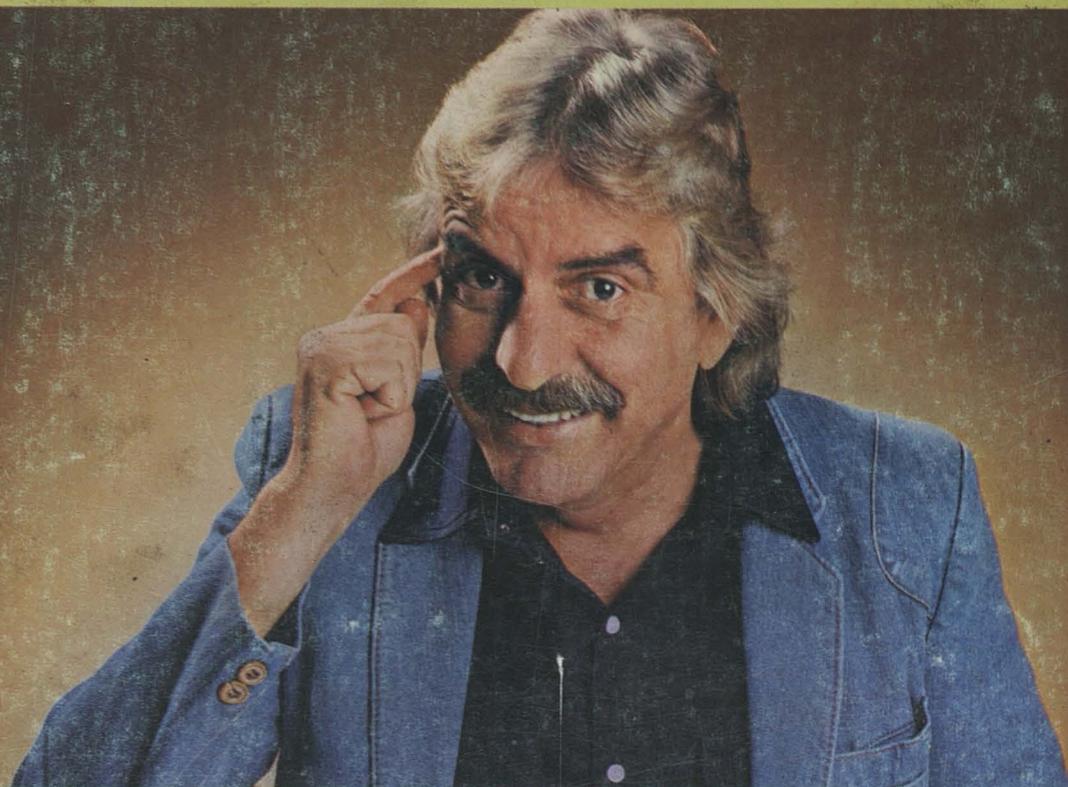
**nosso petróleo  
onde  
é necessário...**

Sociedade Nacional  
de Combustível de Angola

**ONANGOL**

rua duarte pacheco pereira, 8  
c.p. 1316 • Luanda  
telex 3148 3260

**AS COISAS ESTÃO  
MUDANDO.**



**CADERNETA  
BANERJ**

**GARANTIA DO GOVERNO FEDERAL,  
DO GOVERNO ESTADUAL E DO BANERJ.**

